

Histórias sem nexos,  
Sem contexto  
E outros contos de embalar

## As noites contigo

- Porque é que me metes a ver coisas para miúdas?
- Tu gostas. - Respondi eu enquanto descascava mais um pistacho.
- Não gosto nada.
- Então porque é que nem desvias o olhar da televisão?
- Porque... olha ela vai mesmo ter com ele!!

Acho que fiz uma careta bem disposta. Para quê constatar a realidade em voz alta? A preocupação dele era com o desenrolar da série e o meu eram os pistachos que não estavam suficientemente abertos para meter lá o polegar e partir a casca. Desisti dos pistachos porque já não havia mais nenhum aberto e preparei-me para esticar as pernas... para cima dele, claro.

- Posso?

Nem precisava de ter perguntado, ele levantou os braços mesmo antes de eu fazer o movimento. Ajeitei a almofada atrás da minha cabeça e deixei as pernas repousadas no colo dele. Por muito que me custasse a admitir, partilhávamos o conforto de uma familiaridade admirável.

- O que é que eu perdi?
- Ah, ela descobriu finalmente que ele anda a fazer diálise às escondidas e o Richard declarou-se à Alice.
- Quem?
- A pediatra. Cala-te só um bocadinho porque está quase no fim.

Sorri e espreguicei-me. Fechei os olhos com um sorriso nos lábios e esperei que o meu cérebro fosse bom o suficiente para guardar aquela sensação de puro contentamento.

- Bem, nem acredito que acabou quando ela estava a chegar!

Abri os olhos de repente com medo que ele estivesse a falar comigo, mas

não, estava ainda a olhar para o genérico que já tinha começado a passar.

- Então e agora? Queres ver um filme?

- Acabaste com os pistachos?

- Bem, deixei-te os que representam um desafio...

- Que filmes tens aí?

- Aquelas prateleiras todas. Podes escolher, eu confio no teu bom gosto.

- Não me apetece levantar.

- *Zapping?* - Ele encolheu os ombros. - Depois da descoberta que foi colocarem mais de quatro canais num cabo, já metiam um botão para passar de canal automaticamente a cada cinco segundos...

- Tu és a pessoa mais preguiçosa que eu conheço.

- Fica sabendo que me esforço muito para ser assim. Não é fácil!

Ele riu-se e abanou a cabeça. Se eu pudesse ouvir os pensamentos dele, aposto que seriam qualquer coisa como "tu não existes!".

- Então o que tens feito? Desde a semana passada?...

- Trabalhar.

- Podes ser mais específico mas num vocabulário que eu entenda?

- Para ser sincero, continuamos a fazer o mesmo da semana passada que tu não entendeste. Parece que aquela porcaria nunca mais está pronta, há sempre qualquer coisinha mais para fazer! E amanhã tenho que voltar lá.

- Amanhã é sábado?

- Eu sei.

- Tu é que sabes, o dia de descanso é teu.

- E tu não fazes nada, não é?

- Eu esforço-me por isso. Especialmente por não pensar em trabalho ao fim-de-semana. Tenho direito a dois dias de descanso por semana e ai deles se não me deixam aproveitá-los!!

- Não sei como consegues.

- O mesmo para ti, mas prefiro estar no meu lugar... claro!

Ele riu-se e virou-se um pouco mais para mim enquanto me fazia umas

mini-massagens nas pernas. Eu continuava encantada com a quantidade de canais que não me interessavam ver. Deixei a televisão num canal qualquer daqueles tipo o Discovery ou Odisseia e concentrei-me nele - devia ter comprado mais pistachos.

- Então como vai a namorada?

- Não vai.

- Ah, não sabia. Quando é que isso aconteceu?

- Ela ainda não sabe.

- Aaah... parece-me simpático da tua parte.

- Porque é que queres saber?

- Só para fazer conversa. Sinceramente, não me interessa muito. Tu evitavas juntar-nos de qualquer modo.

- Isso não é verdade.

- Tu é que sabes! - E pisquei-lhe o olho.

- Eu devia ir para casa porque amanhã acordo cedo, aliás, eu nem devia ter passado por aqui.

- Eu não te convidei...

- Eu sei, se esperasse que me convidasses nunca te via.

- Estás a ver como sabes? É mais giro apareceres sem aviso!

Deitei-lhe a língua de fora e ele inclinou-se para beijar-me. O beijo podia ser perfeito com ele inclinado sobre mim com muito cuidado para evitar que as minhas pernas caíssem para a frente. Mas a minha língua deu o alarme.

- O que é que estiveste a comer?!

- Ah... ups, comi um chocolate com nozes ou avelãs ou o que é aquilo!...

- E beijaste-me mesmo assim? Tu sabes que eu não gosto! Agora tenho que ir beber qualquer coisa para tirar este sabor... Blherc!

- Desculpa? - Ele riu-se divertido porque tinha feito de propósito.

- Vou à cozinha. Queres alguma coisa?

Em vez de responder, seguiu-me. Eu fui direita ao pão para fazer torradas e ele ficou a inspeccionar as bebidas no frigorífico.

- Sabes do que me estava a lembrar por causa de seres tão esquisita?
- Eu não sou esquisita, só não gosto de nozes e avelãs, amendoins e essas coisas no chocolate! O chocolate é bom por ser chocolate... não é por ter um monte de outras coisas para poupar no chocolate!
- Continuando o que estava a dizer, o gelado *Magnum*!
- Não entendi?
- Eu comprava sempre o *Magnum Classic* porque tu não gostavas dos outros.
- Não sabia que fazias isso por mim, pensava que gostavas.
- E gosto, mas comprava por causa de ti.
- Estás desculpado pelo que me fizeste há pouco. E quanto ao gelado, já vai com uns anos de atraso mas obrigada.
- De nada. Tu sempre beijaste bem!

Fiz-lhe outra careta e desviei a minha atenção para a torrada. Ele voltou para a sala com duas bebidas.

- Olha, desculpa se atrapalhei alguma coisa com a tua namorada.
- Ex... Não te preocupes, ela nunca soube.
- Eu sei. Quer dizer, eu não lhe contei. Mas não te sentiste estranho quando estavas comigo? Eu sei que não fizemos nada de especial, mas há sempre aquela tensão esquisita entre os dois.
- Acho que das primeiras vezes que me apeteceu abraçar-te senti que não estava certo. Depois não sei... deixei de sentir-me culpado.

Desisti de estar de pé e voltei a sentar-me ao lado dele. Desta vez deixei os pés no chão.

- Olha o que eu encontrei!
- *After Eight*?! Onde é que encontraste isso?
- Estava no teu frigorífico.
- Aah, e não pediste autorização antes de tirar? Sabes que isso é sagrado cá em casa!

- Pensava que não gostavas de chocolate com outras coisas misturadas para poupar no chocolate?...

- Isso é roubo seguido de uma espécie de plágio verbal!...

Ele olhou para mim com um ar divertido enquanto tirava o chocolate e o metia na boca, muito devagar. Um devagar teatral, definitivamente. Começou a saboreá-lo com ar trocista e disparou:

- Ah, esqueci-me de dizer que este era o último chocolate que estava dentro da caixa!

- O quê??!

- Agora não vais parar o beijo a meio, pois não?...

## Nina

Abro os olhos como se acordasse no meio da noite com um estrondo.

Custa-me a perceber onde estou... oiço o piano e o contrabaixo num ritmo irrepreensível. Gosto do modo como os meus tímpanos vibram. Volto-me para trás e mal vejo o bar e o barman a abanar ligeiramente os ombros enquanto limpa os copos. Volto-me novamente na direcção da música e observo a plateia. Os homens mais empolgados com o espectáculo encontram-se chegados à frente, junto ao palco. Eu estou sensivelmente a meio da sala, a luz é ténue e apenas um holofote ilumina a curvilínea figura que canta numa voz envolvente que se sente cansada da bebida e talvez... de tabaco? Mas onde estou eu?

*...Scent of the crime you know how I feel... and I'm feeling good...*

Sento-me melhor na cadeira, acomodo-me e deixo que a música brilhantemente cantada tome a minha atenção. A sala cheira a fumo e mesmo eu cheiro a fumo. Tenho um copo de whisky à minha frente que não me lembro de tê-lo pedido. Aliás, nem me lembro de gostar de whisky. Reparo agora que tenho um fato completo cinzento e um chapéu na cabeça. Já não me espanto de encontrar um maço de tabaco no bolso esquerdo do meu casaco. Provavelmente também fumo. Gosto da acústica do local, gosto que ninguém fale e se limite a ouvir. O público respira ao ritmo das ancas da cantora, acena com a cabeça quando ela se aproxima e inclina-se perigosamente na cadeira na direcção do palco. Quando me decido a levar o copo aos lábios, eis que tu entras. É como se o tempo tivesse parado, e eu fiquei gelado. Apareces vestida de preto e branco, o vestido preto colado ao corpo, olhos negros, cabelo solto escuro caído pelas costas e a pele branca com uma nota dissonante de cor brilhante: os lábios encarnados sangue.

*...Now you're here, now I know just where I'm going  
No more doubt or fear, I've found my way  
Your love came just in time, you found me just in time...*

Meu Deus... deixo escapar num sussurro. Ainda tenho o copo suspenso no ar e já levemente inclinado. Sorris e acenas-me. Conheces-me? Vens para estar comigo? Que sonho é este que sinto tão real?... Sentas-te de pernas cruzadas, olhas para mim num sorriso enorme. Eu não oiço nada, estou parado a contemplar o pequeno reflexo do holofote que vejo no lado direito dos teus lábios. Sorrio ao ver o teu ar entusiasmado a contar qualquer coisa que não entendo. Agarras-me a mão e puxas-me para um canto da sala. Encostas o teu corpo ao meu e balanças-te, arrastando-me no teu ritmo. Eu não sei o que fazer, sinto o ritmo da música no nosso doce balanço, mas sinto-me ligeiramente envergonhado de sermos as únicas pessoas de pé a dançar. Olho em redor e reparo que, na realidade, ninguém tirou os olhos do palco. Eu e tu somos invisíveis aos olhares de todos, excepto talvez da cantora. Descansei a minha cabeça sobre a tua, apertei mais a tua mão e trouxe-a para junto ao meu ombro direito. Deixei embalar-me por ti e pela música. Tive que fazer algum esforço para não deixar fugir uma lágrima teimosa, fui tomado por uma felicidade grande demais para aguentar dentro de mim. Fiz uma promessa silenciosa: não vou deixar que fujas de mim. Vou estar sempre ao teu lado, amar-te sempre como neste momento. Amar-te mesmo quando os teus cabelos deixem de ser negros e o vestido deixe de servir-te. Queria sentir aquela felicidade arrebatadora todos os dias, para o resto da minha vida.

O ruído aumenta de volume até se tornar demasiado para conseguir pensar. Abro os olhos, mas a intensidade da luz força-me a fechá-los novamente. Olho lentamente e vejo uma profusão de cores e pessoas num café rasca, paredes de azulejo branco manchado e luzes fluorescentes no tecto. Meio abalado, dou por mim a dançar sozinho a um canto. Mas ninguém reparou em mim. Apago o cigarro que tenho na boca e saio apressadamente em direcção ao carro. Só me permito a descansar quando me sento no lugar do condutor e deixo pousar a cabeça no volante. Respiro fundo, meto a chave na ignição e o carro começa a trabalhar. O rádio liga sozinho.

*...I guess I'll never see the light  
I get the blues most every night*

*Since I fell for you*  
*Since I fell for you...*

## Uma Quase Hipotermia

- Porque é que não és como as outras miúdas?
- Não sou?
- Epá, tu sabes... elas preocupam-se? Telefonam e essas coisas?
- Mas eu preocupo-me... acho eu.
- Se te preocupas, não dás a entender.
- Não me apetece chatear-te dia sim dia não. É aborrecido.
- Também não estava a dizer isso.
- Então?
- Mas tu não percebes nada do que eu estou para aqui a dizer?!

Inspirei fundo e acabei por encolher os ombros. Esperei que ele dissesse qualquer coisa para acabar com o silêncio, mas não, ele estava definitivamente à espera que eu continuasse a conversa. Mas ia dizer o quê? O silêncio trouxe um sorriso de constrangimento. Senti que tinha feito uma asneira, asneira grande, mas continuava sem ideia do que se passava.

- Eu não compreendo. A sério. Não gostaste de estar comigo?
- Claro que gostei e gosto! Eu gosto de estar contigo.
- Então não compreendo onde está o problema.
- Tu não te importas.
- Com o quê?
- Estás a tirar-me do sério! E ainda por cima sinto-me uma gaja se disser que tu não me compreendes!!
- Apesar de parecer óbvio que não compreendo?
- Bolas! Esse ar de despreocupação numa conversa destas até dói, sabes?
- O que preferes que eu diga?
- Hum... - ele inspirou fundo, demasiado fundo – Tu devias estar constrangida, preocupada, qualquer coisa que te saísse naturalmente! Mas nada, estás aí com ar de quem não faz mesmo ideia do que se passa e isso irrita-me solenemente porque estás a ser sincera! Não tens medo que eu me vá embora a qualquer momento? Que isto tudo acabe? Que eu emigre para a Antárctida?

– Se for isso o que tu queres... não estou a ver porque haveria de interferir?

– Tu dá-me cabo dos nervos!!

Fítei-o demoradamente sem entender porque é que ele tinha levantado tanto o tom de voz. E ainda fiquei mais espantada quando ele se levantou e foi embora, bateu com a porta e tudo. Sobressaltei-me com a violência com que a porta foi fechada e fiquei paralisada. Não podia acreditar que ele se tinha ido embora assim. Entendia que ele não se sentia compreendido, mas não entendia aquela excitação e nervosismo. Quando estávamos juntos, estávamos juntos. Quando não estávamos, estávamos separados. Encontrávamo-nos quando nos apetecia e sem qualquer tipo de planos. Era uma relação que na realidade era uma não-relação, mas eu estava feliz com ela, tal como era. Nem teria coragem para pedir mais nada, não queria estragar o que existia e nem sabia se era capaz de aguentar mais.

Olhei nervosamente à minha volta e reparei que a roupa dele estava ainda espalhada à minha volta. Não pude evitar um sorriso quando a campainha tocou. Abri a porta e lá estava ele de boxers e meias à minha frente. Tentei falar primeiro, mas ele não me deixou:

- Tu nem me digas nada!!

- Só ia dizer que aposto que ias até casa em boxers se não estivéssemos em Dezembro. - E dei-lhe o meu melhor sorriso.

- Não imaginas o que me custou voltar para trás.

- Por acaso até imagino! Eu conheço-te um bocadinho... vá, um bocadinho assim muito pequenino!! - Ele deixou que me aproximasse e que o abraçasse.

- Estás tão frio!!

- É tudo o que tens para dizer-me? - E afastou-me. - O teu prédio é tão bom que a porta da rua não fecha e ia morrendo de frio no corredor.

- Não quero que te vás embora assim.

- Não te preocupes, eu estou a vestir-me e só saio quando o casaco estiver abotoado até não conseguir respirar.

- Não era isso que eu queria dizer. Sim, eu sei que tu entendeste. Não te

vás embora, fica cá comigo. É feriado, eu tenho aquecimento em casa e é Dezembro... ia convidar-te para fazermos a árvore de Natal! A sério, tinha planeado perguntar-te isso. Não a fiz porque pensei que talvez gostasses de enfeitá-la comigo?... Ou talvez não...

- Tu estás mais embaraçada a perguntar-me isso do que sobre tudo o que te disse há pouco. Tu não sentes mesmo que me fazes sentir como se eu não existisse para ti?

- Tu existes, claro. Eu adoro estar contigo! Só não expresso isso com telefonemas, mails, cartas, sms, flores, sei lá! Eu penso em ti, mas não vejo a necessidade de dizer-te quando isso acontece. Eu acredito que penses em mim, não preciso que sintas que tens que me dizer. Não me faz diferença.

- A mim faz-me.

- Desculpa. Até gostava de dizer-te que ia mudar, mas não ia conseguir. A dada altura ia sentir-me muito estúpida por estar a pensar se devia dizer-te alguma coisa porque já passaram dois dias, se ficas chateado se eu não telefonar todas as noites... Prefiro só dizer quando me apetece, mesmo que não me apeteça muitas vezes. É qualquer coisa que não me entra no sistema. - E fiquei a admirar o chão, envergonhada das minhas escassas aptidões sociais.

- Tu és cá uma carga de problemas!... Tanto acho que te chateias comigo se eu estiver com outra, como acho que não te faz diferença nenhuma. Tanto me apetece abraçar-te a noite toda como ir embora e nunca mais olhar para ti. Porque é que para ti parece tudo tão lógico e fácil e para mim é tudo tão irracionalmente difícil??

- Não sei - encolhi os ombros - eu não sinto que é difícil. Sinto que é natural? Sinto que temos um ritmo próprio que não me apetece contrariar, saboreio as ondas quando elas vêm mas não fico chateada quando elas não vêm.

- Desconfio que não apanhei quase nada do que quiseste dizer.

- Tiras a Árvore de Natal do sótão, se faz favor?

- A árvore?!... Mas quem é que te disse que eu ia ajudar-te?

- Mesmo que não ajudes depois, eu não consigo tirá-la sozinha.

- Estás a fazer-me sentir tão descartável de novo...

- Mas eu perguntei-te se querias ajudar-me? Disse-te que queria enfeitá-la contigo? Não entendo porque é que tornas tudo tão complicado!

- Fazes parecer tudo preto no branco! Agora mesmo até tive a sensação que tinhas razão. Não te preocupes, já passou.

- Ficas comigo então?

- O mais triste de tudo é que não consigo dizer que não. Não quando estou aqui em cima do escadote a olhar para ti de meias e com uma camisa demasiado larga para ser tua. Porque é que me fazes sentir tão impotente? Não consigo prever, planear ou alterar nada do que se passa entre nós.

- E porque é que isso tem que ser mau?

- Dá segurança, sabes? Bem, é Natal... pode ser que não seja assim tão mau.

- Podes dar-me uma lista de tudo o que queres que eu seja? Eu faço uma do que quero que tu sejas.

- Tens aspirações em relação à minha pessoa? Que choque!!

- Ha ha... traz lá a árvore. Claro que tenho! Estou a pedir-te para enfeitares a Árvore de Natal comigo, sabes o que isso significa?

- Sei, mas só porque tu és maluquinha pelo Natal. Quase que me fazes esquecer todas as arrelias que me trazes. Mas não esqueço!

- Sem problema... até podes tentar explicar-me o que queres de mim até deixares de ter fé. Eu sou toda ouvidos e mais se quiseres.

- Mas tu nunca desembaraças as luzes de Natal?!

- Bem, eu tento... mas depois desisto e acabo por comprar uma caixa nova...

- Vai ser um dia longo, vai vai...

- Vês, tem tudo lógica: estou contente por ter arrumado isso à parva no ano passado!!

- Hum?!

- Assim ficas mais tempo comigo.

- Ah, foi premeditado... És terrível!

- Eu sei!!

## Definitivamente Talvez

- Tinhas saudades? - Pergunta ele.
- Tinha... - Diz ela sem grande convicção mas com um sorriso malandro.
- Muitas? - Insiste ele.
- Muitas, muitas! - Diz ela antes de o abraçar, agora com convicção.

Os dois olham-se durante um segundo quando acabam de falar, olhos que irradiam a mesma luz apenas para ser lida nos olhos do outro. Olham-se usando a mesma língua de luz. Ela ri-se com vontade e aproxima a boca dele. Os beijos sucedem-se primeiro lentamente e depois rapidamente naquela urgência de algo mais, naquela tentativa de beijar ao de leve como se de um *teaser* se tratasse antes de explodir numa vontade imensa, daquela maneira que se beija quando se quer muito. Dir-se-ia que é um beijo de paixão inicial, mas não... já lá vai uma década. Por alguma razão que nenhum dos dois sabe, o destino insiste em juntá-los e eles baixam as defesas enquanto o sentimento os vai tomando devagarinho, beijo após beijo, ano após ano. Apaixonam-se todas as vezes, mesmo quando pensam que o tempo já lá vai. Também é verdade que nenhum dos dois oferece grande resistência, mas já não têm tempo para isso, os minutos que têm um com o outro são tudo o que querem gastar.

Ela não faz ideia do porquê de ser ele. Se lhe perguntassem com quem sempre sonhou, provavelmente ainda hoje fazia uma descrição que não assentava nele. Mas quando está com ele, sabe que é ali que está grande parte da vida dela. Talvez seja o sorriso que ambos partilham, talvez as palavras e piadas certas que só calam quando um beijo urge. Talvez o brilho no olhar dele que reflecte felicidade sincera ou talvez seja a visão dela enevoada. Até os sapatos que ele usa e que ela não gosta nada são coisas que a confortam e a fazem com que ela acredite que sim. Talvez seja o tom de mimado que ele faz quando ela o contraria.

Ele está na mesma, ela não é definitivamente quem ele definiria como ideal. Nem sabe apontar porque é que se sente irremediavelmente atraído por ela,

porque é que o tempo passa e ela está lá sempre com aquela maneira de ser que ele secretamente adora, apesar de estar sempre a dizer-lhe "não sejas assim!". Já conheceu tantas mulheres e ela continua a conseguir que ele se esforce por ela. Talvez seja o facto dela não se render facilmente? Porque ela lhe dá luta? Talvez seja porque ela consegue deixá-lo sem palavras e lhe adivinha o pensamento. Porque ele vê a lua reflectida no rio e só se lembra dela? Porque lhe dá quase tanto prazer falar com ela como tocá-la ou beijá-la? Talvez sejam os beijos curtos que ela lhe dá no pescoço? Ou talvez o facto de não conseguir tomá-la como garantida, apesar de confiar nela. Afinal, não se domam as tempestades...

## Quase poema

Apareceste vinda do nada e fizeste um estrondo tão grande cá dentro que me senti acordado de um sono profundo por um trovão imenso. Não sei de onde vieste, nem faço a mínima ideia de quais são os teus planos ou para onde queres ir, não sei como apareceste aqui, mas rogo-te para que fiques comigo esta noite. Enches-me a alma de alegria, só de olhar para ti sou forçado a sorrir por sentir o meu peito tão cheio de felicidade transbordante. Tenho a certeza que o meu coração vai bater tanto esta noite que nunca mais vai tomar o ritmo certo quando tu não estás. Esta noite sinto-me capaz de salvar o mundo quando te abraço com força, quando sinto o calor e o suor do teu corpo colado ao meu. Não há guerra que consiga vencer um beijo teu... tão quente, tão cheio, tão certo. Tanta vida... tanto movimento, alimentas o meu espírito de tal modo que eu tenho a certeza que ele andava sedento e praticamente morto antes de te conhecer.

*Eu disse-lhe um segredo: não partas nunca mais.*

*E dançou, rodou no chão molhado, num beijo apertado de barco contra o cais...*

*E uma asa voa a cada beijo teu,*

*Esta noite sou dono do céu...*

## **Andas por aí..**

Não consigo encontrar-te, não sei porque foges de mim. Ocorreu-me agora mesmo que talvez não estejas a fugir de mim... será que também não consegues encontrar-me? Há dias em que penso que te vejo a cada esquina. Há meses em que nem me lembro de ti. Ao fim destes anos todos, acabei por te confundir com outras pessoas, talvez mais do que seria suposto. Mas estou a aprender, devagar. O meu mundo gira tão depressa, há cada vez mais coisas para fazer. Cada vez mais tenho menos tempo para te procurar e pensar em ti. Mas não me esqueci de como és.

Não me esqueci do brilho nos teus olhos que me rouba a atenção toda e o facto de não falares muito. Não esqueci aquele sentido de humor inteligente que só aparece nos momentos certos, seguido das palavras exactas. Manténs a cara séria, enquanto o resto esboça um sorriso sincero ou mesmo uma gargalhada. Sei que não és lindo de morrer porque é assim que eu quero, como um tesouro que só eu descobri. Sei que preciso do teu abraço todas as noites ao chegar a casa. Sei que somos água e azeite, tão diferentes como é possível imaginar. Costumas ter um ar sério e eu estou sempre a rir. Dizes sempre as coisas certas na altura certa, eu falo demais. Mas após nos conhecermos, não vai haver outra alternativa senão ficarmos juntos porque eu quero saber sempre mais de ti, conhecer-te cada vez melhor e, acima de tudo, crescer contigo. Eu sei que me esforço em ser uma pessoa melhor por ti. Por alguma razão, consigo ver-me através de ti, sei que conheces todos os meus defeitos, enalteces as minhas (parcas) qualidades e, mesmo assim, gostas de mim por quem eu sou. Fazes-me sentir bem por ser como sou. E eu gosto mais de mim quando estou contigo.

Só que ainda não te encontrei e, apesar de andar confusa de vez em quando, tenho a certeza que vou saber quem és assim que os nossos olhares se cruzarem. Não vai haver a mais pequena dúvida porque eu sempre soube quem eras.

## Até Breve

Tu já sabes que podias ter ficado comigo mesmo que vivesses numa mentira, aliás teria sido o que eu faria. Como é que é possível teres-me deixado depois de tudo o que eu fiz por ti? De tudo o que fingi ser por ti? Ainda para mais, foste trocar-me por aquilo?! Não te dou mais de um mês até voltares de joelhos, ou mesmo sem ser de joelhos. Para voltares, pronto. Eu é que sou a tua mulher, como é que é possível não perceberes isso? Quantas vezes tenho que to dizer? Ou gritar?

E já agora, espero que discutam todos os dias. E que ela atire coisas que se partam contra ti, como louça porque faz barulho e se parte em muitos pedacinhos para que te possas cortar nos cacos. Evita cortar-te na cara se faz favor, não gostava de ver esse lindo rosto de traidor desfigurado quando for eu de novo a beijá-lo. Espero que a vossa casa tenha térmitas e que as lajes comecem a cair aos pedacinhos, assim como a vossa relação. Ou que tenham uma grande infestação de ratos e baratas ou qualquer coisa que tu venhas a descobrir que és alérgico. Assim vais ficar no hospital a pensar como a tua vida sempre foi muito mais fácil comigo. Espero que ela cozinhe mal e que tu tenhas as piores indigestões da tua vida. Hás-de passar semanas agarrado à sanita e a pensar em voltar para mim. E que apanhes uma DST qualquer e que isso te dê um medo de morte de voltar para a cama com ela. Mas uma DST levezinha, porque os nossos filhos ainda não nasceram e eu preciso dessa parte de ti intacta. Espero que ela te traia com aquele teu amigo que é estúpido que nem uma porta para sentires o que eu sinto, trocada por aquele rascunho de mulher! Espero que me compares todos os dias com ela e vejas que eu sou melhor em tudo. E que amaldiçoas o dia em que me deixaste em todos os minutos da tua nova vida. Bem vindo ao inferno!

E eventualmente vais voltar para mim. E eu cá vou estar à tua espera, paciente, de braços abertos para receber-te, porque tu és meu e não há como negá-lo, embora tenha que reconhecer que estás a esforçar-te por ignorar as evidências! Quer voltes por amor, quer voltes por vingança, isso não me interessa nada. Podes voltar e pensar que estás a magoá-la sempre que te

meteres na cama comigo, a única coisa que me interessa é que estejas na minha cama. Vais voltar e desta vez eu hei-de tomar providências para que passes o resto da tua vida comigo, literalmente. Ah e não sei se te disse, mas troquei todos os teus comprimidos por laxantes. Até já.

## A Inexistência do Heitor

- Disseram-me uma vez que há dois tipos de pessoas: as que vivem a vida de fora para dentro e as que vivem de dentro para fora. Eu sou claramente uma das que faz parte do segundo grupo. Disseram-me que é por isso que não me recordo de muitas coisas e o porquê de não conseguir encaixar as memórias que tenho numa linha de tempo ordenada. Não estou realmente em contacto com o mundo exterior, dou por mim a interagir com algumas pessoas, mas a maior parte das vezes estou a interagir comigo e a descrever o que se passa lá fora a mim própria. Reparo em pequenos pormenores e a rio-me silenciosamente, como se estivesse numa festa privada. E desligo-me com muita facilidade do que se passa. Aliás, as pessoas costumam confundir isso com paciência. Eu não sou paciente, eu fico absorvida em conversas comigo própria e acabo por esquecer-me que estava à espera de alguma coisa. As pessoas também dizem que eu sou difícil de ler, mas eu não compreendo porquê. Parece-me tudo tão óbvio...

- E dá por si a falar sozinha em casa?

- A falar sozinha, como assim?

- A ter discussões consigo própria.

- Não, eu não dialogo exactamente comigo, simplesmente é como se tivesse um narrador dentro da minha cabeça.

- Esse narrador não tem nome? Um Heitor, talvez?

- Não! Eu sei perfeitamente que estou a pensar dentro da minha cabeça. Não oiço vozes nem tenho discussões com alguém imaginário. Está a tentar dizer-me que eu tenho um distúrbio de personalidade?!

- Claro que não. Estava só a indagar por curiosidade profissional. Afinal, quem é que nunca deu por si a falar sozinho num canto da cozinha?... - E riu-se.

- Eu nunca dei por mim a falar alto comigo própria.

- Nunca, nunca?

- Não.

- Ora, eu até chamo João ao meu outro "eu".

- Tem uma pessoa imaginária chamada João com quem conversa? - Levantei o sobrolho.

- Sim, ora isso não faz mal nenhum! Aclara-me as ideias e todas as crianças têm um.
- Portanto, como o senhor é psicólogo pode ter essas coisas e se fosse eu, encaixaria-me num quadro de esquizofrenia?
- Eu nunca disse isso! Ora esqueçamos o João e concentremo-nos no Heitor.
- Quem é o Heitor?
- O seu outro "eu".
- O meu outro eu não existe! Mas mesmo que existisse, acho que seria do mesmo sexo que eu, uma Teresa talvez?...
- Pronto, já estamos a chegar a algum lado. Quantas vezes fala com a Teresa por dia?
- Eu já disse que não falo com ninguém que não exista!!
- Não se exalte. Não está a esconder-me nada, pois não?
- Não. Sabe, eu nem tenho os psicólogos muito em conta.
- E eu ajudei-a a melhorar a sua opinião sobre nossa classe profissional?
- Honestamente, nem por isso.
- Isso é a sua opinião ou a do Heitor?...
- Olhe, sabe, acho que já acabou o meu tempo e vou indo!
- Já? Mas ainda faltam cinco minutos e depois os clientes queixam-se que pagam uma hora e ninguém os ouve...
- Deixe lá, eu pelos vistos tenho a Teresa e o Heitor em dias alternados a ouvirem-me!...
- Ah, portanto deixa de negar a existência do seu alter ego! Isto é um passo importante: reconhecer que tem um problema.
- Pois... que bom para mim, hem? Uma ótima tarde sim?!
- Marque com a Susana para voltar cá para a semana!
- Ah claro, claro. Não se preocupe...
- Olhe... e já agora, gostava de jantar comigo um dia destes?

## E Fugiu a Sete Pés

- Credo Marineide, isso é uma estupidez! - Gritou Segismunda enquanto fugia a sete pés.

Suspirei e perguntei-me, tal como já tinha feito umas milhentas vezes, porque é que eu gastava o meu tempo a ver aqueles disparates na televisão. É certo que não tinha nada melhor para fazer, não tinha TV por cabo e, para variar, estava sem sono. Continuei a assistir enquanto a Marineide, lavada em lágrimas, tentava explicar ao amante que ainda não era aquela noite que teriam hipótese de experimentar a tão aguardada experiência a três para depois se suicidarem aquando da passagem do cometa Halley. Uma imortalidade diferente, mas com o seu quê de Romeu e Julieta. Não sei porquê, dei também por mim a sofrer com a tristeza dos dois e uma lágrima vergonhosa desceu-me pela cara. Isso fez com que eu achasse que tinha atingido o ponto mais baixo da minha existência nesse dia, levantei-me e desliguei a televisão. Finalmente, o silêncio!

Ora qual seria o ponto mais baixo da minha existência? Telefonar durante dias a fio ao Raul a pedir-lhe que voltasse para mim? Chegar a casa e voltar a telefonar com o telemóvel ligado à corrente para não ficar sem bateria caso ele atendesse? Esperá-lo à porta de casa quando ele mudou o número do telefone? Raptar-lhe o cão para ele ser obrigado a falar comigo? Ou talvez aparecer a chorar que nem uma Madalena em casa da mãe dele?... Está certo que as coisas acalmaram quando ele apresentou queixa na polícia, mas ainda hoje acho que ele podia ter tido mais consideração pelos meus sentimentos... Ainda era capaz de dizer-lhe “fica comigo, não com ele!!” se o visse na rua. Se calhar nem tanto por sentir isso, afinal já passaram três anos, mas porque acabou por se tornar num hábito.

Pergunto-me se vai acontecer o mesmo à Marineide depois de todo o esforço que ela está a fazer para conservar o interesse do Gerivaldo. Será que ele vai usá-la e depois fugir com outro homem? Não resisto a ligar a televisão e, para meu espanto, estão os três no quarto: o Gerivaldo, a Marineide e a

Segismunda! Bato palmas de contentamento por ver que afinal ela conseguiu o que queria! Agora é que vão ficar juntos para sempre! Mas vendo bem, a Marineide parece mais interessada na Segismunda que no Gerivaldo... Será que o realizador achou que um pequeno *twist* lésbico fazia aumentar as audiências? Por outro lado, são cinco da manhã, quantas pessoas é que estão a ver este canal e não são depravadas?...

Desconfio que devia ter percebido logo quando o Raul ficou a noite toda a discutir decoração de interiores quando o apresentei aos meus pais. Mas ele era tão perfeito em tudo... menos naquela parte, ok! Aposto que o Gerivaldo nunca vai pedir à Marineide que esperem até ao casamento. Casamento, filhos, uma casinha... puff! Tudo feito em estilhaços... E eu aqui a chorar com a minha miséria, apoiada por uma caixa de kleenex, enquanto a Marineide, a Segismunda e o Gerivaldo gozam a noite da vida deles. Se eu fosse menos desastrada e mais corajosa, acho que o suicídio no meu caso não era uma opção, era mesmo uma necessidade.

## O Infinito Cá Dentro

Sinto que não pertença aqui, assim como sinto que tudo isto - o ar, a maresia, o meu tom de pele preparado para o sol, os olhos escuros, a língua do meu subconsciente - é quem eu sou. A vida não pára, o verde voltou a assolar a terra, as flores aparecem em todos os cantos e até a bicharada está de volta. Não sei se gosto desta rotina, desta previsibilidade ou se realmente é tudo novo e eu não me apercebo. Sei que é tempo de avançar, nunca sei muito bem para onde estou a caminhar mas gosto do caminho que estou a percorrer, não me apetece curvar nem tomar atalhos. Avanço devagar, mas com vontade de dar um passo e depois outro.

Esqueço-me do sabor dos morangos com chocolate quente enquanto me delicio com cerejas e penso que as ameixas pretas estão verdes enquanto vermelhas.

Continuo a acordar ao som de rolas, não está frio, nada de mantos brancos, apenas sol, um calor ameno e uma vontade enorme de sair. É a minha estação preferida e volta tudo a ser igual, se calhar até é tudo diferente. Apetece-me dançar à chuva, apetece-me estar ao sol, não me apetece falar, quero sentir-me inundada com os cheiros e as sensações. Recordar o frio ao sol, fechar os olhos e mesmo assim ver o que tenho à minha frente. A dança das pessoas, dar a mão a alguém, descer uma rua muito movimentada só para me sentir ignorada e muito pequenina, mas bem no coração da acção. Ouvir música que me faz sentir nos anos 20, visitar palácios e tremer ao pensar no gelo que atravessa as paredes no Inverno... Divirto-me facilmente, aborreço-me ainda mais e sinto uma necessidade enorme de avançar, o que quer que isso seja. Isto nunca vai mudar em mim.

Choro, rio, vejo o tempo passar, vejo o vento a dançar com folhas e a delinear as curvas que podiam ser os caminhos que percorri ou talvez os milhares que nunca percorri. Olho para trás e apetece-me rir, fazia tudo de novo. É tudo o que tenho, é quem eu sou. Encolho os ombros. Esta noite queria que me nascessem asas e voasse para longe... queria brincar com as

estrelas, rodopiar como as luas, explodir em milhões de pedacinhos, tornar-me parte de alguma estrela numa constelação muito longe. Mas também queria acordar exactamente aqui.

## Parte de Mim

Saber que te vais embora trouxe uma série de memórias que eu pensava já não ter guardadas em mim. Essas imagens assaltaram-me a visão sem pedir licença e ocuparam a realidade com todos aqueles sorrisos e descobertas de quem está a aprender a viver. De repente apercebi-me de como me ajudaste a crescer e como te devo quem sou hoje, para o bem e para o mal. E já que é hora da despedida, gostava que levasses também um bocadinho de nós contigo.

Foi contigo que aprendi que o tempo é realmente relativo e que um segundo podia ser uma eternidade quando te atrasavas e como duas horas ocupavam fins-de-semana inteiros. Foi contigo que aprendi que os beijos não têm que ser nos lábios e que existem mil e uma formas de beijar mais ternas e carregadas de significado do que as que aparecem nos filmes. Aprendi como o silêncio pode trazer tantas palavras e como as palavras falham em expressar sentimentos tão grandes. E como a falta de palavras para expressar-me devidamente ainda me perturba desde então. Foi também um abraço teu mais apertado que me provocou duas lágrimas teimosas de felicidade que eu nunca tinha experimentado. Descobri quão incómodo pode ser o banco de um carro e como um sofá pequeno pode ser tão largo. Aprendi a fazer o mundo à nossa volta desaparecer apenas pela minha vontade e sem conhecimentos de ilusionismo. Compreendi que os olhares cúmplices podem conter conversas intermináveis e como a sinceridade não é suficiente para sair de casa a más horas. Dei por mim a rir na rua só de pensar em nós e a sonhar acordada a maior parte do dia. Comecei a confundir-te com as pessoas na rua até ver-te em todo o lado. Ensinaste-me a ver as coisas do teu ponto de vista, tão diferente do meu, e percebi finalmente que os cães podem ser tão giros como os gatos. Aprendi a gostar das coisas que defendias com tanta veemência, mesmo que não concordasse, só porque acreditava em ti. Ainda acredito. Descobri que o dia seguinte era invariavelmente fantástico ainda que não tivesse dormido mais do que duas horas, enquanto que a tua falta me fazia sentir desmotivada mesmo dormindo uma noite inteira.

Fiquei também a saber como a hipérbole actua comandada pelo nosso coração e amplia coisas banais em desilusões profundas que me chateavam intimamente porque nunca fui tão sensível. Porque contigo aprendi que a racionalidade cai para o fundo da cabeça e não há meios termos, vivemos alegrias imensas seguidas de sentimentos de perda irreparáveis. Aprendi a sentir a falta de alguém ao meu lado e de como o coração pode cair num buraco negro e pesar demais para que eu consiga levantar-me de manhã. Aprendi que uma música pode abrir feridas profundas e como é difícil respirar quando a garganta fica bloqueada pelas lágrimas. Descobri que era mais fácil chorar no banho porque ninguém me ouvia. Concebi finalmente o que era adormecer de cansaço, lavada em lágrimas e aos soluços.

Fizeste coisas por mim que eu nunca teria feito por ti e tenho vergonha de reconhecer isso. Não dei o meu melhor e gostava de poder voltar atrás e provar-te que o que eu sentia por ti era real e mais vasto do que tudo o que podias conhecer, mas agora é tarde demais. Vou aproveitar para despedir-me e agradecer-te todos os momentos que passaste comigo enquanto crescíamos juntos. Deste-me mais do que alguma vez poderia pedir a alguém e vais ser sempre parte de mim, estejas onde estiveres. Sempre.

## Parte I

Era uma vez um senhor chamado Al-Jazeera que era muito trabalhador e correcto, mas tinha um irmão rico que era exactamente o oposto. Al-Jazeera trabalhava para o irmão e para a esposa dele que por sinal era lindíssima e por quem Al-Jazeera estava irremediavelmente apaixonado. Por obra do destino, a bela moça tinha sido obrigada a casar e na verdade estava apaixonada pelo irmão mais novo do marido, ou seja, pelo pobre Al-Jazeera.

Num belo dia de Verão, como é habitual no deserto, estava Al-Jazeera a passear pelas areias quentes quando viu uma grande agitação no horizonte. Escondeu-se prontamente atrás de umas rochas que ali estavam porque temia que toda aquela agitação fosse na verdade uma tempestade de areia. Escondido atrás das rochas, viu alguns cavaleiros aproximarem-se... muitos! Ficou pasmado quando viu o líder deles: Bin Laden! Era o ladrão mais procurado do país e a sua quadrilha era numerosa: eram muitos mais do que dizia a polícia! Bin Laden aproximou-se de uma rocha enorme e gritou: "Abre-te Sésamo!". Perante o olhar abismado de Al-Jazeera, a enorme pedra mexeu-se e toda a quadrilha entrou num buraco que ficou a descoberto quando a rocha se moveu. No entanto, assim que todos entraram, a rocha resvalou para o lugar e tapou o buraco quase instantaneamente. Assim que a quadrilha se foi embora, Al-Jazeera correu até à pedra enorme e gritou:

- Abre-te Sésamo!

Tal como previsto, a pedra mexeu-se para dar lugar à entrada e ele ficou maravilhado com o que viu: a caverna estava repleta de ouro e vários tesouros! Como era uma pessoa medianamente desinteressada, passeou um pouco mais pela caverna a pensar que talvez pudesse levar uma coisa ou outra para montar o seu próprio negócio, até que viu uma lâmpada semelhante à do Aladino. Correu a apanhá-la, esfregou vigorosamente a lâmpada mas nada: nada de génio, nada de desejos, nada. De qualquer modo, resolveu meter a lâmpada no bolso, juntamente com um ou dois cordões de ouro e voltou a sair da caverna.

Quando Al-Jazeera chegou à loja no dia seguinte, correu à procura da jovem Al-Guidar (a mulher do irmão) para contar-lhe o que tinha visto na caverna e entregou-lhe a lâmpada como prova de que estava a falar a verdade. Assim que a moça se viu sozinha, começou a esfregar a lâmpada e desta vez saiu mesmo fumo da ponta da lâmpada, assim como um génio. Não era bem o que ela tinha em mente mas ficou muito agradada porque o génio era um rapaz louro muito bem parecido que dava pelo nome de Brad-Pitt. Brad-Pitt explicou-lhe que era novo naqueles números e que não tinha grande jeito para magia: tecnicamente ele só tinha ordem (e capacidades) para realizar meio desejo. No entanto, Brad-Pitt apaixonou-se por Al-Guidar assim que a viu e ficou a pensar num esquema para levá-la dali, apesar de não ser muito bom em magia. Al-Guidar ficou um pouco triste quando soube que apenas tinha direito a meio desejo, mas como meio desejo sempre era melhor do que nenhum, pediu ao génio Brad-Pitt para aguardar até ela tomar uma decisão.

O que nenhum dos dois sabia é que na verdade quem tinha direito ao meio desejo era Al-Jazeera pois tinha sido ele o primeiro a esfregar a lâmpada. No entanto, enquanto Al-Jazeera esfregava a lâmpada, o génio estava no seu momento de depilação peitoral e depois foi tomar banho. Esqueceu-se dos seus deveres e quando finalmente saiu deu de caras com Al-Guidar e presumiu que tinha sido ela a esfregar a lâmpada também da primeira vez. Enquanto isso, o irmão mais velho de Al-Jazeera, Al-Face, tinha estado a escutar atrás da porta porque tinha a impressão de que a mulher não estava sozinha no quarto... teria um amante? A pena para adultério era decapitação, mas Al-Face achava que Al-Guidar ficava melhor com a cabeça no sítio - ela não seria a mesma sem aqueles caracóis ruivos a cair-lhe pelos ombros. Sendo assim, decidiu que não ia comunicar o caso extra-conjugal da mulher às autoridades, mas quis descobrir quem era o amante misterioso de Al-Guidar e trepou à janela do quarto dela. Quando espreitou e viu Al-Guidar sentada na cama com um musculado louro ao seu lado, percebeu rapidamente que não tinha qualquer hipótese contra um homem depilado e resolveu libertar-se da frustração desabafando com o irmão. Al-Jazeera ficou com o coração destroçado quando soube da traição da jovem Al-Guidar e resolveu contar ao

irmão o segredo da caverna. Como ambos tinham obviamente azar ao amor, só lhes restava a ambição. Pegaram nela e nuns camelos e foram até à gruta para “atestar” os animais. Esconderam-se atrás de umas rochas, esperaram até que a quadrilha de Bin Laden chegasse e partisse, e só depois entraram na gruta. Uma vez lá dentro, Al-Face ficou maravilhado com toda a riqueza que cobria o chão da caverna. Até àquele momento tinha a firme convicção que o irmão tinha estado a gozar com ele, mas depois não resistiu subir a um monte de moedas de ouro e a mergulhar nelas, nadar por entre as pedras preciosas e colocar coroas reais na cabeça. Estava tão feliz que o coração dele não aguentou e transformou-se em *ketchup*.

Al-Jazeera entrou em pânico: o irmão estava morto e o amor da vida dele estava agora nos braços de um louro depilado! Pior era impossível! Ouvia uns barulhos do lado de fora da caverna e, em desespero, escondeu-se dentro de um pote enorme que lá estava. Ouviram-se as palavras "Abre-te Sésamo" e Bin Laden entrou na caverna.

## Parte II

Ao ver Al-Face morto em cima de um monte de moedas e com uma coroa na cabeça, Bin Laden entrou em pânico.

- O Francisco Louçã descobriu-nos! O Bush não nos pode continuar a financiar-nos por aqui, avisa o Gates que está tudo cancelado! Temos que mudar-nos rapidamente! Este é um aviso extremamente claro!!

- Mas ó patrão, será que não foi só um campónio qualquer que nos descobriu?

- Achas mesmo!? E não levava nada?! Ficava morto ali?! Só por essa ideia estúpida, vai ficar sem cabeça!

E zás... cortou a cabeça a Al-Garve, o primeiro amor de Al-Guidar. Os homens de Bin Laden carregaram os camelos e burros para fugir o mais depressa possível, mas deixaram para o fim um pote enorme que não conseguiam carregar. O burro não aguentava com o peso e teimava em cair para o lado. Ao fim de umas tantas tentativas frustradas, alguns homens resolveram averiguar o problema do burro e descobriram Al-Jazeera dentro do pote. Assim que foi descoberto, só um pensamento atravessou a mente de Al-Jazeera: "Quem me dera estar agora feliz num lugar longe daqui e com o amor de Al-Guidar!". Meio desejo concedido mais tarde, Al-Jazeera encontrou-se um pouco atordoado nas Bahamas, completamente hilariado: ria-se imenso mas não sabia de quê.

De volta ao local do crime, Bin Laden tentava perceber o que se tinha passado. Não queria fazer perguntas porque se recusava a admitir que um homem tinha pura e simplesmente desaparecido à sua frente, mas também não queria dar parte fraca face ao medo espelhado na cara dos homens que o rodeavam. Um pouco temeroso de magia negra, resolveu deixar para trás o pote, o burro e decapitou os homens que eram testemunhas (Al-Entejo e Al-Mada, respectivamente o segundo e terceiro amores da vida de Al-Guidar). Bin Laden resolveu deixar o passado para trás e iniciou o seu caminho com burros e camelos com um único objectivo em mente: Andorra e o seu paraíso

fiscal.

Uns quarteirões ao lado, Al-Guidar tinha finalmente decidido o que queria pedir como desejo. Levantou-se, pegou nas mãos de Brad-Pitt e disse bem alto:

- Quero que deixes de ser génio e que fiques comigo para sempre!

A face de Brad-Pitt iluminou-se de felicidade, o olho direito deixou escorrer uma lágrima e ele fechou os olhos à espera da magia que ia acontecer. Passados dez minutos de espera e um pouco cansados de olharem um para o outro à espera de que algo acontecesse, chegaram à conclusão que se calhar aquele desejo não era realizável. Sendo assim, tentaram outros tantos, entre os quais uma árvore que dava ouro, um hamburguer da *MacDonald's* que não cheirava mal, um Vítor Neves com perguntas racionais, um país sem corrupção... quando Al-Guidar pediu finalmente para tornar encarnado um tomate verde chegou à conclusão que Brad-Pitt não tinha poder nenhum.

Entretanto nas Bahamas, Al-Jazeera tinha chocado com o décimo amor da sua vida em biquini, as mulheres na praia sucediam-se a um ritmo alarmante! Ao longe viu uma mulher a caminhar na sua direcção e, sem saber porquê, sentiu um arrepio na espinha. A coisa continuava a aproximar-se, mas ele já não sabia se era um homem ou mulher pois vinha com uma tanga com um padrão de leopardo mas não tinha mamas. A coisa chegou-se ao pé dele, cravou-lhe dois beijos na cara e apresentou-se:

- José Castelo Branco, muito prazer! Ai, que barba tão giraá! Que classe!!

Al-Jazeera teve então a certeza de que aquela coisa não era homem nem mulher e só queria fugir dali. Reparou então numa peça ao lado do homelher: uma massa disforme que parecia sorrir. Racionalmente, Al-Jazeera achou que estava sofrer uma insolação, sentiu-se tonto e caiu redondo no chão. Quando acordou, o homelher estava a fazer-lhe respiração boca-a-boca e, louco de raiva porque beijar semi-homens era contra as leis de Alá, atirou-se ao mar

decidido a morrer afogado. Ia já muito longe da costa e quase a desfalecer quando uma tartaruga gigante o apoiou na sua carapaça e levou-o até uma praia onde Al-Jazeera se deixou finalmente vencer pelo cansaço.

Entretanto Al-Guidar reparou que lhe tinham assaltado a loja porque nem o marido nem o empregado lá estavam. Completamente desolada por causa do prejuízo, Al-Guidar resolveu ir à procura do marido enquanto Brad-Pitt tentava suicidar-se inalando creme depilatório. Al-Guidar percorreu as casas de todos os familiares, conhecidos e desconhecidos, perguntando pelo marido e cunhado, mas ninguém sabia nada do paradeiro de nenhum dos dois. Desesperada, passou três dias em greve de fome fitando o horizonte com olhos vazios enquanto Brad-Pitt curtia a sua própria depressão. Ao saber da triste história destes dois que tinham tudo para ser felizes, Paulo Coelho voou do Brasil para ensinar-lhes o verdadeiro sentido da vida. Ensinou-os a lutar, a ler as estrelas, a serem uns verdadeiros magos da felicidade: como reconhecer sempre as coisas boas, não recordar as más, aprender a viver e a lutar porque há sempre outra oportunidade espiritual! Extremamente agradecidos a Paulo Coelho (que lhes cobrou apenas uma pequena percentagem do livro "O Alquimista"), resolveram rumar à terra prometida - algures naquela direcção.

Do outro lado do mundo, Al-Jazeera acordava ao som de uma música contagiante. Ao lado dele estava uma mulata que tentava levantá-lo para que ele dançasse com ela. Al-Jazeera mal conseguia controlar o rabo e não parava de dançar, aprendeu salsa em menos de cinco minutos. Os olhos verdes rasgados da mulata prendiam-no e nunca mais se separou dela. Ao fim de um mês, aprendeu a falar espanhol e entendeu finalmente que estava em Cuba. Pouco tempo depois era já versado em Hemingway e rum, ainda que os puros ainda lhe causassem tosse. Aprendeu depressa as leis do mercado negro e refez a sua vida com a mulata a vender chás calmantes com sabor a maçã que disfarçavam a fome. A mulata, de seu nome Enazibel, mostrou-lhe o que era o verdadeiro amor e filhos mestiços. E claro... salsa! Muita salsa! Al-Jazeera viveu feliz.

Pelo contrário, Al-Guidar e Brad-Pitt não eram felizes, tinham muitas

desavenças conjugais e acabaram por decidir que o melhor era separarem-se. Nessa altura estavam a fazer uma viagem espiritual à Índia, e ele conheceu a bela Angelina-Jolie. Sem contar-lhe nada do seu passado facassado como génio, abraçou as causas humanitárias e fingiu aceitar os filhos que sabia que não serem dele, bastava olhar para a pele das crianças, por Alá! Al-Guidar entrou em depressão, converteu-se numa mulher da vida e, alguns dias depois, na taberna "estamos-todas-cá" conheceu Bin Laden. Ele apaixonou-se imediatamente por ela e levou-a para Andorra. Aí aprendeu a fazer ski, ser muito bem paga para dormir com magnatas e a ser feliz. Viveram todos felizes para sempre.

*Senti a brisa que abanava insistentemente as folhas da árvore por cima de mim. Olhei para os meus pés por nada de especial, simplesmente porque estavam no meu horizonte já que estava sentada na relva a ganhar fôlego. Senti-me a transbordar de alegria, alegria por nada em particular, apenas felicidade pura por tudo. Lembrei-me daquela manhã, agora parecia que tinha acontecido tudo num passado distante...*

## Entrar no Jogo

Acordei sem saber porquê e com sono, abri um olho e desejei que não fosse demasiado cedo para não desperdiçar tempo útil de sono (afinal era fim-de-semana). Acabei por ligar o telemóvel para ver as horas. Era mais cedo do que eu pensava, mas desconfio que nem voltei a pensar nisso assim que uma mensagem anónima chegou: “Bom dia! Que tal um jogo para acordar? Sete pistas... A primeira pista está em ti!”. A mensagem tinha sido enviada há menos de cinco minutos. O meu cérebro ainda estava ensonado, mas o meu instinto estava completamente desperto e pedia mais de mim do que eu podia dar. Reli a mensagem para ver se não havia nada mais explícito que me tivesse esquecido de ler. Em mim? Mas o que é que está em mim, além do óbvio? Olhei para os braços, mãos, pernas e tal e não vi nada. Espicaçada pela curiosidade, pus-me a esvaziar os bolsos do casaco e das calças de ganga que usei no dia anterior. Nada. Virei a carteira do avesso (e uma carteira de mulher tem muito que se lhe diga) e nada. Nada de papelinhos, frases perdidas, autocolantes, nada de nada. Resolvi tomar um banho para acordar e começar a pensar como deve ser. Ia ser frustrante se não percebesse a primeira pista, supostamente era a mais fácil... achava eu. Lá fui até à casa-de-banho e quando cheguei perto do espelho, vi que estava uma seta horizontal, desenhada a batom, perto do meu pescoço. A seta parecia apontar para o ombro. Depois da estranheza inicial, virei-me de costas e vi finalmente a primeira pista! Corri até à máquina fotográfica (porque não conseguia ler como deve ser no espelho) e depois de algumas posições mais ou menos acrobáticas, consegui tirar uma fotografia ao que tinha escrito nas costas:

Espero que não fiques chateada pelo abuso, mas não podia ser nem muito fácil nem muito difícil, para não desmoralizares já! ;)

Quem quer que me tivesse escrito aquilo nas costas, tinha que ser uma pessoa de confiança. Alguém tinha estado no meu quarto, outro alguém tinha-o deixado entrar e o meu subconsciente não me alertou enquanto dormia. E, apesar da mensagem trocista, eu estava determinada a participar e a acabar o jogo para desvendar o mistério! Só havia um pequeno (minúsculo) entrave:

eu não percebia nada da primeira pista. Resolvi tomar o meu banho para refrescar as ideias e tirar o batom do corpo. Confesso que foi um bocado complicado porque não conseguia ver se estava a limpar no sítio certo ou não, para não falar que já de si esfregar as costas sem ajuda dá algum trabalho. Desconfio que ficou quase bem lavado... a cor da primeira água fazia-me uma certa impressão e parecia que tinha pintado o cabelo de vermelho vivo ou alguma coisa do género. Quando me sequei, ainda olhei para a toalha para ver se não existiam resquícios de vermelho. E foi aí que os meus neurónios resolveram despertar do torpor provocado pelos lençóis e o banho quente. Não sabia se estava certa, mas valia a pena tentar!

## Não Desmoralizar

Enquanto vasculhava as gavetas todas da minha cómoda, pensava como raio não me tinha apercebido logo que o batom era importante assim que vi a seta marcada na minha pele. Eu não uso batom, portanto foi trazido por alguém e devia estar algures no meu quarto... desejei intimamente que estivesse naquela cómoda porque a minha maior qualidade não era definitivamente a arrumação. Chateei-me um bocado e decidi tirar as gavetas e virá-las todas do avesso. Mas nada de batom. Senti-me um bocado frustrada, a descoberta da primeira e ousada pista tinha despertado ainda mais a minha curiosidade. Sem ligar ao cabelo molhado, estendi-me no chão com a máquina fotográfica (porque a cama estava cheia da tralha das gavetas) e passei as fotografias das minhas costas. Ao fim de uns dez minutos, o sorriso no final da frase já me parecia um completo gozo à minha incapacidade para entender o que estava realmente escondido na frase. Por fim desisti e posei a máquina ao meu lado, fechei os olhos e tentei distanciar-me das minhas últimas ideias mais mirabolantes (afinal, tinha a certeza que a Praça Vermelha e o Kremlin não tinham nada a ver com isto). Quando tirei as mãos da cara, passei a ter outra perspectiva do meu quarto: o tecto. E lá estava o batom preso ao candeeiro, oscilava perigosamente pendurado apenas por uma ponta de fita-cola. Pergunto-me se não terei dado sinais de que estava a despertar e assustado a pessoa que tinha colado aquilo para ter ficado daquela maneira. Agora a única coisa que estava entre mim e o candeeiro era a minha altura, mas nada que uma cadeira não resolvesse (sim, porque aquilo aos saltos não foi lá). Finalmente agarrei o batom e fiquei a pensar que se fosse um episódio do CSI, tinha calçado primeiro umas luvas e tirado uma impressão digital de uns milímetros, mas que mesmo assim dava para encontrar o responsável pelo jogo em menos de cinco minutos.

Olhei para o batom, não é que percebesse alguma coisa daquilo, mas duvidava que fosse um batom de qualidade... Devia ter sido comprado numa loja de olhos em bico! Depois de muitas voltas ao batom, não descobri grande coisa, mas era óbvio que era ali que estava a minha segunda pista. Afinal, os batons não se penduram nos candeeiros porque gostam de praticar queda

livre. Resolvi secar o cabelo e deixei o batom à minha frente, esperançada nalguma espécie de telepatia. Depois de vestida e perfeitamente acordada (ou seja, já tinha desistido de comunicar mentalmente com o objecto), tentei desenroscar o batom, mas só consegui sujar as mãos. Lá fiquei eu frustrada a olhar para a peça e resolvi usar a única ferramenta que sabe tudo: o *Google*! Lá procurei por entre dezenas de imagens alguma coisa parecida com aquela e fiquei a achar que era tudo muito igual. Decidi então procurar a referência da cor, podia ser que ajudasse nalguma coisa. Passados trinta minutos, achei que sofria de daltonismo e desliguei o computador. Um bocado chateada, atirei o batom para cima da cama e nesse preciso momento lembrei-me da fita-cola, ainda presa ao candeeiro (tal como eu disse, o meu forte não é a arrumação). Será que a pista estava na fita-cola? Lá fui outra vez cheia de esperança, e com a pressa bati na cómoda porque saí a correr do quarto, mas nem senti nada tal era a excitação quando cheguei ao escritório. Enrolado na parte de dentro do rolo da fita-cola estava um papelito colado também com fita-cola. Tirei-o com cuidado para não rasgar nada e li em voz alta:

Muito bem! Espero que o candeeiro ainda esteja colado ao tecto. E agora suponho que estás por tua conta!

Achei que esta pista era finalmente fácil...

## Usar a Realidade

Liguei o computador novamente, mas desta vez fui direitinha à minha caixa de correio. Lembrei-me da última pesquisa no *Google* e de como podia ter visto o mail mais cedo. É certo que agora não podia fazer nada, mas não consegui evitar a sensação de que podia ter chegado ali mais depressa. O triste de ter mais de uma conta para estas coisas é que nunca sabemos exactamente quem usa qual. Abri todas e fiquei ansiosamente à espera de um mail sem “Viagra” no cabeçalho. Antes de desanimar por completo, li o SPAM todo de alto a baixo. Efectivamente o filtro fez uma boa separação (não pode correr sempre mal). Estava desolada, ou tinha uma conta de correio de que me tinha esquecido, ou realmente a pista não apontava para ali. Ora bem, já que estávamos em Portugal, dirigi-me ao correio em cima da mesa da entrada. Vasculhei as contas todas e não encontrei nada digno de registo. Lá me calcei e descí até à caixa de correio. Finalmente qualquer coisa! Um postal ilustrado sem selo. Pareceu-me bem, soava a pista. Não tinha nome, mas tinha um endereço.

Sentei-me ao computador (novamente), e tentei perceber onde é que aquela rua ficava mas não fui muito bem sucedida. Procurei nos mais variados serviços de busca e nada, a rua não existia e se existisse não era neste país - o que não me ajudava em nada de qualquer modo. Ocorreu-me subitamente que mais importante do que saber o que se escondia no postal era mesmo tomar o pequeno-almoço. Saí de casa, mas só depois de inspeccionar rapidamente todas as divisões em matéria de coisas penduradas nos candeeiros ou coisas estranhas deixadas nos móveis. Nada. Decidi então dar toda a minha atenção a um croissant de chocolate numa pastelaria que ficava perto de casa. Quando acabei, tirei o postal da mala e fiquei a olhar para ele. Não tinha selo, não tinha nome, não tinha sequer um “olá”, só aquele endereço inexistente.

Apesar de tudo, tinha um forte pressentimento dentro de mim. Saí da pastelaria, percorri as ruas banhadas pelo sol fraco das dez da manhã (vista rara para mim) e entrei num supermercado mais escondido, mais calmo. Não

saía de casa com vontade de ver nada há alguns dias. Se calhar a dor estava a passar, mas pelas razões erradas. Não entanto, não evitei um leve sorriso quando vi que ainda havia uma caixa e comprei-a, escondi-a dentro da minha mala e esperei que o meu sexto sentido - tão poucas vezes usado - estivesse certo. Se calhar era só uma dose gigantesca de esperança seguida de um grande balde de água fria. Tentei não pensar que estava certa, era melhor esperar para ver. Mas a luzinha cá dentro recusou-se a apagar, o que me obrigou a escondê-la o melhor possível para não pensar nela. Enquanto lutava com o meu próprio pensamento, dei por mim na rotunda mais bonita e mais movimentada ali do sítio. Parei por momentos a olhar para a estátua a jorrar água, impassível no meio de tanto carro e comigo a sentir-me mesmo estúpida.

Estúpida por duas razões (e haviam mais com certeza): primeiro porque tinha parado de repente no meio do passeio e levado com uma gorda qualquer em cima, e segundo porque aquela rotunda era a imagem do postal! Incrível como não ligamos às coisas que vemos todos os dias, se bem que a imagem do postal me parecia familiar... ainda que fontes em rotundas não falem nas capitais europeias. Senti um nervoso miudinho a correr o meu corpo porque não sabia o que fazer a seguir. Resolvi rodear a rotunda a pé, podia ser que me estivesse a escapar algo. Quando dei precisamente metade da volta, olhei para o sítio de onde tinha saído e vi um pequeno quiosque com alguns postais num mostrador na rua. Disse algumas asneiras entre dentes e voltei ao sítio de onde tinha saído. Vi imensos postais iguais ao meu enquanto entrava na loja. Eu levava o postal na mão e a moça que estava a atender reparou nele, riu-se e disse-me:

- Não estava à espera que chegasse cá tão cedo!
- Estava à minha espera?...

Não me respondeu, mas riu-se de novo e achei que a minha pergunta parva era retórica de qualquer modo. Ela pegou num telemóvel, pediu-me para esperar e, pouco depois, foi a vez do meu telemóvel tocar. Ri-me desconfortavelmente e mantive o meu ar ligeiramente miserável de quem não controla nada do que se está a passar.

- Não fique assim, vai ver que é uma boa surpresa!

Ela piscou-me o olho e eu acreditei. Acreditei numa pessoa que eu nunca tinha visto na minha vida. Acreditei porque obviamente ela fazia parte do jogo e eu não tinha porque duvidar dela. Fiquei com a ideia de que a minha cidade inteira sabia o que eu não sabia: o que estava no final das pistas. Lembrei-me do pote de ouro no final do arco-íris e desejei que não fosse ouro, eu queria outra prenda. Respirei fundo e antes de olhar para a MMS que tinha acabado de chegar ainda perguntei:

- Não me vai dizer quem lhe pediu para fazer isto, pois não?

- Não, até porque não quem é. Mas mesmo que soubesse, acho que prefere chegar lá sozinha!

Se calhar nem preferia, mas pronto, não tinha hipótese. Agradei e comprei uns rebuçados só para não parecer muito mal-educada. Quando saí do quiosque estava verdadeiramente atordoada.

## Recordar é Viver

Uma vez fora da loja, encostei-me a um canto do passeio e peguei no telemóvel para ver a MMS. Era novamente de ninguém (por assim dizer) e demorei um bocado a perceber o que era a imagem. Ao fim de olhar umas tantas vezes para o ecrã, reenviei-a para um amigo meu especializado no assunto com o seguinte texto: “Isto é o Dartacão, não é?!”. Só não levantei o sobrolho quando reconheci a imagem porque não consigo fazer isso. A resposta foi mais rápida do que eu esperava: “Yeah, mas porque é que queres saber?”. Se eu soubesse a resposta... Pelo menos tinha a certeza do que os meus olhos viam e o meu cérebro não queria acreditar: o Dartacão era a minha quarta pista. Sim senhor, mais estranho começava a ser difícil.

Voltei para casa e usei essa bela ferramenta que dá pelo nome de “You Tube”. Confesso que me agradou rever o genérico dos desenhos animados. Reparei também numa mensagem simpática que aparecia e que eu nunca tinha dado conta, qualquer coisa como “esta série baseada na história de Alexandre Dumas pretende enaltecer duas virtudes que nunca devem ser esquecidas: honra e amizade”. Catita, sim senhor! Ora do Alexandre Dumas (pai) eu tinha a certeza que só tinha o “O Conde de Monte Cristo”, portanto a pista não devia ser por ali. Estava a começar a ficar com umas ideias muito retorcidas e já achava que a pista tanto podia estar no meu cão (que não tem muito de mosqueteiro, nem de moscãoteiro já agora), como no facto da cadela da série se chamar Julieta e poder estar ligada ao livro “Romeu e Julieta”. Pelo sim, pelo não, saí e fui até ao jardim. Chamei o meu cão, brinquei com ele e examinei-lhe a coleira com cuidado, apesar dele não estar a achar muita piada ao meu súbito interesse nela. Deixei-me estar a brincar com ele, só para ele ter a certeza que não ia ao veterinário e que escusava de fugir de mim.

Segunda ideia mirabolante: Shakespeare. Esta ideia ainda era pior do que a outra porque (para não variar) eu tinha o livro errado daquele autor. Li vezes sem conta o “Sonho de uma Noite de Verão”, mas não metia nem a Julieta nem o Dartacão - no máximo tinha um homem transformado em burro. Acabei por decidir abrir também o “O Conde de Monte Cristo”, mas

não tinha lá nada que me ajudasse sem ser a história (belíssima por sinal, a personagem da “escrava” Haydée seduziu-me por completo). Perdi-me um bocado a lembrar esta história e a pensar em como o ódio pode ser quase tão bom como o amor no que toca à sobrevivência. Entretida na re-descoberta destas histórias perdidas na minha memória, percorri as várias prateleiras de livros que tenho no quarto. E eis que no final da prateleira mais alta estava um exemplar de “Os Três Mosqueteiros” de Alexandre Dumas, bem arrumado e mais perto da minha testa do que dos olhos. O livro parecia ter estado sempre ali. Abri o livro, virei-o do avesso e abanei-o vigorosamente. Caiu um pequeno rectângulo de papel branco que dizia em letras maiúsculas: “NUNCA LI O LIVRO, MAS DIZEM QUE É BOM. ATÉ GOSTEI DO FILME E NEM ACREDITO QUE NÃO O TINHAS! SÓ ME DÁS TRABALHO. E JÁ AGORA, ESTE É PARA TI.” Virei o papel ao contrário e vi um escaravelho egípcio impresso no papel, daquele tipo dos que vemos nos filmes a “comer” pessoas.

## Do Esterco ao Sol

Uma das primeiras coisas que aprendi sobre estes escaravelhos (e que adorei) é que simbolizavam o deus-sol. Ora e o que é que este deus fazia? Entretinha-se a mover o sol no firmamento, o que é extremamente parecido (ou não) com um escaravelho a mover a sua bola de excremento. Sim senhora, temos um escaravelho que gosta de colocar os seus ovos em locais pouco... comuns, vá. E não está apenas ligado ao deus-sol, mas também ao renascimento, renovação e ressurreição. A primeira coisa que me ocorreu foi a campanha dos R's para apelar à reciclagem. A minha mente aterrou literalmente no Egipto e o meu pensamento estava todo enrolado em hieróglifos. Via escaravelhos, burros, o Romeu e a sua Julieta a escrever pergaminhos, além de uns tantos escaravelhos a sair da fonte da rotunda lá em baixo.

O que me chamou à razão e devolveu à Terra foi o meu estômago: comida! Pois sim, já era quase hora de almoço e eu não tinha preparado nada. Apesar de me apetecer fazer qualquer coisa para me distrair, só via escaravelhos à frente e portanto decidi ir almoçar fora. O barulho dos carros e das pessoas distraiu-me finalmente das areias e pirâmides egípcias, mas continuava com os escaravelhos em órbita. Estava particularmente impressionada depois de ler que um “primo” africano desses escaravelhos podia atingir 9cm de comprimento. Isso é quase a minha mão aberta, ou uma escala no piano! Se um destes me aparecesse à frente, ainda era capaz de esfregar os olhos umas duas vezes para ver se estava a ver bem antes de fugir.

Lá descí a rua alegremente, com a mala a tiracolo e um livro na mão, livro esse cheio de bilhetinhos e um postal. Entrei num restaurante qualquer que me pareceu ter uma lista simpática para a hora do almoço e escolhi um lugar virado para a rua. Cada vez que saía de casa ia para longe, acabei por esquecer-me de como sair e passear nas redondezas podia ser agradável. O facto de estar ali sentada a olhar para a minha rua de sempre causava-me um certo bem estar pela noção de familiaridade. Para um só dia, as surpresas já estavam em grande número e permiti-me a um certo relaxamento. Olhei em

volta para chamar um empregado e reparei que alguém tinha deixado um daqueles jornais grátis que distribuem no metro em cima de uma mesa. Resolvi folheá-lo só para passar o tempo depois de ter feito o meu pedido. E voltei a sentir-me estúpida, mas desta vez era uma mistura de estupidez e ignorância pura.

Num dos cantos reservados à publicidade, lá estava um anúncio a uma exposição egípcia com algumas coisas trazidas de outros museus europeus. Uma exposição egípcia na minha terra e eu não tinha dado por nada?! Tinha mesmo que prestar mais atenção ao sítio onde vivia. Confesso que fiquei altamente envergonhada e, apesar de não saber quem estava por trás das pistas, desejei secretamente que não se tivesse apercebido daquela minha falha. Soava-me a coisa grave, afinal, eu nunca fui uma grande fã de História, mas a coisa mudava de figura quando o Egipto, a Suméria ou a Grécia entravam em cena (não necessariamente por esta ordem). O almoço chegou finalmente... tentei comer devagar, mas a excitação e curiosidade cresciam tanto dentro de mim que me vi no metro enquanto o diabo esfregava um olho. A viagem ainda demorou um bocado, mas quando saí da estação e olhei os grandes cartazes com escaravelhos na parede do museu, senti o dever cumprido. Mesmo que não descobrisse a última pista, tinha chegado à sexta e isso tudo numa manhã de sábado era de louvar.

## A Nossa História está na História

Subi alguns degraus até à entrada do museu e fiquei algo espantada por ver lá o João.

- Por cá?

- Olá! Então que andas por aqui a fazer?

- Eu... olha, vi publicidade à exposição temporária e vim cá dar uma vista de olhos! Quanto custa?

- É grátis, está patrocinada por um banco qualquer.

- Ah, ok! Vou dar uma vista de olhos... que fixe ver-te aqui! A ver se nos encontramos um dia destes para meter a conversa em dia.

- Espera, toma lá o folheto com o mapa cá do sítio! Viras ali à direita para começar.

- Obrigada!

Pisquei-lhe o olho e segui pelo corredor, virei à direita tal como ele me disse, mas o local estava cheio de setas de qualquer modo. Cocei o pescoço por reflexo. Entrei na sala e fiquei maravilhada com algumas das peças, fico sempre perdida não só pelo modo como está tudo tão bem pintado, desenhado e “recortado” como pelo facto de cada peça daquelas ter uma mensagem subjacente e um significado que eu não compreendo totalmente. Senti que a minha busca pela sétima e última pista tinha toda a lógica em estar ali. Mistérios e mais mistérios que não vão ser desvendados porque já se perderam no tempo. Nas areias do tempo é capaz de ser uma expressão mais conveniente...

Depois de ter demorado imenso tempo a ver a primeira sala (tinha tempo), abri o mapa para ver para onde tinha que me dirigir e descobri que o meu mapa não era daquele piso, nem sequer da exposição ou do museu. O meu mapa estava levemente alterado. Conseguia ver alguns corredores do museu, mas tinha outro mapa desenhado por cima. Era um mapa da cidade, ou parte dela, e tinha uma bola encarnada no sítio do museu. Essa bola era a referência à sala onde me encontrava no mapa original. Um bocado a custo, lá entendi

que a exposição tinha apenas outra sala no segundo andar e dirigi-me para lá. Não vi grande coisa da segunda sala, tinha bem presente que tinha andado a última hora e tal com a sétima pista nas mãos e nem um olhar lhe tinha deitado... Apercebi-me de repente de que o João também estava metido naquilo! A minha esperança acendeu de novo e tive bastantes dificuldades em acalmá-la. A caixa na minha mala também não me ajudava a esquecer o que eu queria acreditar.

Olhei para o mapa com cuidado, já que não conseguia concentrar-me nas jarras canópicas onde os egípcios colocavam alguns órgãos dos mortos (sim, dos vivos era capaz de ser chato). O mapa não estava completo e a única coisa que estava realmente desenhada era o local do museu e o rio. Mas não estava propriamente claro em que zona do rio é que estava a resposta e o raio da cidade está praticamente rodeada de água! Reparei melhor no mapa original e vi um quadrado onde alguém tinha pintado quatro quadrinhos por cima das pontas do quadrado original. O quadrado grande ficava mesmo na zona do rio, supostamente seria uma sala qualquer no primeiro piso do museu, mas ali podia muito bem significar uma plataforma quadrada no rio... E tal plataforma não me era completamente desconhecida. Estava tão contente que deixei as múmias para a próxima visita - elas também não iam longe. De qualquer modo, ainda me demorei na loja do museu onde comprei um escaravelho para recordação. Na saída voltei a passar pelo João.

- Safado, estás metido nisto!
- Não acredito que só te vais embora agora! Pensei que já tinhas saído?
- Só reparei agora no mapa adulterado que me deste! Eu sou um bocadinho lenta, tens que ter paciência e...
- Despacha-te, vai-te lá embora, mexe-te!
- Mas qual é a pressa?
- É que eu já avisei que tinhas saído...
- Ah sim? Quem é que avisaste? Como sabes que eu vou para o sítio certo? Ajuda-me!
- Ora, deixa-te lá disso e pisga-te!!
- Se fosse contigo queria ver!

- Despacha-te miúda!! Ele está à espera, não tarda perdes o pôr-do-sol!

## No Fim do Arco-Íris

Corri pela rua, desejei poder empurrar o metro para ir mais depressa, corri pela estação, corri durante todo o caminho que me separava de ti e só parei quando te vi. Só aí o meu coração desatou a bater atabalhoadamente e eu senti uma certa incapacidade em manter-me de pé. Tu viste-me assim que cheguei. E viste-me na minha bela figura: cabelo desgrenhado, o livro dos três mosqueteiros numa mão e uma mala pesada na outra. Estava parada feita estátua a olhar para ti. Vieste ter comigo e viraste-me sem cerimónia nenhuma em direcção a uma barraquita de gelados. Tive que reunir muito esforço mental para decidir qual das minhas pernas ia avançar primeiro e não me esquecer de avançar a outra a seu devido tempo. Fui deixando de respirar conforme a distância encurtava e parei completamente quando fiquei de frente para ti e me ofereceste um gelado.

- Magnum clássico? - ofereceu-me ele.

- Exacto, ainda te lembras... obrigada. Pensava que te tinhas ido embora?

- Estava mais que entalado na minha garganta e fui incapaz de reter para deixar sair antes um "olá" ou "que bom ver-te".

- Não te despediste de mim... - Apesar de tudo, o tom dele não estava zangado.

- Pois... hum... é horrível reconhecer isto, mas não tive coragem.

Desliguei o telemóvel para não dar qualquer hipótese de te despedires de mim porque não queria ouvir-te dizer adeus. E quando já sabia que o avião tinha levantado, detestei-me por não ter ido. Fiquei tão decepcionada que nem tenho saído de casa, é a triste verdade. Pensava que eu era mais forte... devia ter lá estado. Queria dizer-te coisas que achei que não tinha direito, não naquela altura. Queria ter ido... devia ter-me despedido de ti. Devia ter sido mais forte por ti. - Nem uma única vez levantei os olhos do chão enquanto tentava justificar-me (sem perder a voz) de uma coisa que não tinha justificação.

- Fizeste-me sofrer um pedaço é verdade. Telefone desligado durante tanto tempo...

- Porque voltaste? - Disparei eu.

- Eu não voltei porque nunca cheguei a sair. E já devias saber disso há mais de uma semana!

- Foi por isso que tentaste ligar-me aquelas vezes todas? Tu não chegaste a partir?!

- Não. Vais deixar o gelado derreter? - Desta vez ele tinha um olhar divertido.

- Cancelaram o voo? O que se passou? Não te quiseram, cancelaram o contrato?

- Eu não assinei nada, não fui porque não quis. E queria dizer-te que fiquei por ti, mas tu não me deste hipótese!

- Ah...

O melhor homem do mundo diz-me uma coisa destas e a coisa mais inteligente que tenho para dizer é um "ah". Eu sou uma pessoa muito triste.

- Resolvi fazer isto para te fazer sofrer um bocadinho e também para fazer-te sair de casa, a tua mãe disse-me que não tens saído desde que... pronto. Na altura fiquei sem saber bem o que fazer. Não me disseste nada, nem na altura nem depois! Já não sabia se tinha feito bem ou se realmente devia ter ido naquele avião!

- Não!! Não devias nada ter ido embora! - Saiu-me completamente sem aviso. - Bem, eu nem sei como qualificar a minha reacção ou falta dela. Muita falta de bom senso, é verdade! E sim, isto é eufemismo. Mas quero que saibas que desejei sempre que fosses tu por detrás disto. A cada pista que descobria, cada passo até aqui, sonhei que ficava mais perto de ti... ajuda-me nalguma coisa? - Ri-me do nervosismo.

- Ah sim? E como é que vais convencer-me disso? - Respondeu-me ele num ar trocista.

- Eu posso provar! - Finalmente um sorriso da minha parte.

- Podes?... Como?

- Rima com varicela! - Respondi eu finalmente orgulhosa de qualquer coisa que tinha feito.

Entreguei-lhe o meu gelado ainda por abrir e tirei a caixa de chocolates da

mala, o meu pequeno triunfo. Dei-lhe a caixa com um orgulho incomparável.

- E não é que valeu mesmo a pena esperar por ti?! - Ele estava genuinamente surpreendido e não conteve uma gargalhada.

- Ora... há coisas que nunca mudam! - Respondi eu com o maior sorriso de que tinha memória.

Rimo-nos com vontade, enquanto os gelados se derretiam. Aproximámo-nos um do outro (com cuidado para não esmagar os gelados) e ele deu-me um beijo sem bom senso nenhum, felizmente. Não tirámos os olhos um do outro durante o resto da tarde. Só o via a ele e era incapaz de reparar na quantidade de pessoas que passeavam, iam e vinham à nossa volta. Parecíamos dois miúdos acabados de abrir todos os presentes de Natal e depois descobrir que eram exactamente o que tínhamos pedido. Rebolámos nas imperfeições da relva, rimos, falámos imenso e respirámos um para o outro. Por fim, resolvemos parar para descansar debaixo de uma arvorezita, e eu fiquei sentada na relva ao colo dele. Olhei para os meus pés por nada de especial, simplesmente porque estavam no meu horizonte. Senti-me a transbordar de alegria, alegria por nada em particular, apenas felicidade pura por tudo. Senti-me demasiado pequena para guardar tanta alegria, senti-me demasiado minúscula para merecer tanto. Há pessoas que durante uma vida inteira não têm um só momento daqueles. Enchi-me de coragem para dizer tudo o que tinha guardado dentro de mim, e do meu quarto, nos últimos dias.

- Desta vez tenho que pedir-te para ficares comigo. É egoísta, eu sei, mas quero sentir-me assim sempre que puder. E tem que ser contigo, normalmente não consigo ter tantas dores nos maxilares e nos abdominais. E eu gosto que me doa o maxilar de tanto rir... Eu costumo conseguir parar de rir, sabes? E perto de ti isso nunca acontece. Quero-te muito, a sério.

- Eu fiquei por ti, lembras-te?

- Mas eu nunca te tinha dito isto! Nunca tive coragem... Nem na semana passada tive e agora que pensava que tinha perdido tudo, ter-te de volta é quase bom demais. Eu não te mereço, mas queria dizer-te que te quero comigo alto e bom som para não teres que adivinhar ou ficar na dúvida sobre

o que eu penso sobre ti... nós.

- Bem, mereces qualquer coisa sim. Afinal chegaste ao fim do jogo mais rápido do que eu supunha e acertaste na caixa de chocolates! E eu queria ouvir-te a dizer isso... finalmente.

- Isso é um sim? - Se o meu coração continuasse a bater assim, eu ia precisar de um transplante.

- Que remédio!...

- Até parece!

- Pronto, pronto. Sim, claro! - E abraçou-me num sorriso brilhante.

- Assim está melhor!

- Achas?

- Não... tenho a certeza! Sinto-me como se tivesse descoberto o pote de ouro!

- Qual pote de ouro?

- O do final do arco-íris.

- Qual arco-íris?... Ok, esquece, tu és estranha. Chega p'ra cá!

**FIM**

## Parte I

Bem, eu sou uma princesa. Talvez não seja exactamente aquilo que se espera de uma princesa, mas o meu pai é rei, eu sou mimada, temos o nosso pequeno reino e nunca me aventurei para lá das muralhas. Até tenho longos cabelos encaracolados e olhos claros. Quer dizer, os longos caracóis pretos que tenho caídos nas costas são na verdade uma peruca. Não é que tenha ficado careca desde que nasci, mas tenho que rapar o cabelo por causa dos piolhos. A bem dizer adoro a sensação de frescura quando tiro a peruca antes de me deitar, acredito que um dia as princesas vão poder ter cabelo curto. O meu pai diz que eu só vaticino disparates, mas eu cá tenho as minhas ideias. Porque é que eu nunca saí das muralhas em vinte e três anos? Bem, para começar, o meu pai sempre me disse que fora das muralhas vivem dragões e gigantes. Eu nunca vi nenhum e não conheço ninguém que tenha visto um, portanto começo a achar que ele me pregou a peta do século logo a seguir à fada dos dentes, mas pelo sim pelo não... Além disso, nunca me contaram a história de nenhuma princesa de espada em punho a matar dragões, são sempre os príncipes montados em belos cavalos brancos que fazem as coisas que sujam mais a roupa (incluindo à mesa). Mas se os dragões existirem mesmo, espero que nenhum deles goste de carne mal passada. Por falar em cavaleiros, do lado de lá também estão os homens e confesso que esta coisa toda dos pretendentes amedronta-me um bocado, especialmente porque o meu pai já construiu três alas diferentes para a futura descendência e acha que o facto de eu permanecer solteira é pura e simplesmente a hecatombe que se segue ao aparecimento do Robin dos Bosques.

É claro que tenho vários pretendentes, não pelos meus lindos olhos mas porque sou rica e tenho um título de rei para "oferecer", por assim dizer. Ultimamente, com o vai e vem de pretendentes, apercebi-me que estou na curva descendente da nossa esperança média de vida. Não é que me sinta mais velha, mas não tenho muitos mais anos por viver. Os pretendentes é que são sempre mais do mesmo: nobres que não têm onde cair mortos e se fingem interessadíssimos numa pessoa que nunca viram antes e tão pouco tentaram perceber como reconhecer-me antes de chegar (as minhas actuais três aias

têm uma certa colecção de declarações à custa desses senhores e uma ex-aia casou mesmo!). Os que têm dinheiro vêm à procura de uma bela donzela... e quando me vêem, demoram-se menos do que o conselheiro quando vem pedir fiado para pagar as dívidas de jogo e é corrido pela mulher à vassourada (ela é a cozinheira do castelo e já se sabe, as paredes têm ouvidos).

A minha maior ajuda no campo de despachar os pretendentes, sem que o meu pai tenha tempo de exercer o seu poder paternal, é a Clara. A Clara é uma criadita negra da minha idade que o meu pai encontrou à porta da nossa casa quando eu também era bebé. A minha mãe morreu na noite em que a Clara chegou e o meu pai interpretou isso como um sinal. Eu e a Clara crescemos juntas e, apesar da diferença abismal da minha "educação" e da dela, somos praticamente irmãs. A Clara não é bem negra, tal como o nome indica. Vê-se claramente que alguns dos conquistadores do novo mundo estão também eles a serem conquistados pelos "povos inferiores". Provavelmente a Clara tem mais educação que eu, ela não sabe tocar piano nem ler, mas sabe comportar-se melhor na presença das visitas, tem coragem para sair do castelo e tem uma pose que não deixa nenhum homem indiferente. Costuma andar com o traje de criada que eu invejo a cada segundo. Vestidos práticos a lembrar-me constantemente do corpete apertado e daquela monstruosa armação de madeira para dar roda à saia. Essa mesmo construção que nos impede de sentar comodamente, ocupar apenas um lugar no balcão do teatro, aproximar-nos de alguém ou até entrar numa porta mais apertada. Além de ser a minha melhor amiga, a Clara é a mais bela moça dentro das muralhas do castelo e, provavelmente, do reino. Não é que ela fizesse por se mostrar, todos os dias aparecia vestida da mesma maneira, mas as duas tranças caídas e aqueles olhos verdes enormes derretiam qualquer homem. Além disso, ela não andava - dançava no ar! Eu divertia-me a ver a cara do meu pai enquanto os pretendentes se declaravam e nem olhavam para mim porque não conseguiam desviar o olhar da Clara desde que ela entrava até sair do salão! Os mais ousados pediam-me para aparecer nalgum baile e faziam questão de notar que as nossas criadas também estavam convidadas para ajudar à festa. Enfim, com a ajuda da Clara consegui despachar todos os pretendentes que quis: os muito velhos, os muito gordos, os muito altos ou demasiado baixos, os demasiado

chatos ou demasiado inteligentes. Afinal, ler uma página de um livro ainda era tarefa capaz de ocupar-me um dia inteiro. E felizmente, o meu pai não precisava de convencer-me a um casamento por conveniência.

Porem, três dos meus vários pretendentes conseguiram desviar-nos da rotina no castelo: o Bernardo, o João e o Pedro. Apareceram assim por ordem alfabética e tudo!

## Parte II

Eu e a Clara estávamos extasiadas para conhecer o pretendente Bernardo. Este senhor tinha enviado a carta mais rococó de que há memória neste reino. Uns floreados incríveis que me levaram três dias para decifrar apenas a primeira letra da carta. Decidimos logo que eu nunca me poderia casar com alguém chamado Bernardo de Santa Maria Vasconcelos e Melo da Silva Rodrigues e Pereira. No entanto, o meu pai estava maravilhado por saber que o senhor era rico e tinha um caso de gémeos na família, alguma tia em terceiro ou quarto grau. Assim que ele chegou, confesso que me faltou o ar. A minha ideia de alguém com aquele nome era pelo menos uma certa dose de cabelos brancos, uma barriga de gestação de 14 meses e um falar muito afectado, além de sapatos com o bico enrolado - o que está completamente fora de moda! Qual o meu espanto (só o meu, a Clara continuou impassível) quando entrou um moço novo no castelo, galante e que se apresentou como sendo o esperado Bernardo. Eu confesso que arregalei os olhos quando vi que não lhe faltava um dente sequer! Tinha olhos da cor dos meus e cabelo louro ligeiramente ondulado. "Uau!" exclamou a minha vozinha interior. Passei a tarde a sorver tudo o que ele dizia, apesar de não perceber metade. Efectivamente tínhamos enganado porque o Bernardo não tinha voz nasalada, mas era "sopinha de massa" e cuspiu ligeiramente tudo o que estava num raio de cinco dedos. Eu estava maravilhada e limpava gentilmente as pequenas gotículas de saliva que teimavam em atravessar a mesa que nos separava.

No final daquela magnífica tarde, o meu pai convidou o Bernardo a conhecer o jardim comigo e com as minhas aias. Conseguia ouvir as três a suspirar a cada palavra sem "s" pronunciada naquela voz melosa. Quando começava alguma sucessão de palavras "difíceis", cada uma delas levantava ligeiramente o leque e emitia um risinho nervoso e extremamente irritante. Eu fingia que o ouvia porque nem conseguia concentrar-me, tal era a certeza que estava ali a minha alma gémea. A Clara insistia que havia algo de errado com ele e eu achava que ela é que não estava habituada a ter menos atenção do que eu! O Bernardo era finalmente o meu cavaleiro andante! Já tinha pedido a minha mão em casamento sem olhar para mais nenhuma dama. Eu estava

convencida do amor eterno que sentia pelo Bernardo e até andava a praticar o meu nome acabado em Silva Rodrigues e Pereira. A única coisa que me preocupava era se no dia do casamento ele tinha que dizer o nome completo virado para mim... o "Santa" e "Silva" causavam-me alguma inquietação já que não podia levar o leque.

A poucos dias da boda e com o castelo em alvoroço, eu dormia cada vez menos com tanta excitação. Quando a costureira me trouxe o vestido de noiva, não fui capaz de despi-lo e fartei-me de rodopiar pelo quarto a sentir-me a mulher mais bonita do mundo. A minha alergia durou até a Clara começar com um longo questionário:

- Mas ele já tentou agarrar a tua mão? Ou beijar-te? Ou aproximar-se de ti sequer?

Revi mentalmente os últimos dois meses e realmente não havia qualquer indício de tentativa de proximidade, mas isso era decerto porque ele era muito pudico, apressei-me a explicar. Fiquei a moer nas perguntas da Clara e, como não tinha sono, resolvi dar um passeio nocturno para arejar. Já cá fora, ouvi umas vozes sussurradas.

- Oh meu amor, como é bom sentir-te novamente! - Seguiram-se os sons de alguns beijos.

- Xiu, vem aí alguém!

Eu estava acostumada aos encontros nocturnos e “secretos” das gentes do palácio (já que toda a gente tinha vida privada menos eu), portanto não liguei. No entanto, conforme me afastava, algo me dizia que não devia ir já para o quarto. Simulei os passos para a saída, descalcei-me e lá voltei eu - ainda vestida de noiva - sem fazer barulho para me esconder atrás de um pilar. Esperei que a conversa retomasse.

- Como é possível que não acredites no que sinto depois de tudo o que estou a fazer para estar mais perto de ti?

Soou um alarme cá dentro... aquela voz era demasiado familiar. Tentei sair do pátio porque já não queria ouvir mais nada, mas parei quando senti que as duas figuras caminhavam na minha direcção. Encolhi-me o mais possível e sustive a respiração.

- Sabes que o rei espera descendência rápida, não sabes?

- Sei sim, não me fala noutra coisa... e também já não sei o que mais fazer para manter-me longe dele e da filha dele, qualquer dia fico com a boca seca de tanto cuspir! - Aquela foi a gota de água.

- BERNARDO!!! - gritei a plenos pulmões.

A Clara apareceu vinda não sei de onde com uma tocha e metade das pessoas do palácio acudiram à varanda para não perderem o espectáculo. Ali estava eu: descalça, vestida de noiva, a chorar que nem uma bebé e, agora sim, a cuspir a cara do meu ex-noivo com lágrimas, saliva e outros fluidos corporais que escorriam-me do nariz.

- COMO FOSTE CAPAZ? EU FARIA TUDO POR TI! E... TU TRAIS-ME COM.... O LUÍS??

Não vale a pena entrar em detalhes sobre o que se passou em seguida. Mas assim acabou o meu noivado com o Bernardo, o homem dos perdigotos conscientes.

## Parte III

O João chegou com o cheiro a sal. O meu pai nunca aceitou nenhum dos meus vários pedidos para ver o mar. Dizia o que o diabo se escondia nas profundezas dos oceanos. Eu acho que o diabo não ia sentir-se bem no mar, imagino-o sempre de tridente em punho e rodeado de fogo. Dentro de água, a modos que fica um pouco apagado, não? A deitar um fiozinho de fumo e a cheirar a porco chamuscado?... Confesso que nunca entrei nesta discussão com o meu pai, se o diabo vive na água tudo bem - eu também não gosto muito de tomar banho. Mas voltando ao sal, a chegada dos heróis do novo mundo era sempre motivo para um grande reboliço cá no reino, primeiro porque era raro voltarem e depois porque nesta comitiva vinha o João Carlos Figueira de Sebastião e Melo: o ladrão tornado herói que mais suspiros arrancava às damas. Roubava tudo o que encontrava (incluindo a mulher alheia), até que foi preso e enviado para conquistar terras do novo mundo sob forma de perdão real. Tornou-se então num herói muito popular e era dos nossos conquistadores melhor sucedidos, literalmente.

Eu estava muito curiosa, não só porque era a princesa e portanto ia recebê-lo no castelo e jantar com ele, mas também porque as minhas aias estavam tão delirantes que não paravam de desmaiar porque tinham o corpete demasiado apertado. E eis que foi o delírio total quando ele chegou, finalmente, às portas do castelo. O João era de facto um homem lindíssimo, tinha uma pele dourada como eu nunca tinha visto, era muito alto, musculado e parecia quase do tamanho do cavalo onde vinha montado. Acabei por perceber que ele tinha um certo charme por si só, as senhoras (casadas ou não) suspiravam quando ele passava (mesmo a vários metros) e os respectivos maridos ou interessados faziam cara feia e rosnavam ameaças, mesmo quando ele não dizia nada. Na minha cabeça rodava num intermitente “Ena, uau, ena!”. Depois de nos sentarmos à mesa, entendi que o Sr. Melo não tinha uma linguagem lá muito desenvolvida. Era incapaz de manter uma conversa minimamente decente, mas tinha histórias fabulosas para contar. Fiquei com imensa vontade de conhecer o mundo para além mar, quer dizer, para começar talvez fosse melhor ver primeiro o mar e as suas tempestades. No

final do jantar, lá tentei aproximar-me dele, apesar de ter que furar caminho por entre as minhas próprias aias (e sabe Deus como isso é difícil com estas saias!). Lá consegui chegar perto do homem e quase me esqueci do que tinha para dizer, ele era mesmo bonito! Depois de gastar uns minutos a concentrar-me, disse-lhe que gostava muito que ele me acompanhasse num passeio no dia seguinte. Ele acenou que sim, mas que eu tinha que levar as minhas lindas aias para nos acompanharem. Houve um suspiro colectivo tremendamente alto e, desta vez, fui só eu que me senti ofendida.

Na manhã seguinte acordei super entusiasmada com a ideia de rever o João, mas sem vontade nenhuma de partilhar a atenção dele com as minhas aias. Ainda por cima, cada uma delas parecia-me particularmente bonita naquele dia. Lá reuni coragem e saí com aquele bando de galinhas até ao pátio. O João chegou com uma hora de atraso, o que ia provocando um ataque de histeria em grupo. Vinha bastante ofegante e descomposto, mas com um sorriso pronto nos lábios que nos fez arrumar todas e quaisquer perguntas acerca do atraso. Eu tinha a carruagem pronta para o passeio (tinha pensado ir até perto do mar), mas os meus planos foram por água abaixo porque ele insistia em ficar dentro do castelo, que os jardins eram lindos e que ele não os conhecia. Insistiu tanto que lá voltámos para trás a contragosto.

O passeio até estava a correr bem e, apesar dele repartir a atenção pelo mulhério todo, falava mais vezes comigo. Descobri que ser princesa podia trazer-me a vantagem de ter a atenção de homens deslumbrantes que, de outro modo, nunca olhariam para mim duas vezes. A dado momento, ele perguntou-me se podia falar a sós comigo e afastámo-nos um pouco do grupo suspirante. Eu estava com um certo receio da escolha de palavras dele porque decoro não era sinceramente o forte do João, mas até achei que ele se estava a esforçar durante o passeio.

- Sabe, isto de ser aventureiro é óptimo! Conhecemos imensas coisas, nomeadamente mulheres que é o que mais nos interessa longe de casa, sabe?

- Hum... - acenei ligeiramente com a cabeça sem saber muito bem o que

devia dizer.

- As pessoas respeitam-nos! Mas também há aquela altura da vida em que um homem tem que assentar, percebe? E eu gostava de assentar o mais rapidamente possível! E de preferência com uma...

- Uma...?

Não tive tempo para ouvir o resto porque entrou um homem esbaforido a correr na nossa direcção, e trazia um machado com ele. Assim que o João o viu desatou a fugir. Eu fiquei parada, sem saber o que fazer e só quando ouvi:

- Afaste-se princesa! Anda cá meu sacana!! Agora já não tem piada meteres-te com as mulheres dos outros, não é??

É que entendi o que se passava e desatei a correr atrás do homem a pedir-lhe que se acalmasse em nome do rei. Atrás de nós seguiam mais alguns homens que se tinham juntado ao coro de indignados e que eram, por sua vez, seguidos pelas minhas aias chorosas e a gritar alto para não fazerem mal ao Sr. João. Não sei se consigo explicar a confusão que se seguiu, mas a Clara disse-me que estava a estender roupa e que viu o João a correr como se a vida dele dependesse disso (e realmente dependia) e uma procissão afogueada atrás dele. O grupo de homens vociferava: “Anda cá meu traste!”, “Ai se não fossem as senhoras aqui!”, “Agora já não te chegas perto, não é?”, “Pára de correr!!”, “Eu já te mostro o que é ser homem!!”. Todos tinham as caras bem vermelhas de cólera, mas também do esforço da maratona. Um pouco mais atrás, o grupo de mulheres gritava chorosamente por piedade, perdão e outras coisas no intervalo de muita arfada à custa dos corpetes: “Se calhar vocês é que não dão conta do recado em casa!”, “Faz-me um filho!”, “Deixem lá o homem em paz!”, “Ó Joaquim, perdoa-me!”. Estávamos todos a correr em círculos porque os jardins eram grandes, mas tinham os seus limites e o João tinha literalmente fogo no rabo. Continuámos nisto até que perdemos todos o fôlego, menos o João que tinha mais razões para correr do que nós todos e que acabou por escapar. Acho que este episódio vai ser daquelas histórias que vai correr de boca em boca nas futuras gerações.

Seguiu-se uma audiência com o meu pai onde foram contabilizadas cerca de trinta traições, o que eu achei fenomenal porque o João tinha chegado apenas no dia anterior. Alguns homens queriam que o papa lhes anulasse o casamento, outros queriam ter o direito a casar de novo com outra mulher, outros queriam simplesmente linchar o João. As mulheres casadas ou prometidas pediam perdão, outras choravam pelo amante fugido e outras tantas fungavam de pena porque ele nunca tinha chegado a tocar-lhes sequer (eu confesso que me sentia mais inclinada para este grupo). A Clara divertia-se à grande com a confusão instalada e o meu pai, ao saber da existência de trinta e dois bastardos ainda em contagem, decidiu enviar a tropa real atrás do João apesar dos protestos femininos. Ninguém arredou pé da sala do trono (excepto para usar as latrinas) até que o capitão da guarda real reentrou no castelo e anunciou que o João tinha embarcado numa nau que tinha partido naquela tarde. As notícias trouxeram um misto de reacções: houve suspiros de alívio, asneiras de quem se sentia por vingar e eu confesso que me juntei à Clara a rir que nem uma perdida. Jantámos um pouco mais tarde do que o costume e com muitos convidados à mesa. A pouco e pouco fomos bebendo e esquecendo o João e a confusão que ele tinha criado em dois dias.

A parte mais chata é que passados nove meses tivemos dificuldade em encontrar parteiras para atender a todos os pedidos, mas graças ao João (o que lhe valeu outro perdão real), o reino rejuvenesceu e nasceram mais bebés naquele ano do que em todos os que se seguiram.

## Parte IV

O meu último pretendente chegou durante as festas grandes do reino. Tínhamos imensos convidados no palácio e era a altura da minha festa preferida: o baile de máscaras. Era a festa que eu gostava mais porque o meu pai deixava de andar de olho em mim (até porque não sabia onde eu andava no meio de tanta gente) e a Clara usava os meus vestidos e pavoneava-se pela sala a convencer toda a gente que era uma imperatriz de um reino longínquo. Os homens então acreditavam religiosamente no que ela quisesse, acho que se ela dissesse que era uma rã transformada em princesa eles também acreditavam... é por isto que gostamos deles, não é? Mas voltando um pouco atrás, comecei a trocar cartas com o Pedro uns meses antes do baile de máscaras. Ele escreveu a contar-me que uma tia que temos em comum tinha-lhe falado de mim e que estava muito interessado em conhecer-me. A nota interessante deste pretendente é que enviava-me sempre uma flor cuidadosamente espalmada em todas as cartas. Acabei por achar que valia a pena conhecer o "Sr. Malmequer" - como a Clara o tinha baptizado. Combinámos que ele viria ao baile vestido de Robin dos Bosques (apesar de eu não fazer ideia do que isso seria exactamente) e eu disse que ia usar um vestido cor de prata e uma máscara cor-de-rosa com duas penas prateadas do lado direito.

A noite do baile chegou por fim e eu mal conseguia respirar tal era a excitação, e também por ter o corpete mais apertado do que o habitual para um baile. Fiquei perto da entrada para cumprimentar todos os homens que entravam e para ver se encontrava o Pedro. Até que chegou um convidado que me chamou a atenção: entrou vestido com um fato castanho que tinha uma mancha vermelha no peito e outras mais claras a compor o resto do fato. Não sei porquê, "Robin" assentava-lhe que nem uma luva e eu não pensei duas vezes: estava ali o Sr. Malmequer. Fiz sinal à Clara e fui atrás do meu pretendente.

- Muito bem vindo!
- Boa noite, minha senhora.

- Já me reconheceu? Máscara cor-de-rosa e duas penas de lado!
- Hum... por acaso não! Pensava que era essa a função da máscara?
- Ah e tem sentido de humor! Que bom! Sou eu, a princesa!
- A... princesa? Pensava que a princesa era aquela dama morena ali à entrada.
- Não, essa é a Clara! E sim, está a fazer-se passar por uma dama de sangue azul... e então, vamos dançar?
- Tem a certeza que quer dançar?... Comigo?
- Claro que sim! Aposto que tem muita coisa para me contar, não é assim?
- Se a senhora o diz!...

E lá fui eu a rodopiar nos braços do meu passarito que afinal era mais gordinho do que eu tinha imaginado quando ainda pensava nele como um “malmequer”. Foi com grande alegria que reparei que ele não tinha qualquer problema na fala, nem atraía demasiados olhares femininos ou masculinos, mas parecia um bocado distraído porque não se lembrava de nenhum dos assuntos que tínhamos discutido nas cartas. Entretanto a Clara dançava alegremente com um senhor vestido de um modo peculiar: verde esfarrapado dos pés à cabeça e com um barrete cor-de-laranja com uma pena no topo. Achei que eles faziam um casal particularmente bonito, pareciam proporcionais um ao outro. E, o que me espantou mais, foi a maneira como a Clara o olhava - era a noite de sorte do cavalheiro de verde! Ao fim de algumas danças bem divertidas, o meu par perguntou-me se queria passear um pouco pelo jardim, ao que eu reagi com um entusiástico sim. É claro que sair do baile e da confusão para dar toda a minha atenção ao Sr. Malmequer seria agradável! Mas tinha que manter a minha distância de dama respeitável, claro. Ele tirou a máscara da cara e eu fiquei de olhos arregalados: tinha à minha frente um homem bem mais bonito do que estava à espera. É certo que tinha uma barriguinha e que me tinha pisado mais de três vezes durante a dança, mas tinha imensas coisas giras para contar, um sorriso grande e uns olhos acinzentados enormes. Pareciam ser da cor da lua cheia e da minha máscara. Pegou-me na mão durante alguns minutos e eu senti o sangue a subir-me à cara, aposto que estava vermelha que nem um tomate. Como é que ele se atrevia a pegar na minha mão sem pedir-me em casamento primeiro?

- Acho que é melhor não fazer isso. - E retirei a minha mão da dele.
- Porquê?
- Porque ainda não declarou as suas intenções, nem o que o trouxe cá tal como tínhamos combinado.
- O que me trouxe cá?... Como assim?
- Ora, então o que é que o senhor veio fazer a este reino?
- O que é que eu vim cá fazer?... Mas ó minha senhora, eu já cá...

Nesse instante ouviu-se um grande estrondo na sala de baile, deixámos a conversa a meio e corremos os dois para lá. Havia um clarão enorme, uma confusão fenomenal e as pessoas gritavam “FOGO!” enquanto fugiam. Pareceu-me que o grande lustre do salão tinha caído no chão com um estrondo digno de um deus muito irado (pensando nisto agora, acho que a queda de um grande lustre era capaz de ser um grande momento numa peça de teatro!).

- Princesa, é melhor desviar-se senão ainda é atropelada por esta gente!
- Não, a Clara está lá dentro! Tenho que ir lá!
- A Clara? Mas não pode! Repare bem na confusão que para ali vai!

Eu tentei entrar mas ele segurou-me com força. Apesar da confusão, senti-me protegida e perguntei-me se segurar na minha mão era suficiente para obrigá-lo a pedir-me em casamento. Aposto que ficava com má fama até ao final da minha vida... o que aconteceria daqui a uns vinte anos. Ao fim de alguns minutos, a confusão, o cheiro a fumo e a quantidade de gente a gritar começaram a mexer comigo. Comecei a chorar e tentei soltar-me do Pedro para procurar a Clara.

- Calma, calma! Pronto, eu vou lá buscá-la. É a senhora que estava mascarada de princesa, não era? Eu vou procurá-la, mas fique aqui!
- Eu fico. Despache-se, por favor!!
- Só depois de prometer-me que não sai daqui a menos que o fogo venha nesta direcção! Prometa-me!

- Prometo, vá lá, está prometido! Ó homem despache-se!!

E lá fiquei eu a roer as unhas e a desejar que ninguém estivesse a olhar para poder roer as dos pés também. As coisas desenrolavam-se lentamente, como se eu pudesse ver as imagens a sucederem-se muito devagar: as labaredas tentavam fugir pelos vidros estilhaçados, as pessoas gritavam por água e pediam mais baldes, a noite estrelada permanecia impávida e serena por cima das nossas cabeças. Sentia-me à parte de tudo, o som chegava longe e parecia que os meus olhos não detectavam o movimento imediato. Tentava pensar na Clara, ao mesmo tempo que procurava o meu pai na multidão, apesar de ter a certeza que ele estava a salvo. No meio desta realidade sonhada, senti-me a voltar à realidade quando ouvi um chamamento que conhecia há anos. Vi-o finalmente e corri para ele: "Pai, pai, pai!!!". Fiquei ali a abraçá-lo enquanto algumas pessoas acorriam com baldes, outros gritavam ordens e trabalhavam todos em conjunto para apagar o imenso fogo que projectava as nossas silhuetas tremidas num laranja vivo.

## Parte V

Já era de manhã quando tudo acabou. As pessoas espalharam-se pela relva do jardim exaustas. Eu tinha adormecido de cansaço, a chorar pela Clara e ainda abraçada ao meu pai. Ele cumpria simultaneamente a função de rei e de pai e continuava a comandar tudo através de gestos e sussurros para não acordar-me. Acordei apenas quando ele me chamou em voz alta: “Filha, acorda!”. Esfreguei os olhos que ainda ardiam do fumo e olhei em volta, mal contive a minha excitação quando vi a Clara! Vinha com uma manga descosida, o cabelo solto e molhado, a maquilhagem desfeita, mas belíssima como sempre. A minha irmã estava viva!! Agarrei-me de tal forma a ela que desconfio que podia ter-lhe deslocado uma costela ou outra.

- Calma, calma, está tudo bem!

- Estava tão preocupada contigo!

- O teu malmequer vestido de pássaro salvou-me! Não sei como é que ele me encontrou, só acordei quando ele, não muito gentilmente, despejou-me um balde de água fria pela cabeça abaixo.

- Isso explica o teu cabelo molhado... Mal posso esperar para agradecer-lhe profusamente, sabes onde ele está?

- Oh, já foi embora.

- Embora? Para onde? Mas ele nem pediu a minha mão em casamento!

- Não? Pensava que era isso que ele tinha vindo cá fazer.

- Também eu... então e o teu par verde?

- Ai, nem digas nada! Que homem! Olha, declarou-se-me umas dez vezes durante a noite... estou farta de procurá-lo e não o encontro. Ele tinha ido buscar umas bebidas quando o lustre caiu... que visão horrível, espero que não lhe tenha acontecido nada!

- Isso és tu preocupada com um homem pela primeira vez?

- Sim... não posso?

- Claro que sim! Vá, conta-me mais coisas!

- Que posso eu contar? A noite não deu para nada... além disso, acho que ele não percebeu bem quem eu era.

- O meu par também me pareceu um bocadinho baralhado esta noite,

deviam estar a adivinhar o que estava para vir. Mas olha, pode ser o começo de um grande amor na mesma!

- Amor de verdade num baile a fingir?
- Há que começar por algum lado?...
- És uma romântica incorrigível!
- Olha! O teu Sr. Verde está ali!

E aponte, como me dizem sempre para não fazer. A cara da Clara ia perdendo cor conforme o Sr. Verde se aproximava dela - nunca a tinha visto assim. A pena do chapéu dele estava queimada e ainda deitava um fiozinho de fumo que me distraía. Ele dirigiu-se directamente à Clara:

- Princesa, estou tão feliz por vê-la sã e salva!

Olhámos de lado uma para a outra. Eu não sabia bem o que dizer, mas face a tanta confusão numa só noite, achei que era melhor esclarecê-lo.

- A princesa sou eu, ela é a Clara - desconfio que ele só deu pela minha existência nesse momento.

- Clara? Mas então... não entendo o que se passou.

- Eu estava mascarada para parecer que era da realeza... - suspirou a Clara numa voz apagada.

- Ai que terrível engano!

- Terrível? - Foi a minha vez de falar.

- Agora é que reparei que este vestido não é prateado e sabe, eu sou ligeiramente daltónico e tudo isto das cores confunde-me muito!

- Prateado?!... Não me diga que você é... - A minha cara abria-se num terror de antecipação.

- Pedro Miguel Ramos António Joaquim, encantado por conhecê-la... princesa.

Eu e a Clara olhámos uma para a outra e desatámos a rir. Demorámos vários minutos até recobrar a compostura e começarmos a chorar. Acho que foi demasiada coisa em tão pouco tempo: o fogo, o saber-mo-nos vivas, as

descobertas de amores trocados.... acabámos a soluçar no ombro uma da outra, enquanto o verdadeiro Sr. Malmequer olhava para a Clara e para mim completamente chocado e sem saber se devia fugir ou não enquanto tinha tempo.

- Eu a sonhar com o casamento... e ele não quer nada comigo, é contigo! -  
Fungava a Clara.

- E eu que achava que este era o outro e o outro tinha uns olhos tão bonitos!...

- Mas eu é que fico sem este!

- E eu quero o outro!! - E recomeçámos a chorar que nem umas verdadeiras madalenas.

- Err - O Pedro aclarou a voz - Desculpem interrompê-las minhas senhoras, mas isto é de facto um erro lamentável. Clara, lamento imenso! Até mesmo depois do lustre cair, esta noite foi memorável enquanto o erro se manteve... A melhor noite da minha vida, de facto! A senhora é lindíssima, mas eu não posso casar com uma senhora que não é da realeza, penso que entende. Lamento profundamente. Quanto a si, tenho a certeza que é boa pessoa, mas não posso manter a minha promessa e pedir-lhe a mão em casamento. Não depois de conhecer a senhora Clara. Estou um pouco abalado com tudo isto...

- Claro, compreendo perfeitamente. Deixo-vos agora porque tenho que ir falar com o meu pai... - Apressei-me a dizer entre várias fungadelas e afastei-me à procura do “outro”, enquanto deixava os dois a sós por alguns momentos.

O Sr. Malmequer ainda abraçou a chorosa Clara cujo choro tinha aumentado de volume, mas não vi muito mais porque o meu coraçãozinho também ameaçava descolar-se a qualquer momento. O castelo já estava praticamente vazio (de convidados, claro) e eu não sabia nada do passarito dos olhos cinzentos. Saber que ele não era meu pretendente tinha sido um golpe duro, e se ele era casado? Ou um espião de outro reino que estava agora cheio de informações sobre mim? E como é que era possível que eu nunca o tivesse tratado pelo nome, nem percebido a razão pela qual ele não

percebia nada do que eu dizia?! No entanto, o que me afligia mais era não fazer ideia de como podia encontrá-lo. Até a Cinderela tinha tido a decência de deixar um sapato! Vagueei pelos jardins do palácio e descrevi o Sr. Pássaro a toda a gente que encontrei - alguns mais do que uma vez - mas ninguém fazia ideia de quem poderia ser.

Nas semanas que se seguiram, eu e a Clara parecíamos umas almas penadas. Não saíamos, não ríamos, mal falávamos... ficávamos deitadas no quarto a olhar para o tecto e a suspirar pela nossa má sorte. Nem as cerejas que o meu pai mandava que alguém deixasse no meu quarto me abriam o apetite.

## Parte VI

Ao fim de mês e meio, decidi que se ia morrer deprimida, ao menos ia sair das muralhas por uma vez que fosse. Cheguei decidida à sala do trono e informei o meu pai que ia dar um passeio fora das muralhas do castelo. Penso que ele até ia objectar porque ficou parado de boca aberta e com o dedo indicador da mão direita levantado, mas acabou por assentir com um gesto da cabeça, talvez por me ver simplesmente de pé. De qualquer modo, mandou preparar a carruagem mais segura que tínhamos e ainda assim enviou um corpo de dez guardas para acompanhar a carruagem. Pedi ao cocheiro, o Sr. Zé, para levar-me a ver o mar, mais especificamente a zona mais bonita do reino com vista para o mar.

O mar era mais longe do que eu pensava. Meti a cabeça de fora da carruagem assim que saímos das muralhas e fui admirando o reino: os transeuntes e o mau cheiro. Ao fim de algum tempo, resignei-me a tapar o nariz e a respirar pela boca. Assim que saímos da zona habitada, o mau cheiro dissipou-se mas a paisagem passou a mostrar apenas árvores e pedras - chateei-me rapidamente. O tempo arrastava-se na curiosidade em conhecer o mar e a falta de alguém com quem falar, já que a Clara continuava a recusar-se a sair. A carruagem eventualmente parou e eu saí, um pouco a medo. Fiquei arrepiada quando vi o mar pela primeira vez: era lindíssimo! Cheirava melhor do que qualquer perfume que já me tinham vendido. Aproximei-me devagar até deixar de existir terra debaixo dos meus sapatos e ser substituída por areia onde me enterrei ligeiramente. Vi as ondas rebentarem e aos poucos fui perdendo o medo à espuma branca que ia e vinha. Fiquei hipnotizada durante bastante tempo com aquela visão, enquanto os caracóis da peruca se desenrolavam ao vento. Só despertei quando reparei que o som das ondas estava a dar-me uma vontade enorme de usar a latrina - o mais rapidamente possível. Como era uma princesa, achei que devia evitar aliviar-me atrás de um arbusto e dirigi-me a uma cabana simpática que estava ali por perto. É curioso pensar que a cabana tinha uma vista mais bonita do que todas as janelas do palácio. Conforme me ia aproximando, reparei que havia alguém sentado à porta da cabana e estava virado para o mar, e portanto de costas

para mim. Corri devagarinho até que a pessoa sentada ouviu-me chegar - ou talvez a chiadeira dos dez guardas que vinham comigo. Ela levantou-se num pulo e virou-se para nós. Assim que me viu, andou dois passos para trás e eu fiquei de boquiaberta depois de soltar um dramático “Oh!”. Passados uns segundos de hesitação - e passada a fúria de sabê-lo ali no reino durante aquele tempo todo e nunca ter tentado contactar-me - fiquei tão feliz que tentei chegar-me perto dele, mas ele insistiu em afastar-se a cada passo que eu dava na direcção dele. Sem outro remédio, gritei gentilmente:

- O que é que se passa? Não se lembra de mim? Sou a princesa!
- Claro que lembro!... Mas o que faz aqui? - Gritou ele.
- Vim à procura do mar!
- Do mar?
- O que disse?... Temos umas coisinhas por esclarecer, não? - Enchi os pulmões de ar para continuar a gritar. - Mas primeiro que tudo, posso usar a latrina da cabana? É assim urgente, obrigada!

Passados uns momentos de confusão, ele sorriu - já me tinha esquecido que era um sorriso tão grande! - e assentiu. Quando eu voltei, passámos o resto da tarde a conversar. Eu estava deveras impressionada com o mar e na verdade até me apetecia descalçar e sentir a areia molhada nos pés. Aprendi que o nome dele era Ricardo e que não descendia de nenhuma família real, aliás, só tinha ido ao palácio porque tinha um amigo qualquer - ele sim nobre - que gostava de fazer apostas e perdeu o convite para o baile ao jogo. Eu não dizia praticamente nada porque face às aventuras dele, a minha vidinha de princesa era um tédio de morte. Mas gostava tanto de estar com ele que voltava dia após dia e aprendia imensas coisas novas: aprendi a descascar maçãs, a usar uma fisga, a pescar com uma linha e que não existem dragões - ainda que eu já suspeitasse dessa. Ao fim de alguns meses e sem qualquer pedido de casamento da parte do Ricardo, enchi-me de coragem e disse ao meu pai que já tinha escolhido um marido para mim, mas que ele não era de sangue azul. Curiosamente, o meu pai ficou contente (suponho que não era o segredo melhor guardado do castelo), mas ao mesmo tempo não gostou da ideia de ter que nomear outra pessoa para seu sucessor. Depois de prometer-

lhe que continuava a viver no castelo depois do casamento, e já tendo a bênção do meu pai, fui pedir a mão do Ricardo em casamento. Ele ficou bastante chocado com minha decisão, mas quando a voz dele voltou, deu-me um decidido “Sim!”. No entanto, eu tinha mais um pedido a fazer-lhe: queria uma festa grande para convidar muita gente dos vários reinos, assim uma despedida da realeza em grande!

A Clara fez um esforço enorme para mostrar-se feliz por mim, e até vibrou com o meu vestido de noiva que toda a gente já conhecia. Os conselheiros do reino chegaram à decisão unânime de que eu estava maluquinha de todo, mas a cerimónia avançou como estava prevista e começou com a chegada do Ricardo que vinha muito elegante - até tinha perdido a barriga para o evento. Mas eu estava algo inquieta pela falta de um convidado em particular que acabou por chegar. Atrasadíssimo, mas chegou. Ele entrou no final da cerimónia e com tal estrondo que toda a gente se virou para trás. O Ricardo segurou-me na mão com medo que fosse algum pretendente meu e eu retribuí com um grande sorriso. Quando a Clara olhou para trás e o viu, não houve decência que se aguentasse de pé: arregaçou o vestido, correu a nave toda em direcção à saída e saltou para os braços do Sr. Malmequer como se não houvesse amanhã. O beijo que se seguiu valeu-lhes uma expulsão da cerimónia, mas teve direito a muitos sorrisos cúmplices. Quase que tive pena do Pedro, esquecer a Clara era uma tarefa impossível - eu própria não tinha sido capaz durante o planeamento do meu casamento.

O Sr. Malmequer ficou connosco durante alguns dias até confessar que tinha renunciado ao trono pois os pais não aceitavam aquele casamento. A única pessoa que estava do lado dele era a tal tia que tínhamos em comum e que o tinha acompanhado até ali. O Sr. Malmequer crescia a olhos vistos na minha consideração e a tia dele crescia aos olhos do meu pai que se desdobrava em atenções para com a senhora. Ao fim de alguns dias de discussão com o meu pai e os conselheiros dele, chegámos todos a um acordo importante: a Clara seria reconhecida como legítima herdeira ao trono que eu tinha renunciado. Como o Pedro era de sangue azul e tinha sido educado para ser rei, não havia ninguém que estivesse em melhor posição para governar o

nosso reino, além do meu pai. Quando demos as novidades à Clara e ao Pedro, eles choraram de felicidade durante quase uma hora e, no meio de tantos soluços, não percebi nada do que eles disseram mas supus que aceitavam a nossa oferta.

Uns anos mais tarde, posso dizer que o castelo está mais cheio de vida do que nunca! As três alas do castelo - que antigamente estavam vazias - fervilham de actividade. Eu fiquei numa, a Clara na maior e o meu pai e a sua nova esposa na outra. É fenomenal ver o meu pai a brincar com os netos e as boas relações entre minha família ampliada de forma tão rápida. Toda a gente ajuda nos assuntos governamentais, mas a palavra final é sempre a do meu pai, seguida da do Pedro e da Clara. Aos fins-de-semana saímos sempre das muralhas, normalmente para fazer um piquenique à beira-mar onde nos descalçamos e corremos a tarde toda.

Arrisco-me a dizer que vamos viver assim: felizes para sempre.

**FIM**

Esta história desenrolou-se a pedido do meu provedor oficial: o Areal.  
Obrigada pelo empurrão!

## Parte I

Ao pé de ti, as coisas têm tendência para acontecer ao contrário do que eu quero. Lembras-te daquela festa em que estavas a fugir da tua ex? Eu estava a tentar fugir de ti e, claro, tanta gente trocou de lugar que quando a comida chegou finalmente, acabaste sentado à minha frente! Não é que isso seja um problema à escala global, mas é-o no local onde eu estou, tu simplesmente distrais-me. E é uma distração complicada! Tenho que estar concentrada para não estabelecer contacto visual contigo, o que tira a concentração que devia ter para entender a conversa que estou a ter com a pessoa que está ao meu lado. Já para não dizer que não posso esticar as pernas porque posso bater nas tuas e isso podia chamar a tua atenção, estás a ver o dilema? E nos bares, como é que estando em mesas corridas, ficas sempre do outro lado do que estou sentada? É que assim a probabilidade de olhar para ti aumenta!

E se tu olhares ao mesmo tempo que eu, dá-se um curto-circuito cá dentro. Se estiver a falar, fico de boca aberta e esqueço-me do que ia a dizer. Se sorris, eu continuo de boca aberta, mas esboço um sorriso digno de um acidente vascular. Fico perdida no espaço, a realidade bloqueia. Penso sempre que nestas ocasiões o melhor é esperar que o "mau tempo" passe e desviar a cara. Mas o que fazer quando estou contigo? O que fazer quando ficamos sozinhos nalgum lado?... O Universo conspira, é verdade. Onde é que se meteu toda a gente?! Nessas alturas, escolho uma posição defensiva: não olho para ti directamente, não me mexo, cruzo os braços e espero lentamente que o tempo passe, que apareça alguém que me salve daquela arritmia. Mas tu falas comigo como se o meu comportamento fosse normal, como se eu conseguisse entender o que estás a dizer-me. Será que estranhas quando as pessoas te dizem que eu falo muito ou que até sou simpática? Pergunto-me que parte de ti entende que estás a falar sozinho?...

E aquilo de meter o braço por cima dos meus ombros? Mas para quê? Estremeço, estilhaças-me a postura e falas mais baixo de propósito. Eu descruzo os braços, mas não sei o que fazer com as mãos. Agarras a minha mão direita e continuas a falar enquanto o teu polegar desliza nas costas da

minha mão. Eu lembro-me subitamente que sou um ser aeróbio: preciso de ar! Mas parece que a minha laringe estreitou, achas que sou alérgica à tua proximidade? Tenho cara de assustada, não tenho? Até que alguém entra na sala e eu levanto-me num pulo. Tu calas-te e fica no ar a sensação de que algo foi interrompido - eu aproveito para fugir de ti.

A pior parte é chegar a casa e não conseguir pensar em mais nada. Acabo por sonhar contigo, mas um sonho é um sonho e tenho um sono descansado. A sala, tu a falares, a tua mão sobre a minha. Eu levanto-me sem largar a tua mão, puxo-te para mim e beijo-te com toda a vontade que tenho acumulado dia após dia, bar após bar, festa após festa. No sonho, o beijo sai perfeito: não há dentes, narizes ou diferenças de altura capazes de atrapalhar. Há apenas a certeza que tem que ser assim porque não podia ser de outro modo. Então todo o espaço és tu e eu estaria perdida se não estivesses ali comigo. Sinto que tudo está tão certo, é tão naturalmente óbvio... tão bom! Porque é que não é sempre assim? E depois os papéis invertem-se e és tu que tens o controlo da situação. És tu que pressionas o teu corpo contra o meu, és tu que beijas o meu ombro e que depois fazes deslizar a alça do meu soutien. Não é que goste de sentir-me dominada, pelo contrário, mas assim sinto que me queres e é esse desejo que me corta a linha de pensamento e deixa o instinto vir ao de cima. Concentro-me apenas nas sensações, no teu toque e nos sons que fazemos em conjunto.

Sons... a campainha. Volto a mim devagarinho e faço uma careta enquanto abro um olho por causa da claridade. Pergunto-me quem será que me está a chatear a esta hora, ainda por cima no meio de um sonho tão bom! Espreito pelo óculo da porta e fico com a respiração suspensa. Abro-te a porta e entras a albergar um sorriso perfeito, enquanto eu tenho apenas o meu ar de espantada e a boca por fechar. Perguntas enquanto eu cruzo os braços:

- Estou a incomodar?...

## Parte II

- Não, claro que não, entra. - Menti e afastei-me da porta sem esboçar um sorriso sequer.

- Estavas a dormir?

- Não, estava a preparar-me para ir dormir. - Menti de novo. - Não me seguiste para saber onde eu moro, pois não?

Ele ficou surpreendido com a minha sugestão e respondeu divertido:

- Ah, culpa minha porque não me lembrei dessa! Parece-me muito mais divertido do que o que eu fiz, que foi perguntar à Ana.

*Nota mental: retirar a Ana de qualquer testamento que venha a fazer.*

- Queres beber alguma coisa?

- Tens chá?

- Chá?! - Era outra vez a minha vez de ficar surpreendida. - Ok, vou preparar o chá, volto já... Fica à vontade, tens ali o sofá se te quiseres sentar. Claro, é para isso que ele serve, não é?... Ah e tenho televisão por cabo se quiseres ver alguma coisa. Fem, faz o que quiseres, já volto.

Chegada à cozinha, apetecia-me gritar alto e bom som. Não sei bem porquê, talvez para afastar o nervoso miudinho. Chá?! Nos filmes os homens escolhem sempre uma bebida alcoólica qualquer, mas pensando bem, se ele tivesse pedido leite soava pior. *E Sofá para sentar?! Televisão por cabo? Mas que raio de conversa a tua!... E pensavas tu que eras uma miúda suficientemente despachada? Que ego-desilusão!* Cheguei-me ao pé da janela da cozinha e olhei para baixo. Devia ter comprado o andar do rés-do-chão, aquela janela era completamente inútil para fugir do meu próprio apartamento. Pensar eu que comprei o último andar para dificultar a vida aos ladrões... Suponho que ele entrou na cozinha quando eu estava a equacionar a fuga pela janela e não reparei nele até estar ao meu lado.

- Precisas de ajuda? - E acrescentou depois de ver a minha posição. - Deixaste cair alguma coisa pela janela?

- Ah não... Estava só a ver se estava a chover - *Chover???* Não tinhas nada mais estúpido para dizer?! - Esqueci-me de perguntar-te que tipo de chá preferes?

- Quais tens?

Face à minha apatia e dificuldade em recordar os chás que tinha em casa, ele começou a abrir os armários todos da cozinha. Reparei que ele chegava à segunda prateleira sem qualquer esforço, sem dúvida que dava jeito tê-lo por perto se não encontrasse nenhum escadote primeiro. Quando acabou de abrir todas as portas da fila de armários, voltou-se de frente para mim e eu reparei que continuava sem responder-lhe acerca dos chás.

- Não encontro! Ora diz-me lá onde é que escondes o chá?

E sorriu à espera de resposta. *Mas porque é que ele tem que sorrir? Qual é a necessidade? Aposto que agora tenho um sorriso parvo na cara! Preciso de me distrair com qualquer coisa, se calhar devia aprender a fazer ioga! Há ali um ginásio ao fundo da rua que oferece a primeira aula... Aaaah, concentra-te!! Chá... Chá... chá?? Mas tu nem sequer gostas de chá!!*

- Sabes, err, eu não gosto de chá. Quero dizer, como não gosto não compro. Hum, quer dizer, quando vem cá a minha mãe compro mas... hum, de momento, não tenho. Quer dizer, eu não sabia que não tinha quando te ofereci... mas, err, se tivesse devia estar no segundo armário que abriste.

E fiquei a observar atentamente os azulejos do chão. *Que bela figura! Ofereces chá que não tens e parece que não tens mais vocabulário do que “quer dizer” e “hum”! Que mimo!... Estás sem dúvida a causar sensação!*

- Ah, não faz mal! Eu também não tenho assim tanta sede. Voltamos para a sala? Ou vais tomar alguma coisa?

- Não queres nada sem ser chá?

- Não deixa, senão ainda temos que correr a lista de bebidas que tu não gostas!

E piscou-me o olho enquanto saía de volta para a sala. Respirei fundo, se calhar atirar-me da janela não era uma ideia assim tão má, soava a golpe de misericórdia?... Limitei-me a segui-lo como um robot sem qualquer tipo de vontade própria. Já na sala, ele voltou-se para mim com um ar muito sério.

- Olha, diz a verdade: estou a incomodar-te? Pareces estar a fazer um esforço enorme para aturar-me. Estou a chatear-te? Se estiver, eu vou embora. A sério, podes dizer a verdade que não há problema, se quiseres eu vou-me embora!

- NÃO!!!

*Boa, agora gritaste sem pensar... isso é que é auto-controlo! Agora ele acha que estás desesperada ou que tens problemas mentais. E problemas mentais até é capaz de ser um elogio neste momento! Respira fundo, tu consegues elaborar uma frase coerente... eu acredito que consegues! É preciso ir buscar os pompons?*

- Err, não estás a incomodar, claro que não! Desculpa lá aquela coisa do chá, estou um bocadinho atordoada de ter acordado assim... Não estava à espera da campinha a esta hora.

- Então sempre estavas a dormir?

*Ah... tu és a minha heroína! Se cometesses um crime, nem valia a pena arranjar testemunhas porque tu denunciavas-te sozinha! És triste... deixa lá a frase coerente, tenta só provar-lhe que não és demente! Assustei-me quando ele me pegou nas mãos porque não reparei no movimento e puxei-as rapidamente para mim por instinto.*

- Mas o que é que se passa? Eu fiz ou disse alguma coisa de mal? És casada?! - Eu abri muito os olhos e fiz um rápido sinal de negação com a cabeça. - No dia em que nos conhecemos falaste comigo. Ficámos horas a falar e a rir, lembras-te? Não saímos muitas vezes desde esse dia e nunca

saímos sozinhos, mas vejo que falas normalmente com as outras pessoas. No entanto, evitas-me a todo o custo! Tens algum problema comigo? Meto-te medo? Estás interessada noutra pessoa?...

*Estás com sorte: ele parece ser masoquista. A parte boa é que, pelos vistos, tens hipóteses e a parte má é que ele pode desinteressar-se quando se aperceber que não és totalmente deficiente.*

- Estás a ouvir-me? Estás interessada noutra pessoa? - *Ok, estou oficialmente com pena dele.*

- Estou, desculpa!

- Ah...

Ele virou costas e apercebi-me de repente do que tinha dito. Corri atrás dele, peguei-lhe num braço e virei-o para mim no primeiro movimento firme que tinha na presença dele.

- Não, não é isso!! O “estou” era para “sim, estou a ouvir-te”! NÃO estou interessada noutra pessoa, disso tenho a certeza absoluta! É fácil de perceber que não há mais ninguém porque eu estou interessada em ti, estás a ver? Este ar de anormal e falta de discurso coerente, o que inclui o sofá para sentar e a falta de chá são exactamente prova disso! Tu deixas-me muito nervosa, não sei como portar-me ao pé de ti depois daquela noite fantástica e acabo por parecer uma verdadeira deficiente! Desculpa! Quero tanto que repares em mim, que saibas que eu existo! Mas ao mesmo tempo, tenho imenso medo do que pensas de mim e que não gostes de como sou se me conheceres melhor...

*Estou orgulhosa! Disseste duas coisas seguidas sem usar “quer dizer”, sem te engasgares e, vejam só, disseste o que sentias! Aposto que ele agora está tão chocado quanto tu!*

- Mas isso é bom... não é? - O sorriso dele reapareceu.

- Eu acho que sim... - E sorri de volta. - Desculpa, eu sei que fujo de ti e ainda me apetece fugir, fico tão atrapalhada! Como não consigo tornar-me invisível, tento sair do teu campo de visão. E fica tão difícil porque quero a

tua atenção. Tens um sorriso desarmante e és tão interessante! Ao pé de ti sinto-me burra e desinteressante. E, como se nota, tento arduamente provar-te que sou isso mesmo! E eu adoro quando me tocas ou me dás a mão! Eu não sei porque é que me afasto de ti, é como se me desses choques! Eu quero que me seques nas mãos, a sério!

- Não seja por isso!...

*O sorriso dele agora é divertido... e olha só! Está a segurar-te nas mãos e tu deixaste! Melhor ainda, falaste com ele duas vezes num discurso lógico! Uau, por este andar, se ele se aproximar mais ainda consegues um beijo! Ah... calma, ele está mesmo a tentar beijar-te? Faz qualquer coisa! Beija-o de volta! Abraça-o! Se não chegares ao pescoço, usa a cintura que ele não se importa de certeza. Lembra-te de sorrir e de falar como deve ser. Ah, e concentra-te! Decora o sabor do beijo, o toque das mãos dele na tua cara, a suavidade do rosto barbeado e o respirar aos soluços! E acima de tudo: pára de falar sozinha!!*

Algumas horas depois...

*Não posso acreditar que passaste a noite com ele! E nem fizeste muitos disparates! Agora estás a beijá-lo e podes fazer isso enquanto te apetecer, não sentes que tens um poder extraordinário?! E tocar nele, sentir o beijo dele na tua testa, nas tuas mãos... Sentir o calor de tê-lo aí ao teu lado! Por acaso o calor é um bocadinho excessivo, mas dá-se um jeitinho e ignora-se. Que horas serão?... Será que se falares quebras o encanto e voltas ao estado de graça de deficiente mental?*

- Ai que preguiça!... Que horas serão? - Foi ele o primeiro a falar enquanto soltava os braços que me envolviam e aproveitava para espreguiçar-se.

- Não faço ideia, mas acho que ainda era capaz de beijar-te e de não deixar-te sair desta cama durante mais umas horas...

- Ui, quem te viu e quem te vê! - E deitou-me a língua de fora.

*O teu discurso continua inteligível e esse “carinho” vindo sabe-se lá de onde valeu-te um beijo bem humorado. É incrível como as coisas mudam apenas nuns segundos! E se não fosse a lata dele, agora estavas a dormir sozinha num sonho que estava a anos luz da felicidade real!*

- O que foi aquilo?

- Ah, é o som da aparelhagem a ligar e a escolher o disco. Acho que posso afirmar com certeza que são sete horas da manhã! – Esclareci.

- Sete?! Já?!

Voltei-me para ele com um grande sorriso de felicidade bem estampado no rosto. O que ia sair dali? Mas será que interessava? Se calhar daqui a umas horas interessava, mas naquele momento não interessava nada! Estas últimas horas e os segundos que passavam depressa já ninguém podia apagar...

- Que música é que tens para acordar?...

A aparelhagem respondeu por mim e começou a tocar a música “Nice 'n' Easy” na voz inconfundível do senhor dos olhos azuis.

- Bom gosto... melhor do que aquele pormenor do chá! - Ri-me com vontade.

- Se me lembrar, compro para a próxima vez.

- Estás a convidar-me para voltar?

- Hum... se calhar? - E beijei-o na ponta do nariz. - Podes ficar cá?

- É sábado, não é?

- É sim!

E o Universo conspira mesmo: é sábado! E cantarolei: “to rush would be a crime 'cause nice and easy does it every time”...

**FIM**

## Parte I

- Isto tem que acabar.

- Isto? Nós?... - Ela anuiu. - Porquê?

- Ora porquê? Raramente nos vemos e quando nos vemos é sempre a mesma coisa! Qualquer dia nem falamos, encontramos-nos logo no quarto! E para além disso, tu tens namorada.

- No quarto? Mas nós ainda há pouco estivemos ali na parede da entrada e naquele sofá ali e...

- Já percebi a ideia. Eu também estava lá, ok?

- Não me digas que não gostaste, eu sei que sim!

- E eu era lá capaz de dizer que não?! Achas que costumo receber assim os convidados cá em casa?... E agora que falas nisso, tenho que ver se não partimos o candeeiro...

- Se "tu" não partiste.

- ... da entrada. - Esboçou-lhe um sorriso amarelo. - Mas isto tem que acabar, não está certo.

- Mas qual é o teu problema? A Joana? Tu já sabes que...

- Sim, que vai durar no máximo três meses e depois trocas. E depois trocas de novo.

- É um ciclo saudável.

- Dá saúde e faz crescer?... Mas eu não estou preocupada se estás com a Joana ou a Joaquina, preocupa-me teres namorada e eu estar consciente do facto! Se não soubesse, podia sempre fazer-me de estúpida e achar que estás comigo num intervalo?...

- Então faz-te de estúpida e vem cá.

- Parvo. - Cruzou os braços. - O que é que lhe disseste? Noitada com os amigos?

- Ná... trabalhar até tarde.

- E ela acredita nisso? Até esta hora?

- Também não é que lhe minta assim tantas vezes! Nós vemo-nos tão pouco, estás sempre ocupada!

- Sinto a minha sanidade mental a fugir... Eu estou ocupada?!

- Tu sabes que eu não era capaz de traír ninguém sem ser contigo.

- No fundo és um romântico.
- Eu já lhe disse que havia assim uma miúda que eu não tinha esquecido completamente...
- E ela acha que as noitadas ajudam-te a esquecer?
- Ora, tu é que não me ajudas a esquecer-te!
- Isto não é normal!... Bem, espero que o candeeiro não esteja partido.
- Mas ainda estás preocupada com o candeeiro? Queres que eu te pague aquela coisa?
- Pois, a trabalhar horas extraordinárias deves ter dinheiro que chegue...
- Que engraçadinha!
- A sério, isto tem que acabar. É de malucos!
- Mas qual é o teu problema, arranjaste namorado?
- E se tiver arranjado?
- Oh, não me digas! Eu não quero saber. A ideia de te ver com outro é... -  
E juntou os ombros ao pescoço num arrepio.
- Isto não é normal sabes? - Não conseguiu evitar um sorriso. - Tu é que tens namorada, eu vejo-te quando o rei faz anos e...
- Ok, pára. É só porque vocês podiam fazer... Err...
- Não tenho namorado, satisfeito?
- Aaah... aliviado? Mas não é nada que me diga respeito!
- Tens cá uma lata!... Promete-me: hoje é a última vez que isto acontece assim!
- Mas tu queres mesmo acabar? Nem encontrarmo-nos assim uma vez ou outra? Recordar os bons velhos tempos? Nós encaixamos tão bem!...
- Eu não vou comentar!
- Só dizes disparates.
- Eu?! Estou a ficar com pena da tua namorada...
- Ao menos ela compreende-me!
- Vejo que isso traz-lhe benefícios evidentes. Quando é que vais mesmo acabar com ela?
- Não sei. Já estive mais longe... Sabes que vou passar o resto da semana a pensar em ti... Em nós.
- Tens noção que isto não é normal, certo? Vais dar comigo em maluca!
- Ora, já eras assim quando eu te conheci! Não ponhas as culpas para cima

de mim!

- Última vez, ok? Finito, acabado!

- Deixa-te lá dessas coisas! Chega-te mais perto, hoje ainda vale, não?

- Não sei.

- Enquanto reflectes sobre o assunto, vem cá ter comigo. Adoro abraçar-te, especialmente quando estás calada. Adoro sentir-te perto. Posso dormir cá? Quero abraçar-te a noite toda...

- Eu nem consigo ficar chateada... Oh céus!

- Vês, nós ficamos tão bem assim os dois, bem pertinho.

- Não consigo decidir se tu és muito esperto ou eu muito burra.

- Eu vou guardar os meus pensamentos sobre esse assunto.

- Ha ha! Mas vais ficar cá a noite toda? E a tua namorada não está à tua espera?

- Deixa lá isso! Hoje somos só os dois, ok? À nossa maneira?

- Eu vou acabar num hospício!...

Acordou sozinha já o sol ia alto. Na almofada do lado dele repousava uma nota: "Isto NÃO acabou".

## Parte II

Pousou a nota no lençol e não resistiu a afundar a cabeça na almofada "dele", tanto para abafar a gargalhada que ia sair como para sentir o cheiro dele. Porque é que ele tinha que ser tão encantadoramente parvo?... E irresistível?... Lá conseguiu recompor alguma da dignidade, agarrou no telemóvel e ligou-lhe.

- Sim? - A voz dele estava a fazer eco.
- Não acabou? Mas afinal quem é que manda aqui?!
- Quem veste boxers é quem manda!
- O som está esquisito, estou a ouvir-te em duplicado.
- Se calhar é porque estou na tua cozinha?
- Estás cá em casa?!
- Sim, e tenho os boxers vestidos! Podes vir cá confirmar!
- Porque é que ainda cá estás?
- Deixei-me dormir e era tarde demais para ir trabalhar. E tu és adorável enquanto dormes! Foi a primeira noite que passámos juntos assim! É fabuloso ver-te dormir...
- Hoje é dia de semana?!
- Oui, é quinta-feira ma chérie!
- Olha lá, e porque é que estamos a falar ao telefone?
- Porque é de mau tom desligar o telefone na cara das pessoas. Além disso, tu é que estás a pagar! Ah, e por falar em pagamento, partiste mesmo o candeeiro! Mas eu já limpei os vidros do chão e...

Ficou a olhar para o telefone que emitia um som intermitente. Levantou os olhos e esperou que ela entrasse na cozinha. Quando ela chegou finalmente, ele não evitou um sorriso.

- Mas o que é que ainda estás cá a fazer?
- Não são bem os "bons dias" que eu imaginei!
- Porque é que deixaste uma nota se não ias embora?
- Eu ia sair. Estava a pensar ir lá abaixo comprar pão e preparar o

pequeno-almoço para os dois... - ela acalmou-se subitamente.

- Até que era boa ideia... Bem, há pão velho. Queres torradas?

- Isso quer dizer que não vou ser expulso em trajes menores? Uma torrada, se faz favor.

- Por agora não. Mas continuo a achar que para ires ao pão já devias estar vestido...

- Sim, mas eu ia à casa-de-banho preparar-me e depois vi os cacos do candeeiro, resolvi limpá-los primeiro.

- E aproveitaste para falar ao telefone com a Joana.

- Como sabes?

- O teu telefone está ligado e ontem desligaste-o.

- Às vezes não achas que serias mais feliz se fosses mais distraída?

- Qual foi a mentira desta vez? - Perguntou ela enquanto metia o pão na torradeira.

- Nenhuma! Desatou a chorar, a dizer que não me merecia... ontem encontrou um ex qualquer dela e passou a noite com ele. Disse-me que ele sempre foi o amor da vida dela e que vai voltar para ele, mas que eu sou um tipo bestial e que tem muita pena que isto acabe assim e blá blá... - Ela rompeu numa gargalhada.

- Estás a gozar certo?! Não te merecia?! - E continuava a rir-se sem conseguir parar.

- Pois, é surreal eu sei. Também não é preciso rires-te dessa maneira!

- Também estás a rir-te!

- Estás a fazer-me rir! Mas pronto, torna as coisas mais fáceis para nós.

- Quais coisas? Isto acabou, ok?... Preferes manteiga só de um lado, não é?

- Achas mesmo que acabámos? Estamos os dois quase despidos na tua cozinha. Já agora, ficas linda assim... - Não evitou uma ronda com os olhos e retomou. - E estás a preparar-me o pequeno-almoço depois de uma noite sensacional! Ainda por cima, estás a olhar para mim como se fosses encostar-me ao electrodoméstico mais próximo...

- Eu estou de costas para ti, acho que isso és tu a pensar alto. - Ele chegou-se mais perto e encostou o queixo ao ombro direito dela.

- Lembras-te de nós nesta bancada? Tem a altura ideal para...

- Eh, pára! Não quero ouvir mais nada que envolva as minhas hormonas históricas, ok?

- Elas hoje estão de greve?

- Hoje e já deviam estar há mais tempo! Não sei como deixei arrastar isto tanto tempo.

- Oh, não comeces com esses disparates outra vez. - E abraçou a cintura dela. - Nós somos feitos um para o outro, não há como negar! Onde quer que estejamos, sentimo-nos inevitavelmente atraídos um para o outro. Para quê lutar contra isso?

- Estás de luto pelo fim do teu namoro? - Ela voltou-se para ele e bracejou com a faca da manteiga em riste. - Que raio de conversa fatalista é essa?... - Ele tentou beijá-la, mas ela foi mais rápida e meteu-lhe uma torrada inteira na boca.

- Hum?... - Ele tirou o que pôde da torrada da faringe e tossiu ligeiramente. - Para que foi isso?! - Começou a saborear o que restava da torrada. - Ah, está óptima! Obrigado.

- Não tem de quê! Agora fazia o favor de afastar-se para eu conseguir chegar ao lava-louça?

- Faça o favor... - Ele abriu caminho com o braço. - ... amor.

Ela corou e vacilou por momentos, mas lá acertou o passo em direcção ao lava-louça.

- Ora, já são quase onze da manhã, se calhar ainda consigo ir trabalhar de tarde.

- Nem penses! Ou achas que eu não vi como reagiste agora? Nós vamos ficar aqui os dois a falar sobre isto! Além disso, já perdeste o dia de qualquer modo.

- Estás com medo de ficar sozinho em casa?

- Oh, sabes que não tem nada a ver. Além disso, a minha mãe passa a vida lá.

- Viva a independência, hem?

- Ouve-me, eu mal preguei olho esta noite e queria mesmo acordar-te com o pequeno-almoço preparado, queria fazer-te uma surpresa!

- O colchão é assim tão mau? - Ele revirou os olhos e suspirou.

- Vou ignorar isso. Não dormi porque não queria perder nada desta noite. Fiquei a ver-te enquanto dormias. A suavidade do teu rosto, a tua serenidade, as curvas do teu peito, a respiração pausada... quase inaudível, a paz que transpiravas. Senti uma satisfação tão grande por estar a abraçar-te e a aquecer-te, senti-te como se fosses mesmo minha!

Ela abriu a boca, mas decidiu que o melhor era comer a torrada e ficar calada.

- Adoro quando ficas embaraçada como estás agora. Adoro quando te ris com vontade das tuas piadas más e até quando estás irritada comigo! Adoro o modo inimitável como me beijas, como adormeceste com a cabeça no meu peito, como sinto que me desejas. Eu sei que fiz imensos disparates, mas foram sempre por ti, de uma forma ou de outra. Acabaste por definir parte da minha vida... E de todos os meus amigos, ninguém me conhece como tu. Eu até me sinto mais eu quando estou contigo, sinto-me livre para fazer e dizer os disparates todos que me passam pela cabeça. Mas tu dás-me sempre a entender que não precisas de mim. E eu preciso de sentir-te e ouvir-te dizer que sou importante para ti, que me queres?

- Eu... - Ela meteu o resto da torrada na boca, engoliu tudo de uma vez e ia jurar que que a torrada tinha ficado entalada a meio do caminho. - Eu gosto de pensar que não preciso de ti. Aliás, eu preciso de pensar isso. - Deu umas palmadinhas no peito e tossicou. - Foi horrível ficar sem ti, porque é que me deixaste?... Aprendi a viver sem ti e a não pensar no que poderia ter sido.

- Eu entendo. Eu tenho medo de tentar ficar contigo e perder-te. É bem mais fácil ver-te assim aos soluços, nunca te perco porque não chego verdadeiramente a ter-te. Mas esta noite foi diferente, eu era teu e tu estavas lá só para mim, foi perfeito! Quero-te comigo... não vou prender-te, já te conheço. Quero que a tua vida seja a melhor possível, quero muito que sejas feliz e sou o primeiro a encorajar-te a voar para longe se mo pedires. Mas não posso deixar de pensar no que seria ter-te só para mim... Beijar-te quando quero, e quando tu queres claro, acordar com o teu cheiro no meu corpo, com o teu sorriso, abraçar-te por trás enquanto fazes torradas, tomar banho

contigo, rir-me e discutir contigo... cozinha para ti?

- Almoço? Hoje?! - Ele pegou-lhe nas mãos e ela parou de respirar.

- Tu conheces-me bem demais, sabes como eu sou. Isto pode correr mal!

Não te posso prometer muito mais, mas vamos tentar? Eu quero tentar!... E acredita que nunca mais vou dizer isto a ninguém com esta sinceridade. Não quero deixar-te hoje e carregar o peso de saber que és tu, sempre foste. Somos perfeitos quando estamos juntos. Não posso ir embora sem perguntar: queres ficar comigo?...

- Acho que vou estragar o momento...

- Então... Acabou mesmo? - Ele esboçou um ligeiro esgar de dor.

- O que dizias há pouco sobre aquela bancada? - E piscou-lhe o olho enquanto o puxava para ela. - Náaa... começou!!

**FIM**

*Eu olhei para a pomba com algum espanto, era como se ela estivesse a voar ao som de uma música. Segui o trajecto dela, enquanto o auricular continuava a debitar sons e tentava roubar de volta a atenção que a visão tirava aos meus outros sentidos. “Concentra-te!” pensei - tinha que estar concentrada. O ângulo da rua estava ligeiramente tombado, como se eu estivesse pendurada na fachada de um arranha-céus. E era essa a minha visão, já que era também precisamente essa a minha posição. Fechei os olhos, respirei fundo e lancei o meu braço direito em direcção ao último apoio. Desequilibrei-me para poder lançar todo o peso do meu corpo para a direita e quando finalmente expirei a minha mão direita estava fechada em torno da vedação da varanda do 27C. Depois de me permitir um pequeno sorriso de triunfo, balancei-me mais um pouco e saltei para a varanda. A primeira parte do plano estava completa, a segunda (e a que me causava mais dúvidas) estava agora a começar.*

## Parte I

O dia amanheceu com um sol incrível. A força do sol era suficiente para evaporar as memórias cinzentas das últimas semanas. Espreitei pela janela e espreguicei-me, sempre com o nariz colado ao vidro da janela. Hoje até apetecia levantar cedo ou pelo menos estar acordada para poder gozar a sensação acolhedora de ter o sol a aquecer-me a pele. Lá tomei o pequeno-almoço e resignei-me a ligar o telemóvel, coisa que estava a adiar há algum tempo. Tinha a sensação que iam pedir-me qualquer coisa que eu não ia gostar. Abanei a cabeça com um ligeiro sorriso, afinal qual tinha sido a última vez que os meus pressentimentos tinham acertado nalguma coisa?...

Introduzi o pin e esperei que o telemóvel apanhasse rede. Enquanto apanhava o cabelo, o telefone entrou em várias convulsões. Suspirei enquanto esperava que ele acabasse de receber todas as notificações e levantei-o finalmente à linha dos meus olhos: trinta chamadas não atendidas. Cinco mensagens por ler. Ignorei as chamadas não atendidas porque não planeava ligar de volta e abri a caixa de mensagens. Quando abri a terceira mensagem e continuei sem perceber o conteúdo porque era uma série de números e letras igual à que aparecia nas primeiras duas mensagens, comecei a ficar preocupada. Eu sabia que não devia ter ligado o telemóvel!...

Afastei-me da janela por puro instinto. “Porra, logo hoje que tinha acordado tão bem disposta!”. Atirei o telefone para cima da cama e só quando o telefone acertou em alguém é que me apercebi que não tinha acordado sozinha. Por um momento, tive um pensamento irracional e tentei esconder-me debaixo da cama: saltei para o chão e esperei, mas não ouvi som nenhum. Depois de um momento mais racional, decidi que tinha a certeza que tinha entrado em casa sóbria no dia anterior e levantei ligeiramente a cabeça até conseguir observar por cima da cama. O meu nariz deu por ele demasiado perto do dedo grande do pé de alguém e, infelizmente, não foi a visão o primeiro sentido a dar o alarme da existência desse pé! Fiz a careta habitual e toquei com o indicador no dedo do pé desse alguém. Não aconteceu nada. Tentei outra vez, mas agarrei o dedo do pé e puxei com força. Nada! E pior, o dedo do pé estava gelado!! Novamente assustada, voltei a esconder-me

debaixo da cama enquanto avaliava as minhas hipóteses. Outro problema: não tinha hipóteses. Tinha um homem morto em cima da minha cama. Será que era mesmo verdade? Voltei a puxar a cabeça para fora e espreitei. Sim, o pé continuava lá.

Mas como raio veio parar um homem à minha cama? Um homem morto, por sinal. E já agora, sem que eu tivesse dado por nada? Eu até me lembrava perfeitamente da noite anterior, não podia ter sido drogada... ou assim. Um homem morto. Pois. Se me tivesse drogado, duvido que ele tivesse escolhido ficar por aqui. Ou se calhar tomou ele a droga por engano? O homem... Aaah, o homem. O homem morto. Hum, e se eu conhecesse o homem? A verdade é que eu não sabia o suficiente de homens para identificá-los pelos pés. Inspirei fundo para evitar cheirar de novo o odor a queijo que saía daquela ponta da cama e lá me arrastei para fora do meu esconderijo, ou seja, saí de baixo da cama. Depois de alguma luta interna, levantei-me completamente e deixei apenas os dois pés no chão como os bípedes costumam fazer. E foi então que espreitei.

## Parte II

Esfreguei os olhos e obriguei-me a abri-los bem. Oh céus, era o Miguel! O meu primeiro namorado a sério e que eu não via há demasiados anos. E com quem eu tinha acabado por uma razão... incómoda. Primeira observação: eu nunca tive muitos namorados porque coragem para experimentar coisas novas não é coisa que abunde no meu espírito. Segunda observação: primeiro namorado há muitos anos quer realmente dizer que eu comecei a namorar tarde e a más horas e não que comecei no ciclo - ainda que a relação tenha acabado porque eu tropecei a sair de um escorrega no jardim. Terceira observação: eu já tinha idade para ter juízo, sim. Mas ele não me amparou e em desequilíbrio dei uma cabeçada num puto que estava à minha frente a comer um gelado, cujo cone prontamente entrou no meu olho. Tive ainda que ouvir um raspanete da avó do miúdo enquanto a minha testa sangrava e pagar-lhe um gelado novo que me custou cinco euros! Como se não fosse suficiente humilhação a queda estúpida que me valeu uma ida às urgências, ainda fui roubada por uma velha e gozada pelo meu namorado! O Miguel ria como se não houvesse amanhã, mas lá se recompôs para levar-me às urgências e nunca mais voltei a falar com ele. Apaguei o número dele do telefone e da minha memória assim que disse ao médico de serviço:

- Tropecei nuns degraus ao entrar numa gelataria.

Passados todos estes anos, o Miguel estava agora morto na minha cama. Bem, continuava a achar que ele tinha que pagar pelo meu orgulho ferido mas se calhar morrer era forte demais. Dei uma volta à cama e olhei-o como deve ser. Era mais bonito agora do que quando namorámos e devia ter morrido há pouco tempo porque ainda tinha um ligeiro tom rosado nas maçãs do rosto. O meu corpo encheu-se de ternura e, sem saber porquê, não evitei sorrir ao vê-lo ali deitado. Apercebi-me de repente que estava a rir-me para um morto, credo! Aproximei-me mais um bocadinho para ver o que ele tinha pendurado ao pescoço e ocorreu-me que se calhar já devia ter chamado a polícia. Nesse momento, o peito dele elevou-se e ele tossiu ligeiramente. Cadeia de eventos que se seguiu: eu gritei aterrorizada, ele acordou com os meus gritos e

levantou-se ligeiramente atordoado; eu gritei de novo e saltei para trás quando ele se levantou - entretanto devo ter batido com a cabeça na estante porque desmaiei e não me lembro de mais nada.

Acordei com o Miguel a pôr-me um pano molhado na cabeça e vi que a água no alguidar tinha restos de sangue. O meu sangue, supus.

- Ah, desta vez não te ris? - Tentei brincar mas a voz saiu fraca.

- Não fosse a circunstância, ria-me com certeza. Continuas a ter imensa queda para isto!

- Ha, ha! Qual circunstância?

- O que é que eu estou a fazer na tua casa?...

- Eu ia perguntar-te porque é que não estás morto?

- É por isso que deixaste de falar comigo? Disseram-te que eu tinha morrido?

- Não! Eu vi-te na cama há pouco quando acordei e achei que estavas morto.

- Mandaste matar-me?!

- Credo! Não?!

- Então deixaste de falar comigo de propósito?

- Claro que sim! Eu deixei de falar contigo porque tu... tu gozaste comigo naquele dia e não me ajudaste!

- Ora, a tua queda foi hilariante e depois aquela cena do gelado do puto! - Riu-se ao recordar a cena. - Mas eu levei-te às urgências, lembras-te? Não achas que a tua reacção foi extremamente exagerada? Espera... tu ainda estás chateada comigo ao fim deste tempo todo?!

- Esquece lá isso, como é que entraste na minha casa?

- Pensava que tu ias explicar-me essa parte.

- Eu não faço ideia. Eu acordei, vi-te, escondi-me e depois tu acordaste.

- Escondeste-te?... De mim?

- Pensava que estavas morto. Assustei-me, pronto.

- Tu não costumas ter muitos homens a passar a noite, pois não?...

- Que acordem mortos nem por isso.

- Eu não "acordei morto" porque isso é tecnicamente impossível comigo

aqui, mas que raio de história é essa de eu estar morto?

- Tu tens os pés gelados!

- E eu vou fazer de conta que percebi. De um a dez, quanto te dói a cabeça?

- Miguel, tu estás nu!!

- Peço desculpa madame! É que eu não faço ideia de onde está a minha roupa?! Se bem que o teu robe de seda ia ficar a matar-me com certeza!...

- Tu vieste nu para a minha casa?

- E até para a tua cama. Mas tu estás a começar a irritar-me, então eu já não te disse que não faço ideia de como é que eu vim parar aqui? Eu não me lembro de nada sem ser de sair para o trabalho ontem de manhã!...

- Hoje é domingo.

- Domingo? Eu fui trabalhar... anteontem de manhã?!

- Parece-me bem que sim.

Ele deixou cair a toalha ensanguentada no chão e eu acreditei finalmente que ele sabia tanto quanto eu: nada. Quer dizer, eu agora sabia que os pés dele tinham má circulação e um odor deveras apurado. Hum, e que ele tinha um corpo bem bonito e definido que atraía mais a minha atenção do que deveria.

## Parte III

Tentei levantar-me, mas ainda estava um bocadinho tonta. O Miguel ajudou-me com cuidado e levou-me de novo para o quarto para deitar-me durante alguns minutos. Eu fingi que não vi quando ele disfarçou um sorriso ao olhar para a confusão de livros que estavam no chão do quarto, assim como uma prateleira em bastante mau estado. Depois de estar deitada e ter morrido de tédio três vezes, resolvi espreguiçar-me ligeiramente e toquei no meu telemóvel que ainda estava em cima da cama.

- Ó Miguel, chegas aqui se faz favor?

Ele apareceu embrulhado na minha toalha turca e eu não pude evitar uma gargalhada, ainda que o movimento provocasse uma ligeira dor de cabeça.

- O que é que foi? Já percebi que não queres que eu ande nu, mas não há nada no teu armário que me sirva!

- E eu disse alguma coisa? - Não conseguia parar de rir.

- Não, não disseste. Chamaste-me para quê mesmo?

- Não tarda começo a achar que estou a alucinar: bati com a cabeça enquanto dormia, tu não estás realmente aqui nu e eu não recebi mensagens estranhas no telemóvel!

- Mensagens estranhas?

- Foi por isso que te chamei, tu recebeste alguma mensagem assim? - E mostrei-lhe a mensagem em código que tinha recebido nessa manhã. - Recebi cinco assim, todas iguais.

- Não, mas nem acho isso o mais estranho dessas mensagens.

- Então?...

- As mensagens foram enviadas do meu telemóvel!

- Tu tens o meu número?!

- Achas mesmo que eu ia ter o número de alguém que não fala comigo?

- Não, mas era uma hipótese. Não faço ideia do que se está a passar aqui...

- Agarrei na minha cabeça para tentar controlar a dor e ele olhou-me preocupado.

- Estás enjoada? Sentes-te melhor ou nem por isso?
- Considerando que tenho a cabeça aberta e acordei com um ex-namorado na minha cama que está agora enrolado na minha toalha preferida, até acho que estou a lidar muito bem com a situação!...
- Vejo-me forçado a concordar. Especialmente com a toalha preferida: é fofinha!
- Nunca mais vou usar essa toalha!!
- Xi, que simpatia! Eu também tomo banho, sabias?
- Acredito, mas não fazes ideia de onde andaste nas últimas 24h...
- Ok, tens razão. Eu compro-te uma toalha nova.
- Estás à espera que eu me levante e te vá comprar roupa, não é?
- É assim tão óbvio?...
- É, mas por um momento pensei que também podias estar preocupado comigo. - Levantei-me de um salto. - Importas-te de sair para eu vestir-me? Obrigada.
- Entendeste mal, o que eu queria dizer...
- Sai lá! Quanto mais depressa saíres, mais depressa tens calças!
- Nunca pensei que ouvir isso da boca de uma mulher me pudesse dar prazer! - E presenteou-me com um sorriso amarelo.

Talvez fosse a adrenalina de estar zangada, mas a verdade é que a cabeça deixou de doer-me e vesti-me num abrir e fechar de olhos. Ele queria roupa de homem, era? Pois ia ter o que ele queria! Saí de casa sem dizer nada, mas antes ele ainda olhou para mim com ar desconcertado. Fui direita à casa dos meus pais e trouxe de lá um dos fatos mais velhos e feios que o meu pai tinha. Só a ideia de ver o Miguel vestido com aquela roupa dos anos 50 estava a animar-me imenso! Entrei em casa triunfante e mostrei-lhe o fato.

- Que porra é essa?
- Pensava que tu só querias roupa que te servisse, não sabia que agora tinhas problemas de moda?
- Moda?! Isso saiu de moda quando inventaram a máquina de costura!
- É pegar ou largar! É domingo e as lojas estão quase todas fechadas.
- Mas onde é que tu foste desencantar isto? Até num concerto dos Beatles

ainda na Cavern eu ia parecer fora de moda!...

Eu deixei o fato em cima da cadeira do quarto, fechei a porta e fui para a sala. A vingança até costuma saber bem, mas quando reparei que ele tinha arrumado os livros todos que estavam no chão e, aparentemente, tentado voltar a pregar a prateleira à parede (mas sem sucesso), senti um certo peso na consciência. Passados alguns minutos - talvez passados a lutar com os suspensórios - o Miguel emergiu. Parecia realmente alguém que se tinha metido numa máquina do tempo e acabado de aterrar no futuro! As calças castanhas estavam demasiado curtas e deixavam ver as canelas por cima das meias verdes, já para não falar nos sapatos que estavam obviamente apertados.

- Deves estar a gozar à brava com isto, mas aproveita porque eu vou sair daqui agora e só paro na loja mais próxima!

- Ainda não entendi porque é que continuas aqui? Já estás vestido e tudo!

- Ele suspirou.

- Não me lembrava que eras tão irritante, bolas! Merecias mesmo que eu me fosse embora e te deixasse aqui com aquele buraco na parede e essas mensagens esquisitas no telemóvel!

- Não era esse o teu plano? Ires-te embora assim que estivesses vestido?

- Tu és mesmo parva, caramba! Mas tu achas mesmo?! Ainda mais com alguém a espiar-te?!

- A espiar-me?... O que queres dizer com isso?

- Estava eu armado em parvo a tentar arranjar o que tu destruíste - apontou para a estante no chão do quarto - e reparei que tens um buraco enorme na parede com um óculo e tudo. Dá para ver para o apartamento do lado, acho que andas a ser observada.

A minha primeira reacção ao medo foi a de sempre: esconder-me. Mas não ia voltar para baixo da cama e deixar o Miguel ali estupefacto a olhar para mim. Concentrei-me e fui até ao quarto verificar o que ele me tinha dito. Era verdade, claro. Lá estava o buraco na parede com um óculo. Há quanto tempo estaria ali? Há quanto tempo andava eu a ser observada dentro da

minha própria casa? E pior, como é que eles tinham feito isto sem eu dar por nada?... Puxei pela cabeça e lembrei-me que o apartamento com quem partilho aquela parede estava vago. Ou deveria estar. Sentei-me na cama e atirei a cabeça para trás. Que miséria de dia, ainda mal tinha começado e eu já tinha passado por um traumatismo craniano e quase expulsado um homem lindo da minha casa. Homem esse que ainda por cima esteve a dormir nu ao meu lado, ainda que possivelmente sedado! Isto já para não falar que os meus vizinhos (que supostamente não existem) andam a espiar-me.

## Parte IV

Estava deitada na cama com os olhos fechados a tentar processar a informação e a tentar arranjar alguma explicação lógica para as perguntas que me assaltavam. Estremeci quando ouvi a porta da rua a fechar-se, o Miguel tinha saído. Provavelmente para comprar roupa nova... será que ele ia voltar? De algum modo sentia-me hipócrita por ter vontade que ele voltasse e tentei canalizar essa esperança surgida do nada para a necessidade de apoio, agora que me sentia fragilizada dentro da minha própria casa.

- Não consigo entrar no andar da frente, o raio da porta não mexe um milímetro!!

Sobressaltada, sentei-me na cama com um pulo e abri muito os olhos quando vi o Miguel à porta do meu quarto. Falei rapidamente, para disfarçar o espanto:

- Pensava que tinhas saído para comprar roupa nova?...

- E vou sair para comprar roupa nova! Mas faço questão que venhas comigo para passares pela vergonha de ser vista ao meu lado, enquanto estou vestido para o Carnaval do ano em que foi aberto o Passeio Público em Lisboa. Além disso, não quero que adormeças... é perigoso depois da pancada que deste com a cabeça.

- Obrigada pela preocupação!

E senti um sorriso tão grande a chegar aos meus lábios que tive que voltar a fechar os olhos e concentrar-me para ele não ver. Mas depressa percebi que ele não estava a olhar para mim sequer.

- Pintaste o tecto há pouco tempo?...

Abri os olhos antes de responder e fitei-o. Segui a direcção dos olhos dele até à parte do tecto que estava por cima da cama, mais precisamente a que estava exactamente por cima de onde eu estava deitada. O tecto tinha sido

pintado: o branco era definitivamente mais branco por cima de mim. Sentei-me mais direita na cama e observei o Miguel a tentar chegar lá acima com a ajuda de uma cadeira.

- Sabes, eu tenho um escadote cá em casa....
- Deixa, eu acho que consigo chegar lá.
- Eu acho que consegues cair ou partir a cadeira, e nenhuma delas me agrada!
- Estás dizer que eu sou gordo?!

Nem sei se cheguei a completar a frase de resposta no meu subconsciente porque ouvi o inevitável “crac” da cadeira a partir-se quando o Miguel saltou. Numa tentativa de ajudá-lo, acabei por ficar debaixo de parte da cadeira. O que até não era muito mau, não fosse ter levado com o Miguel que caiu desamparado em cima da cadeira que estava em cima de mim. Soltei um esgar de dor porque não tinha ar para emitir qualquer outro som. Não tinha apenas pelo peso dele em cima de mim, mas também uma enorme farpa de madeira que entrou algures na minha barriga nesse momento. Não sei bem quando é que começaram a cair tábuas do tecto, mas desconfio que foram uns segundos depois do Miguel ter aterrado em cima de mim e do resto da imagem ter-se apagado com pontos desfocados que se juntaram numa enorme tela preta.

## Parte V

- Luísa? Luísaaaa, estás a ouvir-me? Luísa, por favor responde!

Devo ter feito uma careta horrível porque a minha cabeça doía-me como nunca. Abri apenas um olho com medo que a claridade fizesse a minha cabeça explodir. Percebi que o Miguel estava a abanar-me gentilmente enquanto me salpicava com água fria.

- Dói-me tanto a cabeça... - disse eu num sussurro.

- Ó Luísa, desculpa! Nem acredito que te magoei assim!

Ele estava deveras assustado a olhar para mim. E eu também fiquei deveras assustada quando vi as mãos dele cheias de sangue.

- Miguel... Esse sangue é meu? Será que podes ligar para o 112? -  
Sussurrei de novo.

- Já liguei, eles vêm a caminho. Eu até te levava, mas tenho tanto medo de mexer-te daqui!...

- Certo. Acho que prefiro uma viagem de ambulância... - Tentei sorrir.

- Calma, vai ficar tudo bem.

A dor de cabeça tornou-se insuportável - ou talvez tenha perdido demasiado sangue - e desmaiei de novo. Acordei num quarto que cheirava imenso a desinfetante, o que me deixou extremamente mal disposta. Pus a mão na boca e reparei que o meu pulso estava entubado. Estava a soro e no hospital, pois claro. Perfeito! O dia estava a correr mesmo bem e ainda nem era hora de almoço! Olhei para a porta do quarto: o Miguel estava lá a falar com alguém e ainda estava vestido daquela forma ridícula. Senti de novo a minha consciência pesada, mas isso podia muito bem ser explicado pela dor de cabeça. Suspirei e deixei-me estar de olhos fechados para controlar as náuseas.

- Miguel?...

- Estás acordada! Como te sentes?
- Pergunta estúpida!...
- Ok, ok... Estás de volta, estou a ver! - E sorriu, mas também reparei no grande alívio que a cara dele desenhou.
- O que é que eu tenho? Estou tão mal disposta...
- Sinceramente também não percebi metade do que o médico disse, estava um bocado nervoso! A ferida que tens na barriga teve que ser cosida mas está tudo bem, não tens nenhum órgão afectado. A dor de cabeça parece que é das sucessivas pancadas, mas não apareceu nada nos exames que te fizeram. Ele diz que vais ficar bem! Amanhã deves ter alta e depois voltas daqui a uma semana para tirarem-te os pontos. Se quiseres eu posso trazer-te cá. Ó Luísa lamento imenso ter-te partido a cadeira e caído em cima de ti! Mas se te ajuda como forma de vingança, estou aqui há horas à seca e ninguém me dizia nada do teu estado!...
- Que horas são?
- Quase seis da tarde.
- Seis?! Mas quanto tempo é que eu estive apagada??
- Não sei se estiveste sempre desmaiada ou se te deram alguma coisa para dormires entretanto. Mas o INEM chegou lá a casa por volta da uma, acho eu.
- Meu Deus!... Ó Miguel, desculpa! Estou tão arrependida de ter-te feito vestir isso e estás aqui há tantas horas porque eu sou uma desastrada!
- Acho que vou ter que partilhar dessa culpa também e ficamos quites, combinado?
- Combinado! E vai lá comprar qualquer coisa e trocar de roupa.
- Que mania de mandar-me embora! Fico aqui mais um pouco se não te importas, para ver como é que a tua cabeça evolui.

Eu sorri, mas de repente senti-me bastante cansada e penso que adormeci, mas se calhar voltei a desmaiar. Acordei com um estrondo enorme no quarto, como se alguém tivesse tropeçado num armário de metais e cada um deles resolvesse cair um milissegundo após o outro. Abri de imediato os olhos. Não conseguia ver nada, estava tudo escuro e de repente extremamente silencioso. Tentei acender a luz, mas cada vez que carregava num botão a cama subia,

baixava, dobrava-se, abria, fechava... sei que quando finalmente acertei na luz, a minha cama parecia o mar alto e os pontos na barriga ameaçavam não resistir à nova forma que a marquesa tinha adquirido. Olhei à volta mas não conseguia ver quase nada do quarto.

- Miguel? Uh... está aí alguém?

A voz saía-me extremamente fraca e rouca. Tentei sair da cama, mas era impossível sem piorar a já periclitante situação dos meus pontos. Então, com alguma paciência, resolvi correr os botões todos de novo até conseguir baixar a marquesa e torná-la minimamente horizontal para conseguir levantar-me. Rezei para que um daqueles botões servisse para chamar uma enfermeira. Sentia-me como se tivesse sido operada ao apêndice novamente, o que dentro do mau até era bom porque sabia o que fazer. Sem dobrar a barriga lá consegui deslizar na cama e colocar um pé no chão, seguido do outro que suportava o peso do meu tronco. Foi então que vi o estado do chão do quarto: um carrinho cheio de tabuleiros com os mais variados utensílios cirúrgicos estava agora vazio, enquanto os instrumentos de metal povoavam densamente o chão do quarto. Reparei com algum horror que tinha tido muita sorte em não pisar nenhum bisturi ou uma agulha ou qualquer coisa cortante e afiada já que estava descalça! Como não podia dobrar-me para apanhar nada do que estava no chão, fui afastando as coisas com o suporte do soro e consegui chegar à entrada do quarto. A ala estava completamente deserta. Senti que o meu coração batia cada vez mais depressa, as náuseas voltaram, estava a hiperventilar e sentia suores frios pelo corpo. Mas o que é que estava a acontecer-me?!...

## Parte VI

- Então, tem calma. Vá lá, pára de chorar Luísa!

- Ó Miguel, mas como é que eu posso ter calma? Então acordo aqui sozinha num hospital, não há ninguém para acudir-me e atravesso um mar de bisturis no quarto!! Mas o que é que se passou? Porque é que ninguém me explica nada? Onde é que estão todas as outras pessoas? Acho que se tens chegado cinco minutos mais tarde ias encontrar-me ali estendida no chão. Já estava a entrar em pânico!

- Eu também não sei o que se passou. Estava a dormir no sofá e ouvi a porta a abrir-se, entrou alguém com um carrinho e pensei que fosse uma enfermeira. Mas depois quando percebi melhor a silhueta, vi que não podia ser porque não tinha bata e era um homem enorme, parecia um segurança!

- Credo!... E depois?

- Bem, mesmo assim não pensei que fosse perigoso e levantei-me para perguntar o que se passava. Acho que assustei-o, assim que ele me viu tentou fugir e atirou-me com o carrinho! Eu corri atrás dele, mas perdi-o no andar de baixo. Nessa altura achei que o melhor era vir ver-te e encontrei-te à porta do quarto apoiada no suporte do soro e branca como cal...

- Mas onde estão as enfermeiras? - Uma lágrima de medo rolou pela minha face enquanto revivia o momento.

- Não sei, parece que estão com falta de pessoal e como este andar tem as pessoas que estão prestes a ter alta, as enfermeiras lá de baixo fazem algumas rondas aqui por cima, mas não estão cá permanentemente.

- Estou cheia de medo Miguel, quem seria? Obrigada por teres ficado aqui comigo esta noite...

- E eu era lá capaz de ir a algum lado depois de ver-te nesse estado? Tenta acalmar-te, ainda bem que não rebentaste os pontos. Amanhã levo-te para casa.

- Não!! Eu não quero ir para a minha casa!

- Pronto, ficamos na minha mas temos que passar primeiro pela tua para ver o que é que se passa por cima do teu tecto.

- Eu não vou conseguir pregar olho a noite toda.

- Claro que vais!

- Ai que embrulhada! E ainda não entendi nada do que se passa aqui e muito menos como é que tu foste acordar na minha casa!...

- Nem me digas nada, até eu sinto que estou apanhado no meio de um filme que não é exactamente meu. Só queria ir para casa, tomar um bom banho, deitar-me e esquecer que tudo isto aconteceu.

Eu não disse nada, mas eu preferia que ele não tivesse dito aquilo. Apesar de ter o mundo virado do avesso, eu não queria esquecer o facto de que ele estava ali ao meu lado, mesmo que não quisesse saber de mim há demasiados anos. Acordei no dia seguinte depois de mal ter dormido e com um certo mau humor, portanto tentei não falar muito para não dizer disparates. O Miguel tratou dos papéis por mim e lá tive direito a sair do hospital, após inúmeras recomendações para apressar a minha recuperação. Não fosse a vontade de sair de lá, tinha escrito uma reclamação de vários quilómetros sobre a falta de segurança naquela instalação hospital e exigir uma indemnização choruda! O Miguel conduziu-nos até ao meu apartamento, e conduziu depressa demais apesar dos meus protestos.

- Mas tu fazes o quê mesmo? Tens um carro desportivo, conduzes demasiado depressa e estás evidentemente em muito melhor forma física do que quando eu te conheci.

- Nada de especial, sou contratado por empresas para cobrar dívidas difíceis e tal.

- Ah, isso explica o teu aspecto... olha, importas-te ir mais devagar??

- Oh, é já ali!

- Não queres ir lá sozinho?

- Queres ficar aqui sozinha?

Vencida, mas não convencida, lá saí do carro com ele. Aliás, ele ajudou-me literalmente a sair do carro e lá fomos os dois até ao elevador e depois até ao meu apartamento. Coloquei a chave na porta mas a fechadura não abriu.

- Estamos no andar certo? A chave não funciona.

- Não? Deixa-me experimentar.

Virei-me para entregar-lhe a chave, mas ele estava a pensar noutra método: tirou um cartão e uma ferramenta qualquer de metal dos bolsos e abriu a porta em menos de cinco minutos.

- Eh lá! Eu também quero aprender a fazer isso!

Ele sorriu e levantou a palma da mão de modo a impedir que eu entrasse. Eu rodeei o braço dele e espreitei na mesma.

- Acho que acabaste de arrombar a casa errada, este apartamento não é meu!

- É o teu sim.

- Achas mesmo?! Eu alguma vez tinha uma mesa vermelha no corredor de entrada? E olha o quarto: uma colcha cor-de-rosa com quadrados verdes? Que pirosice!

- Eu não disse que tinhas sido tu a decorar o apartamento, apenas que estamos no sítio certo.

Eu fitei-o durante uns instantes até perceber onde ele queria chegar. Efectivamente era aquele o andar certo e aquela era a porta certa. Fui até à cozinha e os armários estavam vazios, o meu quarto não tinha um único objecto meu e até o tecto estava arranjado. Não havia qualquer marca do buraco do óculo na parede e já nem existia nenhuma estante ali. Deu-me vontade de chorar de novo: a minha vida, a minha roupa, os presentes que guardei, as minhas coisinhas, o meu computador... puff! Tinha desaparecido tudo no ar! Não consegui evitar um tom alarmado e tremido quando perguntei:

- Miguel, o que é que se passa aqui? Eu estou a ficar assustada a sério!

- Isto não está com bom aspecto não... vamos lá acima!

- Acima? Onde?

- Ao apartamento acima do teu!

- Mas não existe nada?... É o sótão!

Ele ignorou-me completamente e subiu as escadas que davam acesso ao piso de cima sem pensar que eu não conseguia subir um degrau sequer e que nem devia estar ali de pé. Resignada, deitei-me no meu novo sofá enquanto esperava por ele. O Miguel apareceu muito pouco tempo depois, mas nem pediu desculpa por me ter deixado sozinha.

- Então, o que é que encontraste?
- Nada, só pó e as coisas do costume.
- Eu disse-te!...
- Vamos lá tratar de ti.

## Parte VII

- Mas eu não quero ficar sozinha num hotel! Eu quero ficar contigo! Ou com protecção policial... ou noutra país?

- Mas quem é que te disse que ias ficar sozinha? Eu vou ficar aqui contigo!

- Mas tu reservaste um quarto no nome de "José António Fagundes"?

- Não ia dar o meu nome verdadeiro e muito menos o teu, não é? Eu tenho dois dias a menos na minha vida, a tua casa parece um queijo suíço e agora até a remodelaram!

- Tudo bem... desde que fiques comigo.

- Eu fico. Tem calma, relaxa.

Encostei-me a ele e apertei-lhe o braço com força. Ele ajudou-me até ao elevador e subimos até ao quarto. Já dentro do quarto - que parecia decorado como qualquer outro quarto de hotel - continuei sem largar o braço dele.

- Olha que com aluguer do braço sai mais caro!

- Ah, desculpa! Ainda estou assustada... - Não evitei corar. - Acho que vou deitar-me um bocadinho para ver se relaxo.

- Sim, faz isso. Descansa.

Deitei-me enquanto ele tirou o portátil da mochila e achei deveras fascinante que ele tivesse vontade de trabalhar. Não sei exactamente como foi possível, mas entre as dores, o cansaço, o medo e talvez até um bocadinho de terror, adormeci assim que caí na cama. Acordei a meio da noite - de novo - com o som de um carro a chiar na estrada. Acendi a luz da mesinha de cabeceira e chamei pelo Miguel. Ninguém me respondeu por isso achei que ele tinha saído. Levantei-me com cuidado para fechar a janela que estava aberta, o que explicava porque é que eu tinha ouvido tão bem o carro lá em baixo. Lembrei-me que o hotel era bem alto e resolvi espreitar para ver se sentia vertigens. E realmente senti uma vertigem quando olhei para baixo, mas porque era capaz de jurar que era o Miguel que estava estendido na estrada! Corri direita ao elevador, contei e amaldiçoei a eternidade que demorava a passar cada andar, até que cheguei finalmente à recepção e corri

em direcção às portas giratórias enquanto gritava por ajuda. Até que por fim cheguei à rua e, sem reparar se vinha um carro ou não, corri para o corpo estendido na estrada. Ele estava de cabeça voltada para baixo mas eu reconheci a roupa: era mesmo o Miguel.

- Miguel? Miguel!! Por favor, alguém chame o 112!...

E eis-me de novo no hospital à espera que alguém me refaça as costuras e que me diga o que se passa com o Miguel, após ter respondido a um longo inquérito sobre o facto de eu ser uma possível vítima de violência doméstica. Nem me espantaria que fizessem o mesmo ao Miguel se eu estivesse em condições de conduzir... E para ajudar, haviam uns tantos pacientes no hospital que me olhavam de lado por estar na sala de espera deitada numa maca. Tentei abstrair-me deles e pensar na minha vida: há quarenta e oito horas atrás tinha uma casa, uma vida de que eu gostava, uma barriga apenas com uma cicatriz e não fazia ideia de que estava apaixonada pelo mesmo homem há tantos anos. Pelo menos esta parte explicava porque é que eu não conseguia achar nenhum homem interessante durante mais de duas horas - o tempo que durava um jantar. Mas estar a ser espiada pelos vizinhos do lado que eu nem sabia que tinha não era tão fácil de explicar. E a parte de alguém ter atirado o meu ex-namorado do tecto abaixo de maneira a aterrar na minha cama, enquanto ele estava inconsciente e nu, também me escapava. Porque é que alguém estava interessado em vigiar-me e saber de mim? Ao contrário das pessoas na televisão, eu sempre achei que era desinteressante dos pés à cabeça. A única coisa que eu sabia que não era coincidência era o Miguel ter sido "depositado" na minha casa. Quem quer que estivesse por trás disto sabia que nos conhecíamos porque seria demasiada coincidência de outro modo. Mas como e porquê?...

- Luísa Alves?

- Eu!

- Importar-se de chegar ao balcão?

- Por acaso importo! Sou a única pessoa na sala de espera numa maca por alguma razão! Ou vão coser-me de pé aí ao balcão?!

Ninguém me respondeu, mas passado pouco tempo um enfermeiro veio buscar-me e os meus pés (e não o fundo da maca) abriram a porta de par em par para a zona reservada do hospital. Deixaram-me no corredor com a indicação que ia já ser atendida. Não sei porquê, mas comecei a contar segundos para distrair-me e saber quanto era um "instante hospitalar". Para minha surpresa, não apareceu nenhum médico nem nenhum enfermeiro, mas sim o Miguel. E apareceu muito bem porque estava de costas e eu conseguia ver o rabo dele através daquelas magníficas batas que nos dão quando estamos internados no hospital. Fiquei a pensar que a bata favorecia-o mais do que era suposto. Por outro lado, o Miguel tinha sido atropelado e eu só podia estar a alucinar! Não evitei fazer-me notar:

- Miguel?...

- Ah, estás aqui!!

- Estou aqui? Mas onde é que haveria de estar? Olha lá, é impressão minha ou foste atropelado?

- Não exactamente. Eu saltei por cima do carro mas saltei mal e caí ainda pior, devo ter batido com a cabeça no chão.

- Isso é o veredicto do médico ou o teu?

- Olha, não é para assustar-te, mas temos que sair daqui depressa, ok?

- Eu rebentei os pontos na barriga, não consigo ir a lado nenhum. Mas porque é que vamos fugir de um hospital?

- Agora não há tempo para explicar grande coisa, temos mesmo que ir. Deixa-me ver isso. - Levantou-me a camisa ensanguentada e fez uma careta. - Isto vai doer, mas confia em mim!

Claro está que eu nem tive tempo de perguntar porque é que devia confiar nele ou reafirmar a minha confiança nele porque o Miguel pegou em mim tipo saco de batatas e eu abafei um grito de dor. Fiquei outra vez com a sensação de que estava a alucinar. O Miguel acabado de atropelar corria bastante depressa para quem tinha um peso morto às costas. Por outro lado, tinha que pensar nalguma coisa para abstrair-me do facto de ter o meu nariz perigosamente perto do sítio onde as costas dele perdiam o nome. Além disso,

o meu cabelo caía sobre... hum, era melhor concentrar-me noutra coisa! Não estava a ser muito bem sucedida na abstracção, mas a verdade é que não voltou a doer-me nada durante a corrida. Seria possível que estivesse a ficar imune à dor? Ou se calhar doía-me tanta coisa que eu já não conseguia decidir o que é que doía mais...

- Acabaste de tirar um estojo de primeiros socorros daquele tabuleiro?
- Sim.
- Sabes que é ilegal, para não dizer imoral, roubar um hospital?
- Isto é uma emergência!
- Estamos a ir para onde?
- Shhh!
- Tens um rabo muito bonito?...
- ...

## Parte VIII

- Onde é que aprendeste a roubar carros? É que se foi no mesmo sítio onde aprendeste a arrombar portas, eu começo a ter algumas dúvidas em relação à tua profissão!

- Porque é que dizes isso?

- Não sei Miguel, se calhar pelo facto de estarmos estacionados sabe Deus onde, num carro sabe Deus de quem enquanto tu coses os pontos que eu rebentei? Ah, e com material que surripiaste no hospital?...

- Só pedi emprestado!

- Longe de mim reclamar disso, afinal estás a cuidar de mim! Mas tenho que confessar-te que estou apreensiva em relação à cicatriz final. - Ele sorriu e eu enchi-me de coragem para prosseguir. - Mas tu entras em casas e carros sem chave, pelos vistos sabes qualquer coisa de primeiros socorros e ainda nem me explicaste do que estávamos a fugir ou porque é que saíste do quarto do hotel durante a noite. Visto estar a ser cosida a sangue frio, se calhar era boa altura para partilhares alguma coisa que tu obviamente sabes e eu não?...

Ele olhou para mim com meio sorriso na cara, inspirou fundo e pediu-me para deixá-lo acabar de coser a cratera na minha barriga antes de falar. Eu acedi, afinal não queria que ele ficasse nervoso ou chateado enquanto manejava a agulha. Até que ele acabou, instalou-me confortavelmente no banco de trás, sentou-se no lugar do condutor e fez uma manobra rápida para tirar o carro do meio dos pinheiros à beira da estrada. Assim que atingimos uma velocidade de cruzeiro, esperei pacientemente que ele começasse a falar.

- Bem Luísa, eu nunca falei disto com ninguém de fora, nem sei bem por onde começar, mas a primeira coisa que tenho a dizer é que não posso contar-te quase nada. Não vou dizer que é para a tua segurança, porque na verdade é mais a minha segurança que está em jogo.

- Ok, então conta só o que te apetece. Ou canta para me entreteres, sei lá!

- Bem, isto é mesmo como nos filmes. Eu trabalho para umas pessoas que querem ter informações sobre outras pessoas e coisas assim do género, estás a entender?

- Sim, e não quero saber se matas pessoas ou não.
- Ó Luísa, achas mesmo? Pronto, não é assim tão à filme! Continuando, eu fui contratado para analisar uma situação e desconfio que não me contaram tudo porque isto está a ficar descontrolado!
- Deixa-me adivinhar, essa "situação" tinha alguma coisa a ver com o hotel onde ficámos?
- Sim... como sabes?
- A primeira coisa que fizeste ao chegar ao quarto do hotel foi tirar o computador! Nem acredito que foste meter-me mesmo na boca do lobo... E explica-me lá porque é que me deixaste sozinha?
- Eu estava a trabalhar quando reparei num carro em particular e achei que valia a pena investigar...
- Viste um carro em particular daquela altura? Aposto que era um carro do governo, a única maneira de veres um carro que te interessasse em particular tinha que ser um daqueles em que os faróis fazem aquelas coisas todas esquisitas!
- Já ouviste falar em binóculos?
- E foste estúpido o suficiente para sair pela janela?!
- Achei que passar pela recepção era demasiado fácil!
- Ia morrendo de medo e ainda por cima rebentei os pontos porque tu não usas escadas?!
- Desculpa?
- E agora vamos para onde?
- Já vais ver.
- Oh, por favor! Eu quero ir para um sítio que eu conheça! Não quero ter mais nada a ver com isto.
- Tem calma, eu prometo que não te envolvo mais nisto.
- Não me envolves mais? Foste tu que entraste na minha casa e te deitaste ao meu lado?
- Obviamente que não entrei na tua casa nu, nem me deitei ao teu lado! Bolas Luísa, pensas que eu sou o quê?!
- Sei lá! Tu não és quem eu pensava. Não me interpretes mal, estou muito contente que estejas comigo e saibas coser uma ferida e tudo, mas não és o Miguel que eu conheci.

- ...

- Explica-me lá o que se passou no hospital.

- Eles sabem que eu te conheço e isso é a única explicação possível para me terem deixado na tua casa. Mesmo depois da descoberta do óculo nunca pensei que estivesse em risco, achei que estavam apenas a observar-te. Mas no hospital foi diferente.

- Ele ia matar-me, não é?

- Não sei Luísa... Não sei se o alvo eras tu ou eu.

- E na segunda vez, o que se passou no hospital?

- Eu estava a caminho não sei de que sala para fazer um exame qualquer e vi-o de novo, o homem que entrou no teu quarto. A única coisa que podia fazer era procurar-te para sairmos dali o mais depressa possível!

Os pêlos do meu braço estavam completamente eriçados e o meu coração saltava no meu peito como se estivesse na final de um campeonato qualquer. Realmente eu não queria saber muito mais sobre este Miguel. Quaisquer perguntas que tivesse a fazer eram irrelevantes porque agora o que interessava era não ter homens estranhos a entrar no meu quarto com bisturis e outras coisas afiadas. Tinha que confiar nele, já que não podia fazer mais nada.

- Luísa? Estás bem?

- Estou.

- Não estou habituado a que não tenhas nada a dizer! - Tentou uma piada.

- Estou a tentar organizar-me.

- Não compreendo como consegues estar tão calma. Acontece-te muitas vezes teres a vida virada do avesso e seres perseguida?

- É a primeira vez na minha vida que não durmo em casa duas noites seguidas.

- Isso não é verdade!

Não pude evitar um sorriso... que se estendeu numa gargalhada. Senti finalmente uma sensação inexplicavelmente boa a percorrer-me o corpo e relaxei. Sem dúvida que ia confiar nele e em tudo o que ele me pedisse para

fazer. Acho que adormeci nesse momento.

## Parte IX

Acordei e por momentos achei que tudo o que tinha acontecido até ali tinha sido um pesadelo. O sol jorrava pela janela, eu estava enrolada numa manta e sentia-me completamente repousada. Espreguicei-me e senti uma pontada na barriga, passei ao de leve com a mão direita e constatei que a parte de ter pontos na barriga era um pesadelo muito real. Fechei os olhos depressa. Não queria que a sensação de paz se fosse embora, mas era tarde demais. Onde estava eu? Voltei a abrir os olhos e olhei para o tecto. Vi uma bonita estrutura em madeira toda devidamente envernizada. Olhei melhor para o aspecto rústico do quarto onde estava e reconheci-o imediatamente. Era a casinha minúscula que o Miguel tinha herdado de um bisavô. Estava perdida no meio das montanhas, junto a um pequeno lago e não tinha água corrente nem electricidade, quer dizer, tinha um gerador e não daquela electricidade que chega por "cabo". Fiquei contente ao ver o estado geral da casa: o Miguel tinha restaurado tudo de cima a baixo. Levantei-me com cuidado e encontrei-o a dormir no sofá da sala/cozinha/hall debaixo do portátil. Podíamos não ter água corrente nem esgotos, mas claro que tínhamos cobertura 3G!... Passei por ele e fui até ao balcão da cozinha onde havia pão e todos os armários estavam cheios. Fiquei com a nítida sensação de que aquela era a casa dele e não uma casa de férias. Comecei a preparar-lhe o pequeno-almoço: torradas e sumo de laranja. Com cuidado levei tudo num tabuleiro e fiquei a observá-lo por breves momentos. Parecia-me que o velho Miguel tinha voltado, a cara despreocupada e de gargalhada fácil ainda estava lá. Sorri e pensei que a melhor maneira de acordá-lo era tentar tirar-lhe o portátil. Não me enganei e ele saltou logo do sofá.

- Não te preocupes, o meu portátil é melhor que o teu! Ou era, antes de me terem remodelado a casa.

- Desculpa, assustaste-me! O que é isso que tens aí? É para mim?

- É sim, eu já comi. - Observei-o enquanto ele se atirava ao monte de torradas e resolvi reviver o passado durante um bocadinho. - Fizeste um trabalho fantástico com a casa, Miguel. Eu já gostava imenso de como era antes, mas agora está excelente!

- De como era antes? Só tu para gostares da casa cheia de pó, teias-de-aranha e madeira cravada de caruncho! Lembras-te que nem conseguiste dormir na cama com medo que uma ripa de madeira caísse em cima de ti e tiveste que vir para o sofá?

- Lembro-me perfeitamente! Adorei os dias que passei aqui contigo, mas eu vinha dormir para o sofá porque não conseguia dormir ao teu lado - confessei.

- Eu ressono assim tanto?!

- Não... Eu nunca tinha dormido fora de casa e, bem, a verdade é que nunca mais dormi fora de casa. Tive medo de repetir a experiência e que ela nunca chegasse aos calcanhares do que passei contigo aqui. Estava tudo a ser tão bom: a paisagem magnífica, ninguém a chatear-nos, só tu e eu!... E eu estava muito apaixonada, nunca percebi bem se sentias o mesmo por mim. Queria acreditar que sim, mas achava que não. Não conseguia dormir porque tinha medo de acordar do sonho, acordar e de não estares ao meu lado. Passei as noites a verificar que estavas mesmo ali comigo... vinha dormir para o sofá porque assim nunca ia acordar contigo e escusava de ter medo que me tivesses deixado. - Fitei o tecto, incapaz de olhá-lo nos olhos.

- Eu não acredito!! Mas tu sempre foste tão inteligente, que raio de paragem foi essa? Ó Luísa, eu adorava-te! Achas mesmo que eu te tinha trazido aqui se não fosse esse o caso? Foste a única namorada a quem me mostrei sem reservas e a única que conhece este sítio. Sabes como este lugar era e é especial para mim. Depois de me teres deixado demorei imenso tempo até ter coragem para voltar cá...

- Desculpa! - Voltei-me para ele com umas lágrimas teimosas a bailar-me nos olhos. - Eu não consegui acreditar que era mesmo verdade o que sentias por mim, não conseguia conceber que sentisses o mesmo que eu. Afastei-te assim que pude antes que tu me afastasses...

- Eu não acredito que sofri miseravelmente porque tu ficaste burra de repente?!

- Pelo menos agora fiz-te o pequeno-almoço em vez de ficar a dormir no sofá o dia todo porque não pregava olho de noite?...

- Acho que vais ter que esforçar-te mais do que isso.

- Algum barrote que precise de uma demão de verniz?! - E sorri, embora o

sorriso estivesse muito tremido. - Lamento que tenhas conhecido e ficado apaixonado por aquela versão da Luísa com graves problemas de confiança. Acredita que a ideia nunca foi magoar-te...

- Bem, águas passadas não movem moinhos, não é? - Levantou-se e espreguiçou-se. - Eu vou correr um bocado lá para fora para acordar. Faz o que quiseres, está tudo à tua disposição!

O Miguel saiu e deixou-me ali aparvalhada e sozinha depois da maior confissão da minha vida. Porque é que eu estava a sentir-me tão mal?! Éramos outro Miguel e outra Luísa, foi há muitos anos e a culpa tinha sido minha. Porque é que eu achei que ia doer-lhe tanto a ele como a mim reviver o nosso passado?... Senti uma dor forte na garganta e tentei suprimir as lágrimas e a respiração descompassada. Mas que mania tinham os últimos dias de amanhecer fabulosos e tornarem-se péssimos num abrir e fechar de olhos!

Os dias passaram vagarosos, o Miguel ficava o tempo todo a treinar fora de casa ou a trabalhar no computador. Eu, sem saber o que fazer, ia dar passeios pela floresta que ainda conhecia e preparava as refeições. Quase não falávamos sem ser alguma conversa de circunstância e eu sentia-me extremamente infeliz. Queria ir-me embora dali, não queria guardar aquela memória comigo. Não queria ter aquela pessoa em particular a ignorar-me e a pensar em mim como um fardo. Até que finalmente passou uma semana desde que ele me tinha cosido e eu arranjei coragem para falar com ele sem ser sobre o estado do tempo ou a inexistência dos meus dotes culinários.

- Miguel? Desculpa lá interromper-te mas acho que já posso ir-me embora. Passou uma semana e eu tenho que ir tirar os pontos. Obrigada por deixares-me ficar aqui em segurança contigo e pelo cuidado que tens tido comigo.

- Ah, isto passa de uma confissão formidável para conversa sobre o tempo e agora queres ir-te embora?! - Eu abri muito os olhos completamente abismada com aquela frase. - Desculpa, não liguês. Estou um bocado nervoso. Deixa-me lá ver isso.

Eu levantei a camisa e tinha a certeza que estava tudo a sarar lindamente. A cicatriz ia ficar pequena, o que era um milagre dadas as circunstâncias da cosedura.

- Espera um momento, vou buscar uma lâmina.
- Uma quê?!
- Lâmina? Para tirar-te os pontos?
- Não achas mais seguro que mos tirem no hospital?...

Ele nem me deixou acabar a pergunta, voltou-se para mim, baixou-se e começou a cortá-los. Voltei a sentir a sensação estranha que parecia um cruzamento entre cócegas e dormência ponto após ponto, até que os cinco estavam em cima da mesa e não em mim.

- Finito! Estás pronta para outra!
- Como eu detesto essa expressão! Obrigada, a cicatriz ficou tão pequenina! Da próxima vez que ficar debaixo de umas lascas de madeira, já sei a quem chamar. - E pisquei-lhe o olho.
- Luísa, temos que falar. - Estremeci dos pés à cabeça só de imaginar os possíveis temas. - Eu não queria envolver-te nisto, a sério que não, mas preciso da tua ajuda.
- Precisas da minha ajuda?... Para quê?
- Confias em mim?...
- Claro que sim.
- Muito bem, então vou contar-te o que precisas de saber. Lembras-te do hotel onde estivemos?...

## Parte X

- Sim. - Acenei com a cabeça. - Percebi. Quanto tempo é que achas que eu preciso até conseguir fazer isso?

- Não sei, o teu corte na barriga não vai ajudar nada... Mas temos que começar o mais depressa possível. Tens a certeza que queres mesmo fazer isto?

- Mesmo que eu não quisesse, ia voltar para o quê?... Não sobrou nada do que eu reconhecia como a minha vida.

Ele assentiu e começou a explicar-me o plano dele detalhadamente. O meu treino começou pouco depois. Os dias que se seguiram foram o oposto dos anteriores: passávamos o dia no exterior, enquanto ele me explicava e ensinava o básico do que eu precisava saber. Aprendi a escalar como deve ser e, acima de tudo, voltei a rir e a ter vontade de acordar no dia seguinte. A única parte do plano que eu não gostava era do facto de só saber o que tinha a fazer e de não ter ideia do porquê ou do que se seguia. Não tinha uma visão global do que o meu papel significava e isso não me deixava particularmente confiante. O dia D aproximava-se perigosamente, e acabei por reparar que estávamos já na véspera no dito. Era princípio de noite e eu não acusava a proximidade, sentia-me exactamente como nos outros dias: completamente exausta. Saí do banho, vesti o roupão enorme do Miguel e abracei-me para enxugar-me o melhor possível já que não tinha nenhuma toalha. Cheguei-me ao lavatório para examinar ao pormenor a minha cara cheia de arranhões e quando me cheguei ao espelho para avaliar um corte em particular, levei com a porta de lado na cara e não evitei um grito de dor. Ainda com a cara a latejar, voltei-me para ele:

- Então pá? Já não se bate à porta?

- Ups! Estás bem?

- Sim... - Olhei para ele de cima abaixo. - Confessa, tu gostas de andar nu!

Ele respondeu-me com um sorriso que era um misto de orgulho e de atrapalhação. Ficámos os dois calados sem saber o que dizer, frente a frente e

também sem saber o que fazer. Eu resolvi massajar a minha face e orelha esquerda. Ele acabou por ficar preocupado e aproximou-se.

- Deixa-me ver. Eu acho que não abri a porta assim com tanta força.
- Não, está tudo bem! Eu é que não estava à espera...
- Eh lá! Deixou marca e tudo! Ora chega-te mais perto da luz, se faz favor.

Extremamente desconfortável por estar ali com ele num espaço tão pequeno, cheguei-me mais perto dele e deixei que ele me levantasse a testa enquanto baixava a cabeça dele para ver melhor. Os lábios dele estavam tão perto que eu fiquei gelada na mesma posição com medo que um bocadinho da minha pele pudesse tocar na dele.

- Dói-te? Só queria ver se tinhas algum alto. Luísa? Sentes-te bem? - Eu fechei os olhos, efectivamente não me sentia nada bem. - Luísa?!...

Senti-me a deslizar, como se o chão estivesse a desfazer-se numa nuvem. Estava quase a lançar-me na calma prometida do inconsciente quando senti um rebate da minha própria vontade e o sangue voltou a correr-me nas veias. Senti o meu peito a elevar-se com uma lufada de ar fresco e agarrei-me ao Miguel para não cair. Não sei se ele disse alguma coisa ou não, mas descobri a minha cara e cabelo molhado contra o peito dele e senti-me bem assim. Estava quente e sentia-me segura, por isso deixei-me ficar.

- Luísa? Estás a ouvir-me? Bolas, eu não abri a porta assim com tanta força!

- Sim... desculpa. Está tudo bem, foi só uma tontura.

Nem queria imaginar a figura triste que estava a fazer quando olhei para cima e vi os olhos confusos dele a olhar para baixo, para mim. Ele de braços abertos e eu agarrada a ele tipo lapa, já sem qualquer medo de cair. Mesmo assim, não consegui afastar-me dele. Achei que podia passar a batata quente para o lado dele: ele que decidisse o que fazer. Deixei-me estar em silêncio e quando ele desistiu de esperar por uma reacção do meu lado, fechei os olhos e

cerrei os dentes com força, à espera que ele trouxesse as minhas mãos de trás das costas dele e me obrigasse a partir o abraço que me cingia ao tronco dele. Estremeci quando senti que afinal os braços dele caíram nas minhas costas e me apertaram carinhosamente contra ele. Senti de novo uma onda de pura felicidade a percorrer-me o corpo. Olhei para cima para devolver um sorriso, mas ele tinha os olhos fechados enquanto percorria vagarosamente as minhas costas, ainda que por cima do roupão. Esperei pacientemente que ele reabrisse os olhos e perdi o sorriso durante a espera - talvez o tenha perdido de vez quando ele se inclinou para mim e levantou o meu queixo com o indicador direito. Os meus lábios beijaram os dele, mas eu já não vi essa parte porque mergulhei completamente em direcção à cara dele e fiz com que nos desequilibrássemos.

- Eh lá! Cuidado!... De onde veio essa força toda de repente? - Ele riu-se e eu corei violentamente.

- Desculpa outra vez. Não sei o que se passou. Eu...

Ele mostrou-me um sorriso lindo que eu fiquei hipnotizada. Não tentei beijá-lo de novo, mas deixei que ele me descesse o roupão do ombro esquerdo e me beijasse, assim como o osso que leva ao pescoço, o pescoço, o maxilar, a maçã do rosto... Eu deixei a cabeça tombar ligeiramente enquanto a consciência abandonava o meu corpo. Fiquei com as emoções à flor da pele e deixei que o resto se desenrolasse entre o meu desejo e o dele.

## Parte XI

Acordei na cama sem roupa, mas vi o "meu" roupão pendurado na cadeira - não foi um sonho! O tempo estava enevoado, mas eu sentia a alma cor-de-laranja: cheia de calor e de vida! Virei-me na cama para dar os bons dias ao Miguel, mas descobri rapidamente que estava sozinha. As imagens das últimas horas saltaram-me à mente: os sorrisos cúmplices e até as gargalhadas, as pernas, braços e pescoços entrelaçados, o beijo suave dado com carinho na minha cicatriz. Lembrei-me dele não me deixar fazer os movimentos todos que eu queria, mas por pura preocupação... O meu coração traidor jorrava sangue de alegria a cada memória mais carinhosa. Abanei a cabeça como a afastar aqueles pensamentos e tentei voltar à realidade: onde é que ele se tinha metido? Seria possível que o plano já estivesse em acção? Olhei para o relógio de pulso: 10:00. O plano ainda não tinha começado para mim e tinha cerca de três horas para preparar-me, o Miguel já estava provavelmente de volta ao mundo das alianças contratadas.

Às 13:00 em ponto foi dado o sinal. Acabei de fechar o fecho da frente do fato que me tinha custado uma boa meia hora a vestir e achei que aquilo ia correr muito mal logo ali. Estava a morrer de calor dentro daquela vestimenta negra, que raio de tecido seria aquele? Ainda que me desse toda a mobilidade possível, era como estar permanentemente fechada numa sauna. Peguei numa garrafa de uma bebida qualquer fortificante e saí. Fiquei apreensiva pela milésima vez naquele dia quando vi que o meu "contacto" era alguém vestido de negro como eu, mas do sexo masculino e montado numa mota. Uma mota bem grande por sinal, daquelas que provavelmente balançam mais que o Alfa Pendular. E que andam mais do que o TGV. Inspirei fundo e tentei bloquear o meu puro terror a motas.

- Sente-se bem? - Falou o condutor com a voz abafada pelo capacete, eu acenei que sim mas não me mexi. - Tem medo de motas? Não se preocupe porque eu sou um óptimo condutor!

E modesto também! Agora que ele sabia que eu tinha medo de motas ia

pôr-se a fazer aquelas manobras parvas e eu ainda ia acabar estampada contra uma árvore!... “Luísa, concentra-te!! Estás a começar qualquer coisa de que te podes orgulhar para o resto da tua vida! E estás literalmente entalada dentro de um fato digno de Hollywood e o sucesso disto tudo depende de ti. Queres mesmo deixar ficar mal o Miguel apenas porque tens medo de motos?!”. Fiz das tripas coração enquanto insultava a minha própria consciência e subi para a moto. Tentei agarrar o condutor o mais suavemente possível, mas tenho a certeza que deixei a caixa torácica dele irremediavelmente arruinada assim que a moto arrancou. Fiz a viagem toda de olhos fechados, enquanto imaginava que estava numa atracção da feira popular e que aquilo ia acabar em breve. Assim que a moto parou, saltei para o chão. Claro que foi uma péssima ideia, e dei por mim sentada na primeira berma que encontrei com a cabeça entre as pernas para a ver se as tonturas passavam. Agora tinha a certeza que o Miguel tinha um plano B, C ou D porque este contacto já o tinha avisado com certeza da minha actual boa disposição. A moto lá se foi e eu até fiquei contente com o cheiro a gasolina que ficou no ar, só porque isso queria dizer que eu estava sozinha e que me podia dar ao luxo de ter um ataque de pânico sem testemunhas oculares. Infelizmente o meu corpo não me quis dar essa alegria e a visão voltou normalizada, assim como o ritmo cardíaco e o sistema digestivo. Só o maldito calor é que não me dava tréguas. Resolvi recolher-me à sombra e abrir um pouco o fecho do fato como tentativa desesperada para sentir o ar a circular. Já à sombra, olhei em redor para avaliar as traseiras do hotel, ainda que não houvesse nada que eu achasse estranho ou que necessitasse da minha avaliação pormenorizada. Não fazia a mais pálida ideia de quem estava por trás daquilo, mas cá estava eu no local, à hora e dia "combinados". Esses dados estavam bem claros nas sms que tinha recebido no telemóvel na semana anterior - agora que o Miguel me tinha explicado como decifrar o código, claro. Olhei para o arranha-céus que era o hotel e senti o meu estômago às voltas. Nunca tive medo de alturas, mas aquele era um bom dia para desenvolver acrofobia. Ou mesmo qualquer palermice aguda que me impedisse de tentar fazer o que eu pensava fazer, como racionalidade e bom senso. A porta das traseiras abriu-se e eu esperei pelo segundo sinal que não tardou. Lancei-me para a janela em frente a mim e deixei-me deslizar

cuidadosamente para dentro do hotel.

## Parte XII

"Deixei-me deslizar cuidadosamente para dentro do hotel" soa melhor do que ser confrontada com a dura realidade de que caí da altura de um metro e aterrei de cara no chão. Tudo isto porque alcei uma perna logo seguida da outra antes de esperar que a primeira atingisse um apoio firme. Claro que isso provocou uma tentativa de voo da minha parte (com direito a forte agitação de braços em movimentos circulares) que culminou com a minha cabeça - e em particular o meu nariz - a cair primeiro do que o resto do corpo. Sir Isaac Newton: obrigada pelas leis que não se reflectem no meu mundo cheio de atrito. Levantei-me apressadamente, e não precisei de olhar para saber que o meu nariz estava a deixar um rasto de sangue. A minha missão tinha começado bem! Como estava na arrecadação do hotel - o que pelo menos já era um primeiro objectivo conseguido - aproveitei para desencantar papel higiénico que enfiei prontamente pelo nariz acima e fiquei a contar carneiros, sempre de olhos postos no tecto.

A torneira que tinha no nariz eventualmente secou e deitei fora o papel tingido de vermelho vivo. Achei que ia ser apanhada de qualquer modo dada a minha particular eficácia para necessitar de primeiros socorros, portanto mesmo que eles descobrissem por onde eu tinha entrado (o sangue no chão era capaz de ser uma boa pista), não ia ser um resto de ADN no papel higiénico que ia tramar-me. Eu era uma aposta perdida antes de começar! Mas como no fundo sou uma optimista, decidi que podia também procurar água oxigenada e tentar disfarçar a mancha de sangue no chão. Descobri depois que a água oxigenada é um excelente produto de limpeza e o chão de madeira ficou extremamente polido naquela zona! Eu realmente tinha nascido para ser invisível... Inspirei fundo sem tentar pensar na quantidade de disparates que tinha feito até àquele momento e concentrei-me no saco que estava no carrinho de tabuleiros que me tinha sido indicado, isto é, o único carrinho atrás da porta grande de metal. Abri o saco e revi a lista mental que o Miguel me tinha feito decorar: o arnês e restantes acessórios, o auricular, outro relógio e um papel que não estava na minha lista neuronal. Se aquelas coisas eram exclusivamente para mim, então faltava definitivamente um

pacote de algodão, outro de pensos rápidos e Betadine! E se calhar qualquer coisa para a dor de cabeça provocada por um encontro imediato com o chão. Também não encontrei nenhum comprimido de arsénico como existe nos filmes. Se calhar se fosse apanhada matavam-me simplesmente com um tiro ou assim? Existiriam *snipers* em redor do hotel?... A ideia arrepiou-me ligeiramente. Coloquei o auricular no sítio dele, mas ainda ninguém transmitia nada. Desdobrei cuidadosamente o papel que dizia: “Não te magoes muito, ok? Beijos, Miguel”. Respirei fundo, sorri e desejei que um nariz semi-partido e um galo novo na cabeça não contassem.

Depois do que me pareceram horas intermináveis na arrecadação do hotel, o meu auricular deu finalmente sinal de vida. Era apenas estática, mas sempre era uma mudança bem vinda. Levantei-me num pulo e prestei muita atenção para não falhar nada. Ao fim de dez minutos aborreci-me outra vez e resolvi fazer eu própria o meu saco de acessórios com um bocadinho de algodão e pensos rápidos, que milagrosamente couberam dentro do meu apertado fato. Estava entretida a fazer bolinhas de algodão quando ouvi finalmente o “podes entrar”. Tal como estava ensaiado, saí da arrecadação pela porta principal, atravessei o corredor e desejei que ninguém me visse. Por incrível que pareça, estava mais preocupada em ser vista “entalada” naquela vestimenta do que em ser apanhada. Subi rapidamente ao primeiro andar pelas escadas que ninguém usa desde que inventaram os elevadores e fiquei um bocado consternada com o tamanho da janela do primeiro patamar. Era suposto eu passar por ali?! Eu sei que tenho um tamanho abaixo da média nacional, mas daí a ter a coluna vertebral de um gato ainda vai um bocado! Com alguma esperança que me tivesse enganado, meti a cabeça de fora e olhei para cima. As varandas por cima da minha cabeça - que correspondiam aos quartos do hotel - estavam todas preparadas para a minha subida. Fiz uma careta, voltei a meter a cabeça para dentro e comecei a pensar numa forma de desmontar a janela para poder realmente sair por ali e conseguir chegar ao primeiro apoio.

Haja alguma coisa que se aprenda na lida da casa e que possa ser útil quando tentamos assaltar um prédio: limpar janelas. Com cuidado, desencaixei o lado esquerdo da janela e coloquei-o no chão - assim tinha

espaço com certeza. Subi ao peitoril e comecei a subir, tal como me tinham ensinado. Fiquei um bocado espantada por ter atingido a primeira varanda sem grande dificuldade, realmente o treino tinha sido eficaz! Nessa altura lembrei-me que não tinha voltado a colocar a janela no lugar... Será que alguém dava por ela?... Encolhi os ombros e rodeei a varanda para que ninguém me visse do vidro, embora já fosse de noite e eu estivesse vestida de preto dos pés à cabeça. Continuei a subir, atónita por estar realmente a subir e não de cabeça para baixo nalguma cratera que tivesse acabado de abrir no asfalto. Quando cheguei à quinta varanda comecei a sentir-me ligeiramente cansada. Na décima estava capaz de ficar por ali. E na vigésima deixei de importar-me com uma possível queda. As minhas pernas tremiam imenso, os meus braços estavam dormentes e eu continuava a morrer de calor. E se me desse alguma quebra de tensão ali?! Resolvi parar, estava a ser demasiado para mim. Mas como é que ocorreu ao Miguel que eu era capaz de escalar até ao 27º andar?! E como é que eu achei que ia ser capaz de fazer isto sem nunca ter escalado na vida e, honestamente, não ter ideia da altura real de um 27º andar. Aliás, desisti de olhar para baixo quando passei do décimo andar. Achei que o melhor era descansar um bocadinho. Claro que descansar é maneira de dizer porque eu estava espalmada contra a parede como uma aranha que tinha acabado de bater no pára-brisas de um carro. E, provavelmente, a aranha tinha tido um fim bem mais simpático do que o que eu ia ter! Deixei-me estar ali parada a respirar calmamente e deixei a minha mente vagar um pouco. Assustei-me quando uma pomba passou por mim. E assustei-me novamente quando o meu auricular voltou à vida e ouvi a voz do condutor da mota a incitar-me a subir, e a dar-me os parabéns por ter chegado até ali. Eu fiquei petrificada, ele conseguia ver-me? Ou teria eu um dispositivo de localização naquele fato ridiculamente apertado? Se calhar era o segundo relógio?... Abanei a cabeça e concentrei-me apenas na mensagem de encorajamento que vibrava nos meus tímpanos. Subi mais uma varanda e outra... e outra ainda. E eis que por milagre cheguei ao 27º andar, ou pelo menos ao 27º na minha contagem mental. A voz de triunfo que saiu do meu auricular deu-me a entender que realmente estava no andar certo e também que tinha conseguido fazer uma coisa que aquela voz não acreditava, apesar das simpáticas palavras de encorajamento até ali. Nota mental: em caso de

sobrevivência, dar um murro ao convencido da mota!

A pomba passou de novo por mim. Segui o trajecto dela, enquanto o auricular continuava a debitar sons e tentava roubar de volta a atenção que a visão tirava aos meus outros sentidos. “Concentra-te!” pensei - tinha que estar concentrada. O ângulo da rua estava ligeiramente tombado, como se eu estivesse pendurada na fachada de um arranha-céus. E era essa a minha visão, já que era também precisamente essa a minha posição. Fechei os olhos, respirei fundo e lancei o meu braço direito em direcção ao último apoio. Desequibrei-me para poder lançar todo o peso do meu corpo para a direita e quando finalmente expirei a minha mão direita estava fechada em torno da vedação da varanda do 27C. Depois de me permitir um pequeno sorriso de triunfo, balancei-me mais um pouco e saltei para a varanda. A primeira parte do plano estava completa, a segunda (e a que me causava mais dúvidas) estava agora a começar.

## Parte XIII

Tirei o arnês, deitei-me no chão e aproximei-me do vidro da janela com muito cuidado. Os estores estavam levantados e consegui vislumbrar dois ou três homens em redor de qualquer coisa que me parecia um ecrã. O meu auricular ordenou-me para esperar e eu assim o fiz, embora me custasse imenso parar agora. As minhas pernas e braços iam tornar-me a vida impossível assim que o nível de adrenalina baixasse. Fui espreitando de vez em quando e abafei um grito quando vi entrar o Miguel arrastado por dois homens que eu nunca tinha visto antes. Se isto era parte do plano, ninguém me tinha dito nada! Era suposto receber o que quer que o Miguel deixasse perto da janela e colocar na pomba que estava ali comigo na varanda. A parte do plano que sempre me tinha deixado com algumas reservas era a fuga, mas não era suposto correr mal antes de eu tentar fugir sequer!... A minha adrenalina disparou de novo e o meu coração quis sair do meu peito à força quando vi que tinham batido no Miguel com uma arma. Fechei os olhos e lutei contra uma lagrimazinha quando ouvi no auricular "Sai daí! Plano abortado!". Mas ia sair para onde?...

Talvez por não ter grande coisa a perder ou talvez por ser a única pessoa naquele assalto que não fazia ideia do que se passava realmente, decidi ficar. Tirei o meu auricular e coloquei-o na pomba que prontamente voou dali. Eu não ia revelar nada caso fosse apanhada - porque não sabia nada - e também não era o auricular que ia trair ninguém do meu lado. Por uma vez, fiquei contente pela forma como o Miguel nunca respondia satisfatoriamente a nenhuma das minhas perguntas sobre aquele caso. Deitei-me no chão da varanda e tentei aproximar-me da janela. Estava alguém a guardá-la, mas estava de costas e por isso não me causava problemas. Infelizmente não conseguia ver grande coisa dali, embora tivesse uma vista mais ampla do quarto - da suite, melhor dizendo. Eu conseguia ouvir algumas coisas, mas mesmo que ouvisse tudo, não entendia a língua em que estavam a falar. Fui para a abordagem mais óbvia que me surgiu: droga. Estava ali a fazer-se um negócio qualquer e iam trocar qualquer coisa. Ora se estamos em Portugal com esta costa toda, o que chega melhor vindo do estrangeiro e encontra aqui

uma auto-estrada para a Europa é mesmo droga. E o que é que eu sabia sobre droga? Nada. E o que é que eu sabia sobre traficantes e organizações criminosas? Idem aspas. Dada a minha elevada ignorância no caso, resolvi apostar na velha máxima de que a “ignorância é uma bênção” e esperei para ver o que ia sair dali. Houve uma troca de pastas, documentos e mais umas tantas coisas e passado algum tempo, saíram todos, apagaram a luz e levaram o Miguel com eles. Desejei com todas as minhas forças que ninguém estivesse a pensar matá-lo nos próximos minutos. Estava tão nervosa que se ouvisse um tiro naquele estado ainda me atirava da varanda! Tentei acalmar-me e tactear o sítio onde a porta envidraçada corria. Surpreendentemente estava aberta, teria sido o Miguel antes de ser apanhado?... Corri a porta com muito cuidado para não fazer barulho e entrei, sempre encostada ao chão. Não fazia ideia se isso era normal, mas eu não tinha força suficiente nas pernas para tentar outra coisa. Cheguei perto da zona onde se tinha realizado a “troca comercial” e espreitei para ver se tinham deixado alguma coisa na mesa. Nada. Fui até à secretária de gatas e tentei perceber o que se passava por ali. Não tinha grande luz sem ser a do relógio, mas vi alguns papéis que talvez interessassem. Pareciam-me extractos de contas de vários bancos, mas não tinha a certeza. Por outro lado, tinha a certeza que havia alguma relação com a Suíça e bancos e a Suíça eram como chocolate preta e menta. Não sabia bem o que fazer com aquela informação toda, mas decidi guardá-la na mesma.

Continuei a vasculhar a sala - já mais habituada à falta de luz - até ouvir passos na direcção da porta de entrada. Entrei em pânico, onde é que eu podia esconder-me?? A primeira coisa que me ocorreu foi esconder-me atrás dos cortinados, mas era demasiado óbvio. Então reparei que a porta do quarto estava aberta e voei para debaixo da cama. Ouvi-os entrar, ligar a luz e discutir qualquer coisa que não entendi. Eu não conseguia ver nada por causa das franjas da colcha da cama, mas percebi logo quando eles deram pela falta dos papéis porque ficaram extremamente agitados: começaram a falar mais alto e ouvi imensos passos e mais gente a entrar. Bem, pelo menos tinha acertado e “roubado” qualquer coisa importante, fosse lá o que aquilo fosse. Pareceu-me outra vez que tinha entrado mais gente na suite, e ouvi armários e gavetas a abrir. Depois pareceu-me que estavam mesmo a tirar gavetas e a

fazer um grande estardalhaço. Eu estava imóvel debaixo da cama, tentava tomar atenção ao que se passava mas não conseguia parar de perguntar-me se o Miguel ainda estaria vivo. As vozes exaltadas deram lugar a um silêncio prolongado que me deixou em alerta. Será que eles se tinham apercebido que havia ali mais alguém? Ou se calhar sempre souberam que havia mais alguém?... Viriam à minha procura? Deixei-me ficar muito quietinha até que as luzes da sala foram apagadas de novo e não se ouvia viva-voz. Eu, para variar, não fazia ideia do que fazer mas parecia-me que continuar escondida debaixo da cama não era grande opção. E se era para sair dali, aquele parecia-me o momento ideal! Sair pela porta estava fora de questão porque aquele corredor estava minado de “seguranças” com toda a certeza. Também não confiava muito em voltar lá para fora porque era impossível que eles não tivessem visto o arnês que eu tinha deixado na varanda. Pensado bem, se eles tivessem encontrado o arnês então sabiam mesmo que havia mesmo mais alguém metido ao barulho!...

Pois bem, a minha prioridade era sair de baixo da cama. Arrastei-me vagarosamente para o lado e levantei-me com cuidado, não estava a fazer qualquer ruído mas não via um palmo à frente do nariz. Deixei-me ficar de pé durante uns momentos e resolvi ir para a casa-de-banho. Andei devagarinho para não tropeçar em nada, o que até foi fácil porque o que não faltava era espaço em redor da cama. A casa-de-banho era do tamanho da minha casa toda, mas só vi isso durante os breves segundos em que tive coragem para ligar a luz do relógio. Aproveitei a minha memória fotográfica e revi o aspecto daquela divisão na minha cabeça. Havia de facto uma saída que era bem capaz de ser a única. Respirei fundo, um bocado arreliada com a única solução que tinha encontrado, e convenci-me a mim própria que eu era capaz de passar pela buraco da ventilação sem ficar lá presa. Pelo menos era maior do que a janela do primeiro andar por onde tinha começado a escalada. Lá desisti de pensar noutra saída e, antes que viesse alguém, puxei a grelha da ventilação. Provavelmente a grelha devia ter uns parafusos ou assim a fixá-la à parede, mas já lá alguém tinha estado antes de mim e guardado uns envelopes e uns saquinhos pequenos de plástico. Deixei os saquinhos pequenos de plástico porque achei que continham simplesmente droga e

resolvi guardar o envelope como tinha feito anteriormente com os extractos bancários. Como a primeira vez até tinha corrido bem, repeti a técnica.

Depois de ter perdido algum tempo com os envelopes, lá subi ao banquinho que estava mesmo a jeito e, para meu espanto, consegui entrar pelo túnel de metal sem grandes problemas. Voltei a colocar a grelha no sítio e tentei mover-me com o mínimo barulho possível, o que não era nada fácil. Desejei ardentemente que o túnel não acabasse numa descida de vinte metros ou numa coisa pior. Fui rastejando, muito lentamente, até à primeira grelha por onde entrava luz. Estava finalmente a perceber que o fato que estava a usar tinha realmente alguma utilidade. Espreitei e vi quatro pessoas entretidas numa cama e embrulhadas nalgumas posições que eu nunca queria ter visto! Aaargh! Fechei os olhos e decidi pensar antes em como as minhas probabilidades de apanhar a doença do legionário tinham aumentado brutalmente. A troca de pensamentos deixou-me feliz. Passei por mais umas tantas grelhas até que vi outra iluminada por onde se ouvia um grande burburinho. Espreitei com cuidado para não fazer nenhum ruído e tive que abafar a minha própria voz quando vi o Miguel amarrado a uma cadeira. Estava em bastante mau estado e rodeado por dois homens que tinham sangue nos nós dos dedos, mas o que me interessava é que ele estava vivo. Pelo menos, por enquanto.

## Parte XIV

Não sabia novamente o que fazer, por isso fiquei a observar a cena. O Miguel sabia falar naquela língua, embora a maior parte das vezes se limitasse a abanar a cabeça em sinal de negação e a levar um murro ou outro por isso. Comecei a sentir-me cada vez mais frustrada e impotente por estar ali sem mexer um músculo. Penso que o Miguel desmaiou por causa dos maus tratos a dada altura porque a cabeça dele caiu para a frente sem vida. Os dois homens acharam que bastava um para guardar o Miguel e o outro saiu daquela divisão. Era a minha chance! Com cuidado, rastejei até à primeira grelha de onde não vinha qualquer luz e, tentando fazer o mínimo ruído possível, atirei as pernas com força contra a grelha. Nada. A grelha não mexeu um milímetro. Longe de desanimar à primeira tentativa, dei outro pontapé a pés juntos. Ainda nada. Talvez tivesse ficado um bocadinho mais arqueada? Suspirei alto com um certo desespero à mistura e resolvi rastejar até à próxima grelha. Depois de três tentativas falhadas, resignei-me à ideia de que ia ficar fechada naquela ventilação até ao dia seguinte, pelo menos. O meu lado desastrado voltou ao de cima e, quando dei por mim, estava a deslizar por um túnel que tinha uma inclinação mais acentuada do que os anteriores. Comecei a ficar apreensiva porque não conseguia travar, mas ao mesmo tempo estava a achar interessante que o fato estivesse a absorver a maior parte da fricção que o meu movimento gerava. Ganhei uma velocidade considerável e quando o túnel virou bruscamente, eu saí pela grelha que estava em frente. Aí sim, a minha inércia e os meus pés juntos tiveram força suficiente para arrancar a grelha.

Aterrei no chão de forma bastante infeliz e abanei a cabeça uma série de vezes até achar que estava a ver apenas uma imagem. Pisquei bastante os olhos até conseguir vislumbrar finalmente três mulheres com uns fatos bastante... reduzidos, vá, e um velho amordaçado apenas em boxers algemado à cama. Duas das moças tinham apenas cuecas de cores garridas vestidas, além de meias altas e sapatos de salto alto. O chicote da terceira - que estava vestida de cabedal - ainda estava no ar, mas eles interromperam a festa para dedicarem-me alguma atenção e um ar nitidamente confuso.

Suponho que eu devolvi-lhes o mesmo olhar enquanto tentava perceber o que se passava ali. Até que finalmente "acordei", sorri e pedi desculpa pela interrupção - eles que continuassem porque eu estava de saída. Mas antes de sair lembrei-me de perguntar-lhes se podia levar um casaco comprido emprestado. A respectiva dona acenou que sim, ainda um bocado atarantada com a minha entrada. Conforme eu me vestia e saía do quarto, tinha a nítida sensação de que a única coisa que se movia naquele quarto sem ser eu eram os vários pares de olhos constrangidos que caíam sobre mim. Nestas alturas temos todos embutido o mesmo código de honra: eu nunca te vi nesses propósitos e tu nunca me viste aqui. Soltei o cabelo, abotoei o casaco comprido e saí apressadamente do quarto, na esperança que só me vissem da cintura para cima e não reparassem que eu estava descalça. Cheguei ao átrio dos elevadores e dei-me conta que estava no 20º andar... menos mal. Só tinha sete para subir e já estava demasiado cansada daquelas voltas todas, por isso fui mesmo o elevador. Como já devia estar à espera, não era possível sair no 27º andar porque estava bloqueado. Fui tentando os vários botões e acabei por subir até ao 30º andar que foi o primeiro botão que funcionou. Chegada ao 30º andar, averigui o estado das escadas e vi que havia gente a guardar a entrada dos outros andares. Deixei-me deslizar contra a parede até acabar sentada no chão, sentia-me altamente desmoralizada com aquilo tudo. Como é que eu ia chegar até ao Miguel?...

Reparei então num elevador de cargas que estava metido numa espécie de armário - provavelmente para transportar comida ou assim. Levantei-me e dirigi-me ao elevador, a maquineta não estava lá mas a qualquer momento podia subir ou descer. Aproveitei o facto de estar vazio para colocar a cabeça no túnel e ver se havia alguma hipótese de descer por ali. O túnel estava medonho: cheio de pó e outras coisas que eu não queria sequer saber. Fiz uma careta só de pensar na possibilidade de pôr um pezinho meu que fosse naquela parede. Mas porque é que o Miguel tinha sido tão estúpido e confiado em mim?! E onde é que andava o outro da mota?... Se calhar ter-me desfeito do auricular não tinha sido boa ideia. Voltei a espreitar as escadas e vi alguma comoção. Alguma coisa tinha acontecido e isso deixou-me o caminho livre até ao 29º andar. Corri o mais depressa que podia e consegui chegar ao

andar imediatamente a seguir, aparentemente sem ter sido notada. Já só faltavam dois andares. Mas havia gente a amontoar-se no 28º andar e eu não podia descer mais por ali. Noutro rasgo de sorte, o barulho no andar de baixo provocou alguma consternação aos hóspedes do 29º andar. Tentei passar despercebida como quem caminhava em direcção ao quarto, enquanto várias pessoas assomavam à porta em pijama. Algumas aventuraram-se mais longe e saíram dos quartos para espreitar o que se passava no andar de baixo - era a minha oportunidade! Quase sem pensar, entrei na primeira porta aberta que vi e fui direita à varanda. Não sabia bem em que zona do hotel estava, mas saí para a varanda, deitei-me no chão e espreitei os andares de baixo. Havia alguma agitação, mas eu estava claramente à esquerda do foco de tensão. Como não havia ninguém na varanda por baixo da minha, resolvi descer até ao 28º andar. Aterrei suavemente na varanda e pedi a todos os santinhos que a porta de correr estivesse aberta. Pus a mão do lado direito para abri-la com um empurrão, mas o vidro abriu-se depressa demais: o Miguel tinha-a aberto ao mesmo tempo que eu, mas do lado de dentro.

## Parte XV

- Luísa?! O que estás aqui a fazer?! O plano foi cancelado, ninguém te avisou?

- Também estou muito contente por ver-te, estás com péssimo aspecto!

- Não era isso que eu queria dizer...

- Eu sei, eles andam todos atrás de ti, não é? Daí a confusão brutal no andar de baixo!

- Mais ou menos, parece que desapareceram umas coisas importantes, mas não fomos nós! E no meio da confusão deixaram-me sozinho e fugi à primeira oportunidade.

- É bom saber que te aguentas de pé... mal, mas estás de pé.

- Luísa, pára lá com as piadas! Não tarda estão todos aqui, tens que ir-te embora!

- Eu não posso contar piadas, mas tu podes?... O que vinhas fazer aqui? Não há maneira de conseguires chegar a lado nenhum de varanda em varanda nesse estado!

- Eu não estou assim tão mal!...

- Miguel, a tua cara está parcialmente desfigurada e tu estás a coxear. Pelo sangue que tens na boca até diria que te faltam dentes e o teu nariz, enfim, deve estar partido em vinte sítios diferentes!

- E saber isso ajuda-me em quê?

- Não sei, mas vamos sair daqui os dois juntos... E não é pela janela!

- Mas eu só saio daqui quando terminar a minha missão.

- Espero que tenhas um bom seguro dentário. E o que é que vieste cá fazer?

- Não podemos discutir isso depois?

- Sim. Aliás, ocorreu-me agora o sítio ideal para conversarmos! Vamos descer até ao 20º andar!

- Hum?

- Há um sítio onde podemos falar com calma e ninguém vai procurar-te lá.

- E como é que vamos descer oito andares?

- Pela conduta da ventilação!

- Estás maluca? Já viste o meu tamanho? É como passar uma melancia

pelo buraco de um limão!

- Acredita, aquilo é surpreendentemente grande! E hum, consegues arrancar grelhas com facilidade?...

Apesar dos protestos, o Miguel fez o que eu lhe pedi - afinal eu era a única que tinha um plano. O meu mundo estava mesmo do avesso! Não fazia ideia de como ele tinha despistado os outros, mas mais cedo ou mais tarde eles iam encontrar-nos num quarto ou numa varanda. Principalmente porque o Miguel estava realmente em muito mau estado e não podia fazer grandes acrobacias, independentemente do que ele dissesse. Ele tirou a grelha com uma facilidade incrível (que tipo de barras energéticas é que dão a esta gente?) e eu ajudei-o a subir o mais que pude. Entretanto tirei as bolinhas de algodão que tinha no fato e dei-lhe para estancar o sangue que ainda escorria do nariz dele.

- Mas onde é que arranjaste isto? Obrigado!

- Mulher prevenida, já se sabe... - Sorri desajeitadamente.

- Hum, se calhar tens razão. Esta ventilação é realmente larga, mas vai ser horrível deslocar-me aqui dentro.

- Não vai nada... vá, tu primeiro!

- Já te disse que ficas fantástica nesse fato?

- Não disseste e eu não ouvi nada agora mesmo. Vá, mexe-te!

Resignado, ele lá fez o melhor que pôde e entrou na ventilação. O Miguel mexia-se muito devagar por causa da falta de espaço, mas eu empurrava sempre que podia. Imagino que não tinha conseguido parar de rir se nos encontrássemos noutra situação, mas dada a realidade, a única coisa que me ia dar vontade de rir era sair dali viva... com ele. Felizmente encontrei o mesmo escorrega dentro da ventilação e lá fomos os dois a deslizar. Infelizmente o Miguel provocava um atrito terrível e a descida foi um bocado penosa, além de que ele ficou entalado na saída: metade do corpo de fora e metade dentro da ventilação. Ele não disse nada, mas o facto de ter três meninas em lingerie cor-de-rosa, vermelha e de cabedal a ajudá-lo a sair da ventilação afectou-lhe fortemente o ego. E a coisa só piorou quando ele viu o

velho esparramado na cama e algemado à cabeceira.

- Onde é que viemos parar? - Perguntou-me em surdina.

- Olá! Não sei se se lembram de mim. Ah, esqueci-me de trazer o teu casaco comprido, mas caso não voltemos a encontrar-nos, procura um tal de José António Fagundes! - O Miguel lançou-me um olhar reprovador misturado com uma grande incompreensão. - Mas eu precisava da vossa ajuda. Como já se aperceberam, eu ando a fugir de uns senhores que eu acredito pertencerem a uma organização criminosa que trafica droga e que está, neste momento, no meio de um importante negócio no 27º andar!

- Luísa!!! - Perguntei-me se ele ia conseguir fechar de novo o maxilar depois de abri-lo tanto.

- Precisava da vossa ajuda não só para acabar com isto, mas também para ter a certeza que consigo sair daqui viva e para poder devolver-te o bonito casaco, claro.

- Minha menina, isso é alguma piada? - A voz do velho era estranhamente autoritária. - É que o que está a dizer que se passa neste hotel é extremamente grave!

- Não é piada não senhor, aliás, basta olhar para o estado em que está o meu companheiro e ouvir a confusão enorme que vai lá fora. Já agora, chamo-me Luísa Alves, muito prazer.

- João Pestana, muito prazer. - Eu e o Miguel trocámos um olhar divertido. - Então em que podemos ajudá-los?

- Não sei exactamente como vamos fazer isto, mas precisamos de entrar nalguns quartos sem levantar suspeitas e apanhá-los em flagrante com a ajuda da segurança do hotel ou de alguma polícia especial... o que dizes Miguel?

- Sim, eu posso chamar alguém. Mas não vai haver nenhum negócio esta noite depois da confusão que se gerou.

- Eu sei, mas a verdade é que ainda ninguém se foi embora, portanto há mais qualquer coisa que eles querem, ou precisam, e ainda não encontraram.

- E tu sabes o que isso é?

- Por acaso sei!

Olharam todos para mim, mas a única coisa que me passou pela cabeça foi

que já nem me importava de estar vestida como eu estava se à minha frente estavam três miúdas perfeitamente confortáveis em lingerie e com um tutu minúsculo!... Sorri, inspirei fundo e comecei a explicar o que tinha em mente.

## Parte XVI

A Lola, a Mimi e a Laura eram fantásticas e a conversa ainda correu melhor do que eu tinha planeado! Não sei como é que elas conseguiram, mas atraíram pelo menos uns dez "capangas" ao nosso andar e nós tratámos de garantir que eles não tinham um sono leve naquela noite. A agitação no 27º andar acalmou com a falta de homens e a equipa pseudo-liderada pelo Miguel estava finalmente preparada para entrar. Digo "pseudo-liderada" porque era óbvio que ele não estava em condições nem de se lembrar que para andar é preciso colocar dois pés no chão alternadamente. Eu e o Xavier - que descobri ser o nome do convencido da mota - liderávamos a operação até porque eu recusava-me a contar-lhes tudo o que sabia com medo que eles me deixassem ficar para trás. Apesar da minha animosidade em relação ao Xavier, a verdade é que ele agora olhava para mim com alguma admiração e eu gostava da sensação.

Subimos todos juntos até ao 27º andar pelas escadas e íamos todos de preto como a anunciar uma desgraça iminente. Eu protestei porque estava extremamente cansada de andar acima e abaixo e não custava nada usar o elevador agora que estávamos em maior número. Contrariada lá subi as escadas com aquela malta toda atrás de mim. Os traficantes - ou lá o que eles eram - ficaram decididamente surpresos por ver tanta gente entrar num piso supostamente sem acesso e também da falta de aviso por parte da segurança privada. Os outros aperceberam-se rapidamente de que estavam em menor número e deixaram-se ficar a ver como a coisa se desenrolava. Eu entendi, seria exactamente o que eu faria no lugar deles. No entanto, um deles (o chefe?) não parava de remexer na secretária e não parou nem quando ficou completamente cercado e feito alvo de várias armas que me pareceram que podiam disparar sozinhas só com a tensão combinada que pairava naquela sala. Eu deixei-me ficar para trás, a aparente indiferença do homem ao facto de que podia morrer a qualquer momento chocou-me um bocado. Seriam os papéis mais importantes do que a vida dele? Ocorreu-me entretanto que talvez fossem mesmo a vida dele. Apesar de nunca ter pensado em mim como racista, a verdade é que ver alguém igual a mim por trás de uma organização

criminosa perturbou-me um pouco. Aquele homem podia passar por um executivo europeu, norte-americano ou uma coisa do género... Os filmes poupam-nos sempre à confrontação destas realidades.

Houve uma troca de palavras que eu não percebi e o homem atrás da secretária sorriu e mostrou-nos o que me pareceu ser um mecanismo qualquer. Supus que não servia para ligar a televisão nem para fechar os cortinados. O Miguel colocou-se automaticamente à minha frente, mas como me deu ideia que a origem do problema seria uma bomba, não vi como é que ele planeava impedir o meu voo feita em pedacinhos assim que a bomba deflagrasse. Mas foi querido na mesma. O resto do pessoal gelou como se estivesse agrafado ao chão. O homem continuou a falar, provavelmente a pedir para lhe entregarem o que eu tinha escondido ou rebentava com o hotel. Suponho que rebentar com S. Bento não teria surtido o mesmo efeito de apelar ao nosso sentido de sobrevivência. Só por necessidade de clarificação, não fosse ele estar mesmo a tentar rebentar com outra coisa qualquer, acabei por perguntar ao Miguel:

- Aquilo é o detonador de uma bomba, não é?
- Sim, shhh!
- A bomba está aqui no hotel?

Não consegui resposta, mas consegui concentrar toda a atenção da sala em mim. Olhei à volta e sorri, confesso que estava demasiado despreocupada para quem tem um maluco na sala com um detonador nas mãos. Era provavelmente cansaço e efeito retardado do dobro da medicação para as dores que tinha tomado naquela manhã. O homem recomeçou a falar naquela língua de trapos, mas agora voltado para mim. Sentia mesmo falta de um tradutor simultâneo na minha orelha - um peixe de Babel seria o ideal! Quando o homem apontou para mim e o Miguel se pôs completamente à minha frente, comecei a achar que a minha situação tinha acabado de piorar, se é que isso era possível. Irritada com a situação, especialmente porque achava que agora tinha o direito a saber o que se passava, acabei por desabafar em voz alta.

- Mas será que não há ninguém nesta sala que me explique o que raio se está a passar aqui?!

Silêncio. Podia ouvir os sons do meu estômago e os rins a reclamarem por estarem apertados há tantas horas. Sentei-me de cócoras no chão, resignada a esperar que continuassem aquela conversa em chinês. A conversa lá prosseguiu bastante mais incendiada entre o Miguel e o homem. Ao fim de cinco minutos daquilo deu-me vontade de bocejar, o que era extremamente inapropriado, mas o que é que eu podia fazer?... E eis que me ocorreu finalmente qualquer coisa: naquela posição eu estava demasiado baixa para que o maluco do detonador me visse. A primeira hipótese seria desarmá-lo, mas dado o meu profundo conhecimento no campo dos detonadores, era mais provável que eu explodisse com os meus dedos primeiro. Sendo assim, havia também uma bomba a considerar. Onde é que aquele maluco poderia ter metido uma bomba? Lembrei-me do elevador de cargas, era central o suficiente para poder causar danos ao hotel todo. Mas eu também não sabia como desarmar uma bomba, o que era uma chatice. E é claro que ele não estava sozinho e que havia um plano de fuga, senão estaria a negociar um acordo para não ser extraditado e não a fazer exigências. Também podia ser *bluff*, mas a verdade é que o “meu” grupo estava a fazer *bluff* logo para começar porque ninguém saber onde estavam realmente as provas que eu tinha escondido. Sem saber em quem acreditar, imaginei que não seria uma negociação fácil. Mas sendo assim só restava mesmo uma hipótese. Devagarinho, fui de gatas até à casa-de-banho da suite e achei impressionante o facto de ninguém ter reparado em mim. A negociação estava mesmo a necessitar de uma grande dose de concentração! Abri o caixote de lixo, tirei o caixote do lado de dentro e entre os dois lá estava o envelope colado com pensos rápidos. Pronto, agora era respirar fundo e esperar que a minha sorte de principiante continuasse a aparar-me os golpes.

## Parte XVII

Respirei fundo outra vez, endireitei as costas e entrei na sala com toda a confiança deste mundo e com o envelope na mão à vista de todos. Vi a cara do Miguel desenhar um certo ar de pânico e o maluco apontou-me o detonador como se fosse uma arma. Se calhar era do cansaço, mas eu estava acima de tudo farta que ninguém me explicasse nada, portanto acabei por dizer alto e bom som:

- Não me interessa que ele não entenda o que eu digo. - Apontei para o detonador que continuava apontado para mim. - Aqui está o envelope que ele quer, ou me dizem o que raio se passa aqui ou eu mesma trato de entregá-lhe esta porcaria!! E tenho direito a explicações porque parece-me que fui a única que até agora fez realmente alguma coisa! O Miguel estava mais para lá do que para cá e a operação esteve cancelada, lembram-se? Se ainda estão aqui é por minha causa, portanto comecem a falar... já!!

- Calma Luísa, calma. - Vi os olhares aflitos que eles trocavam. - Este senhor aqui que está a segurar no detonador é um dos principais cabecilhas de uma organização que se dedica ao tráfico de droga.

- Mas não só, não é? Porque eu deixei a droga onde ela estava escondida, e mesmo assim olha a confusão que vai para aqui! O que é que está dentro deste envelope?

- Não sei.

Vi a cara de desânimo do Miguel obrigado a confessar aquilo perante a equipa. Senti que se calhar tinha abusado um bocadinho e esperei que o outro tarado não entendesse uma palavra de português. Mas o que estava aquela gente a fazer em Portugal? O nosso lindo país de brandos costumes?!... Ah claro, brandos costumes. Sítio ideal para fazer este tipo de negociatas sem ter o pânico irracional dos americanos e ingleses, além de que os espanhóis até têm algum treino contra organizações terroristas. E nós aqui à entrada da Europa com a nossa linda costa tão voltada para a América do Sul. Confusa com a situação, abri o envelope, esvaziei-o para a minha mão e caiu um diamante. Haviam uns papéis lá dentro que não caíram, mas eu fiquei mais

interessada no diamante. Não sabia diferenciá-los, mas aquele era verdadeiro com certeza. Alguém na sala assobiou ao ver o tamanho do diamante na minha mão.

E então desenrolou-se tudo muito depressa. O tarado lançou-se sobre mim para tentar tirar-me o diamante (ou o envelope?) e o Miguel lançou-se em seguida. Parecia que toda a gente sabia o que fazer menos eu, mas o meu instinto escolheu fugir dali. Baixei-me e consegui evitar que o chefe de não sei que organização me agarrasse, mas antes atirei o diamante ao Miguel. Ele apanhou-o prontamente e eu fiquei momentaneamente entre os dois. Olhei para o Miguel e percebi que ele já sabia exactamente o que se passava. Fiquei feliz, apesar de eu continuar às aranhas. Olhei para o homenzinho e ele tinha os olhos raiados de fúria e ignorou-me por completo quando carregou sobre o Miguel. Eu aproveitei a oportunidade para tirar-lhe o detonador quando ele passou por mim novamente. Tentei segurá-lo o menos possível como se fosse o jogo da batata quente e passei-o a outra pessoa qualquer que com certeza sabia melhor do que eu o que fazer com ele. Efectivamente, assim que ele o recebeu saiu apressadamente da sala. Voltei-me para o Miguel que estava a lutar com o terrorista (se mete bombas posso chamar terrorista, não?) e para minha surpresa o Miguel estava a perder apesar de ter o dobro do tamanho. Mas é claro que estava a perder: ele tinha apanhado uma sova enorme, devia ter mais ossos partidos do que eu tinha inteiros! Não sei porquê, atirei-me eu também e tropeçámos os três num sofá que por lá estava. O homem levantou-se triunfante com o diamante na mão e dirigiu-se para a varanda. Comecei a ouvir um barulho ensurdecedor, mas sem pensar muito nisso, levantei-me e fui atrás dele. Assim que cheguei perto da porta e vidro, lancei-me sobre o homem e caímos os dois na varanda. Só no chão é que me apercebi que o barulho que vinha de fora era um helicóptero! Olhei para cima e levei um murro em cheio na cara como que a penalizar a minha distração. Voltei-me para ele novamente e, apesar de não saber esmurrar ninguém, usei as unhas na cara dele e tentei arrancar-lhe o diamante e um olho. Entretanto o resto da minha equipa chegou à entrada da varanda e encetou uma troca de tiros com o pessoal do helicóptero. A adrenalina voltou a correr-me nas veias e eu ganhei alguma força extra que tentei usar para recuperar o diamante, sem

pensar na chuva de tiros e no facto de alguns homens já terem sido abatidos. Senti qualquer coisa a bater-me nas costas e não liguei, mas quando trocámos de posição no meio da luta e eu fiquei por baixo porque estava a perder, vi que era uma escada lançada pelo helicóptero. Nesse momento parou a troca de tiros. Porra, o homem ia conseguir fugir!!!

Eu nem era a favor de armas, mas não entendia porque é que do meu lado ninguém disparava sobre ele. Receio de algum incidente diplomático?! Que diabo!! Agarrei-me ao pescoço dele quando ele tentava subir a escada e pressionei o suficiente para obrigá-lo a usar as duas mãos contra mim. Acabámos por cair os dois para trás de novo. Ele deu-me uma cotovelada em cheio na barriga no sítio que eu sabia que ainda não estava completamente sarado e a dor foi tão intensa que deixei de ver por momentos. Fiquei de joelhos no chão a tentar reprimir as lágrimas e a recordar-me de como se respirava. O homem deu-se ao luxo de sorrir ligeiramente quando eu finalmente consegui focá-lo. Altamente irritada e dorida, arranjei forças para dar-lhe um pontapé nos pés com toda a força que o desequilibrou bastante porque ele estava em bicos de pés para alcançar a escada. Não sei bem como é que ele arranjou aquilo, mas o desequilíbrio fez com que ele ficasse pendurado na escada pelo queixo. O helicóptero subiu a escada nesse exacto instante e ele foi levantado a meia altura. As pernas dele bateram na varanda quando a escada se mexeu e eu olhei incrédula enquanto os braços dele teimavam em falhar a escada e ele acabou por mergulhar de cabeça em direcção ao chão. Sem querer olhar para baixo, arrastei-me para dentro da suite e os tiros recomeçaram. Escondi-me atrás de um sofá onde o Miguel "jazia" e todo o meu corpo falhou nesse momento.

## Parte XVIII

Abri os olhos com algum receio que tivesse acordado no inferno, mas o cheiro a desinfetante sugeriu-me o contrário: parecia que estava viva. A minha cabeça doía-me tanto que fiquei a pensar se não era mais fácil estar morta. Pensado bem, não era a cabeça, era mesmo a cara. Mais propriamente, o maxilar!! O estupor tinha-me dado um murro em cheio e provavelmente tinha-me partido o maxilar. Guardei alguma esperança que ele tivesse tido uma morte lenta, ainda que soubesse que isso era impossível.

- Olá, olá!...

- Miguel?

- Aaah, a bela adormecida está de volta! Rapazes, podem entrar!

Os meus olhos começaram a habituar-se à claridade e vi a cara do Miguel bastante inchada, mas com o sorriso certo na cara. Voltei-me para a esquerda e vi uns tantos homens, entre eles o Xavier. Alguns traziam o braço ao peito e outras feridas por sarar, mas pareceu-me que estavam lá todos. Cada um deles trazia uma flor e isso deu-me vontade de rir.

- Miguel, o que é isto? - Perguntei alegremente.

- Eles quiseram agradecer-te teres salvado a operação. E, já agora, saber onde é que escondeste os extractos bancários porque a única coisa que encontramos foi o envelope no chão da suite!

- O que é que estava no envelope? - Ele riu-se.

- Nunca conheci ninguém como tu! A tua curiosidade tem que vir primeiro do que o resto! - Fiz-lhe uma careta ou o que eu achei que seria uma careta com o maxilar em obras. - Bem, parece que descobriste uma amostra de um carregamento de diamantes que seriam leiloados na Suíça, provenientes de África, claro. O dinheiro do tráfico de droga era usado para financiar ilegalmente os garimpeiros africanos. O resto dos papéis explicava as características do carregamento de diamantes, mas faltam uns papéis para provar isto. Embora não haja qualquer dúvida da minha parte sobre o que se passa.

- Que confusão! Se calhar fizeste bem eu não ter-me posto ao corrente do que se passava realmente, acho que foi a minha ignorância que me manteve viva! Os papéis estão colados no fundo da secretária, entre a primeira e segunda gavetas... com pensos rápidos.

O Miguel fez sinal a um dos poucos homens que estavam ali sem qualquer tipo de ferimento e ele saiu prontamente do quarto em direcção ao hotel, suponho. Os restantes entregaram-me as flores um a um enquanto diziam que tinha sido um prazer trabalhar comigo. O Xavier demorou-se mais porque queria também pedir-me desculpa pela falta de fé que tinha tido em mim quando tudo começou, mas acho que a desculpa era entendida para o Miguel. Por fim, saíram todos do quarto e fiquei só eu e o Miguel.

- Sabes, eu acho que eles ficaram realmente contentes por trabalhar com uma mulher... que usava um fato bem justinho!

- Eu não acredito que estamos sozinhos e isso é a primeira coisa que me dizes! Eu vou queimar aquele fato!

- Nem penses, já disse às enfermeiras para terem muito cuidado com ele.

- Achas mesmo? Nunca mais na vida vou usar aquilo! Quero a minha vida de seca de volta.

- Nem o vestes para mim um dia destes?... - Revirei os olhos.

- Miguel, há uma coisa que eu ainda não percebi.

- Essa cabeça não pára? Nem sei como não te custa falar com o maxilar assim!

- Custa um bocadinho, mas eu tenho mesmo que perguntar: como é que tu foste parar à minha cama naquele dia? Ou melhor, como é que eu apareci no meio desta confusão toda?

- Estava com esperança que te tivesses esquecido dessa parte. A verdade é que eu também não sei muito bem o que se passou, embora tenha uma teoria...

- Força, eu quero ouvi-la!

- Bem, como tenho este trabalho errr... peculiar, somos todos objecto de testes psiquiátricos rigorosos.

- É curioso saber isso, sempre achei que todos os espões tinham dupla

personalidade.

- Mas tu dizes cada coisa?!... Bem, e uma parte desses testes é saber que tipo de relações pessoais temos, já que existe sempre a hipótese de colocar alguém de quem gostamos em perigo e isso servir como forma de chantagem emocional.

- Entendo, mas como é que eu apareço nisto tudo?...

- Foste a única mulher que eu alguma vez referi... - Ele deixou de olhar para mim e começou a olhar para o chão. - Sempre foste a única mulher com quem eu realmente me preocupei, mesmo após estes anos todos. Eu sabia onde vivias e sabia que tu não me querias ver, mas vivia mais descansado por ver-te bem de vez em quando.

- Tu andaste a espiar-me?!

- Não! Era só para ter a certeza que estavas bem e que não precisavas de nada.

- Isso é um bocadinho doentio, sabes? - Não consegui evitar um sorriso do tamanho do mundo que poderia ter danificado o meu maxilar para sempre.

- Agora a parte que eu não sei explicar é como é que essa informação foi parar às mãos erradas. Também não faço ideia de como fui raptado porque a droga que me deram apagou completamente essas horas da minha memória. Agora o que sei é que a ideia era mostrar-me que eles sabiam coisas sobre mim e que era melhor eu afastar-me para que tu estivesses em segurança.

- E queriam observar-te a partir da minha casa para saber o que pensavas fazer?

- Sim, suponho que me poderiam "monitorizar" por assim dizer. Claro está que eles não esperavam que tu partisses a estante com a tua cabeça e os expusesses logo ali!

- Imagino que isso baralhou-lhes um pouco o esquema! - E ri-me ligeiramente.

- Sem dúvida! E precipitou os acontecimentos no hospital, enviaram alguém para assustar-me ainda mais... e conseguiram.

- Bem, o que interessa é que agora está tudo bem!

- Sem dúvida. - Ele sorriu enquanto afastava uns cabelos da minha testa. - Agora descansa que tens muito tempo para fazer o teu inquérito infundável!

- Não vais fugir para outro país ou assim agora que se sabe que eu sou o

teu calcanhar de Aquiles? - Adorei a forma como aquela frase soou, eu era importante para ele!

- Estava a pensar numa forma de dar a volta a essa situação.

- Vais mandar outra pessoa vigiar-me?

- Não, estava a pensar em trazer-te por perto.

- Como assim?

- Não achas que já é altura de eu poder ver-te todos os dias?

- Se calhar... eu já nem tenho casa para voltar!

- Só por isso?!

- Bem, eu confesso que também sinto saudades de usar o teu roupão! E sei lá, de encontros imediatos contigo na casa-de-banho!

E pisquei-lhe o olho. Ele riu-se e deu-me um beijo na testa - afinal ia começar outra aventura para mim!

**FIM**

Ao Diogo pela frase que me inspirou a escrever isto e à [Aurora](#) por tudo e mais alguma coisa!

## Parte I

"O tempo está esquisito."

"Agora que falas nisso, escureceu de repente, não foi?" E olhou para cima. "Estão a aparecer manchas cor-de-laranja?!"

O Rodrigo mal tinha terminado a frase quando as nuvens decidiram que estavam fartas de carregar peso alheio e deixaram-no cair. No entanto, por entre as habituais gotas gordas de chuva haviam umas com uma forma deveras peculiar, já para não falar na cor.

"Eh lá, mas o que é isto?!"

"Cheira a camarão?"

"Pois, é camarão. Mas não era bem isso que eu queria dizer..." Coçou a cabeça numa tentativa de meter os neurónios em fila indiana. "Era mais: olha, está a chover camarão! Hum, acho que perdi a linha de raciocínio." E fechou os olhos.

"Estás a sentir-te bem?"

"Estou a ver se acordo porque este sonho está a ficar deveras parvo!"

"Sonho? Mas tu estás acordado!..."

"Não estou não!... Au!! Para que é que foi isso?"

"O beliscão foi para provar que estavas acordado, a dor e a mancha vermelha que tens agora no braço são para provar que estamos no mundo real."

"Mas ó João, tu achas mesmo que eu vou lutar contra o meu próprio subconsciente? Vou esperar que isto passe e que o despertador toque."

"Aqui o João tem a certeza que está a chover camarão e vai ali refugiar-se debaixo daquela varanda porque os bigodes dos bichos aleijam!"

"Por acaso as cabeças estão a cair a uma velocidade incrível! Mesmo estando a sonhar, é melhor ir contigo porque já vi que as dores são muito realistas."

"Mas qual sonhar, pá? Está mesmo a chover camarão! Estás a ver algum saco de plástico?"

"Para quê?" E cuidadosamente apanhou um camarão do chão, separou a

cabeça do resto do corpo e começou a descascá-lo. "Hum, isto de chover camarão já cozido foi bem pensado."

"O que é que estás a fazer?!"

"A provar o camarão, o que é que te parece?"

Acabou de descascar o camarão e meteu-o na boca perante o olhar incrédulo do amigo. Degustou a iguaria durante uns segundos e comunicou-lhe o veredicto final.

"Acho que está ligeiramente insosso."

"Mas ficaste parvo de repente?! Tu és alérgico a marisco!"

"Eu estou a sonhar por isso não posso ser alérgico a nada. Além disso, não é camarão de Espinho nem de Moçambique, é camarão do céu! O médico nunca referiu nenhuma alergia a este tipo de camarão."

"Espero que o teu sonho hajam anti-histamínicos senão tenho que ser eu a levar-te ao hospital."

E continuou a apanhar o camarão para um saco de plástico que tinha encontrado. Passados alguns minutos, a voz do Rodrigo juntou-se ao ritmo do camarão a cair.

"Por acaso estou a sentir-me um bocado esquisito. Será que é desta que vou acordar?"

"Ah! Vais acordar com certeza, mas enquanto isso vens comigo ao hospital porque a tua cara está a ficar mesmo bonita!!"

"Tenho manchas? Bolas, que sonho mais real! A minha garganta também está a ficar esquisita..."

O João tentou disfarçar o pânico que sentia cada vez que olhava para a cara do amigo: as variações de tom e de forma pareciam saídas de um filme de ficção científica sem orçamento para efeitos especiais decentes. Olhou à volta para ver se podia pedir ajuda a alguém mas a rua estava deserta, provavelmente tinham ido todos para uma zona mais aberta para apanhar camarão. E o raio do telemóvel teimava em não dar sinais de vida!... Seria da

tempestade de camarão? Viria maionese a seguir?! Obrigou-se a deixar de pensar em coisas parvas e empurrou o Rodrigo na direção do hospital. Será que os camarões tinham inutilizado alguma antena? Ou seria demasiada gente pendurada na rede a enviar fotografias da chuva de camarão? Lançou um último o olhar ao amigo antes de começar numa grande correria e tentou concentrar-se. Primeiro tinha que chegar ao hospital e arranjar alguém para tratar do Rodrigo, depois podia pensar no que lhe apetecesse. Podia inclusivamente pensar na Rita apenas em roupa interior... O hospital! Primeiro tinha que encontrar um hospital para a Rita. Não, para o Rodrigo!

## Parte II

A Madalena estava silenciosamente a perder a paciência, farta de esperar pelo Rodrigo. Inclinou-se no muro de pedra que ladeava a ponte sobre o rio e tentou pensar numa coisa que não envolvesse nenhum ato de sadismo contra o Rodrigo. Olhou para o rio com mais atenção e reparou que estava quase cheio, este ano nem havia falta de água apesar do calor que se fazia sentir. Aliás, o rio corria tão livremente que até dava a ideia que tinha a consistência natural da água, só a cor de lama é que estragava as aparências. A Madalena voltou a suspirar e levantou os olhos, sempre era preferível apreciar o azul do céu. E assim que levantou a cabeça, torceu o nariz. Afinal o céu não era azul e não tinha nada boa cara, aquelas nuvens não auguravam nada de bom. Principalmente no que tocava à integridade física do Rodrigo. Olhou à volta e decidiu que o melhor era sentar-se na esplanada e esperar mais um bocado. “Mas porque é que os rapazes nunca sabem dizer que estão atrasados? Custa muito telefonar ou mandar uma mensagem? Que raio de mania!...” Mas desta vez ela não ia dar o braço a torcer. Não ia ser ela a telefonar e a perguntar onde ele é que se tinha enfiado porque não queria começar outra discussão e estragar o resto da tarde. Ainda que a chuva parecesse querer estragá-la de qualquer maneira. Pediu um sumo de laranja natural e ficou a observar o chão à espera das primeiras gotas e dos círculos mais escuros que não tardariam a aparecer no passeio.

“Madalena?...”

“Hum? Ah, olá Rita! Por aqui? Pensava que ias ao cinema esta tarde.”

“Era esse o plano, mas acho que vou desistir, vem aí uma trovoadas antigas!”

“Pois, está a pôr-se bonito, está!” E olhou de novo para as nuvens antes de voltar-se para a amiga. “Sou eu a ver mal ou o céu está a ficar cor-de-laranja? ...”

Olharam as duas para cima assim que soou o primeiro trovão, imediatamente antes de começar a chover camarão. Camarão cozido. A Madalena levantou-se num impulso e aproximou-se do poste do guarda-sol

para ficar mais resguardada do ataque de marisco celestial. A Rita imitou-a pouco depois.

“Ó Madalena chega-te para lá!”

“Ai, cuidado! Já me pisaste duas vezes!”

“Desculpa, mas esta chuva aleija!”

Encolheram-se as duas debaixo do grande guarda-sol da esplanada e não tiveram que esperar muito até que outras pessoas lhes fizessem companhia. O som dos camarões a caírem no tecido por cima da cabeça delas ritmava o momento. Ninguém falava porque aquela ‘chuva’ tinha tomado toda a gente de surpresa e estava a criar alguma consternação. No entanto, o momento de silêncio não durou muito e acabou numa cacofonia quando toda a gente decidiu falar ao mesmo tempo. Alguns decidiram passar também à ação: os mais corajosos, que pareciam coincidir com os que tinham os pés molhados, começaram a apanhar os camarões que jaziam no chão para observá-los com mais cuidado e comprovar que não eram uma ilusão ótica.

“Está a chover camarão!”

“Leste-me o pensamento.”

“Não era difícil. Ai, que coisa! Agora tenho mesmo que telefonar-lhe, raios partam o rapaz! Tenho que ser sempre eu a dar o braço a torcer!”

“Telefonar a quem?”

“Ao Rodrigo! Ele devia ter-se encontrado comigo aqui há mais de meia hora e não há maneira de aparecer! Mas com esta chuvada de camarão tenho que telefonar-lhe para saber se ele está bem.”

“E então? Ele já é crescidinho, aposto que consegue defender-se dos bigodes de um camarão?”

“Não consegue não! Ele é alérgico a marisco.”

“Ah pois é, já não me lembrava disso! Nem sei como é que não me lembrava depois da cena que foi na marisqueira, nunca mais tive coragem para voltar lá e olha que os percebes eram muito bons! E os burriés... E as sapateiras...” E perdeu-se num olhar sonhador.

“E este gajo continua sem atender o telefone, aposto que se esqueceu dele

em casa!... Quando ele chegar já vai ver o que é bom para a tosse!”

“Se chegar.”

“Bolas Rita, que pensamento mórbido, hem?”

“Estava a brincar contigo! Mas já vi que essa relação é a sério! Já falas como se estivessem casados há uns anos e preparados para as bodas de prata!” E riu-se da própria piada. “Por falar nisso, há quanto tempo é que vocês estão juntos?”

“Dois meses. E isto toca, toca e ninguém atende! Que nervos!”

“Só dois meses? Bem, suponho que assim já sabem qual vai ser o cenário daqui a uns anos...”

Tentou picar mais a amiga mas acabou por desistir porque a Madalena estava demasiado ocupada a chamar nomes quer ao telefone quer ao Rodrigo. Encolheu-se um pouco mais contra o poste que suportava o guarda-sol porque cada vez chegavam mais pessoas que ela nunca tinha visto - e muito menos cheirado a curta distância - para partilhar o improvisado abrigo. Colocou-se em bicos de pés e tentou espreitar para ver se a chuva tinha intenções de abrandar.

“Será que esta chuva de camarão é como aquela chuva de sapos nos Estados Unidos? Um mini-furacão que passou num lago e sugou os sapos?”

“Ó Rita, mas tu achas mesmo que este camarão veio de um lago?!”

“E porque não?”

“Porque este camarão está cozido!!”

“Como é que sabes isso?”

E arrependeu-se logo da pergunta porque algumas das pessoas à volta dela estavam nesse momento a comer os ditos camarões ou a chupar as cabeças com acentuado prazer. Não só estavam cozinhados como pareciam estar bons de sal. Algumas dessas pessoas até pararam de mastigar quando ouviram a pergunta dela e fitaram-na com interesse.

“Já alguma vez viste camarão cor-de-laranja no mar?”

“...”

“Ó Rita, o camarão tem naturalmente uma cor azulada e parece transparente dentro de água, o que ajuda à sobrevivência. Cor-de-laranja é capaz de ser um tom um bocadinho berrante para quem quer passar despercebido.”

“Está certo. Quando eu sair daqui e voltar a a encher os pulmões de ar puro, vou provar um.” Nem tinha terminado a frase quando várias mãos lhe puseram meia-dúzia de camarões debaixo do nariz. “Err, obrigada!” Com as faces um pouco mais próximas da cor do camarão, aceitou todos os que lhe ofereceram e começou a descascá-los para passar o tempo. “Queres um?”

## Parte III

“Estás acordado? Bolas, já não era sem tempo!”

“João! Epá, nem vais acreditar no sonho que tive! Estava a chover camarão e eu... que cheiro é este?”

“É o meu saco de camarão ali à entrada do quarto misturado como cheiro do desinfetante hospitalar. Não foi um sonho Rodrigo, estás mesmo num quarto de hospital a recuperar do momento acéfalo em que decidiste comer um camarão!”

“Ainda estou a sonhar? Bolas! Este sonho nunca mais acaba!...”

O João não evitou um ar exasperado e saiu do quarto para arejar as ideias e talvez apanhar mais camarão. Assim que abandonou o quarto, a cortina da cama ao lado da do Rodrigo abriu-se e uma cara cinzenta escura que parecia feita de rocha espreitou timidamente por trás da cortina, como se a verificar que a costa estava livre.

“Ah, finalmente sozinho! Como te sentes?”

“Bem, obrigado. Conheço-te de algum lado? Parece-me difícil esquecer alguém que tem um olho na testa, além dos dois normais... mas nunca se sabe.”

“De facto somos perfeitos desconhecidos, mas eu estava preocupado com a tua alergia.”

“Como é que isso funciona?”

“O quê?”

“Os três olhos. A imagem final não fica ligeiramente desfocada para cima ao combinar as três imagens? Hum, se calhar não... afinal eu pareço sair-me bem com dois olhos e não faço ideia porque é que só vejo a dobrar quando estou cheio de sono ou bêbedo.”

“Confesso que é a primeira vez que me fazem essa pergunta, mas se ajudar à explicação, este olho aqui em cima não funciona no espectro visível mas sim no infravermelho.”

“Ena, que fixe! Este sonho está a ficar cada vez melhor: és um extra-terrestre! E de que planeta vens?”

“Bezen, conheces?”

“Nunca ouvi falar. É aqui perto? Via Láctea ou assim?”

“É longe, acho que as nossas galáxias nem primas em quinto grau poderiam ser.”

“E como é o teu planeta? É como a Terra?”

“Não, é mais como aquele prateado que está aqui mais perto.”

“A Lua? Mas a Lua nem é um planeta, é um satélite!”

“Vocês e as manias das grandezas! E chamar planeta ‘anão’ ao Plutão, será que não pensaram que poderiam ofender alguém?”

“Em nossa defesa, não sabíamos sequer que havia alguém para ofender! Além disso, Plutão era um satélite de Neptuno. Tem lógica que não possa ascender à classe planeta ‘normal’, não é?”

“Não sei porquê! E pelas pegadas que vimos no *flyby* pela Lua, diria que nem todos os humanos acham a Lua pequena demais para habitá-la. Até já começaram nas decorações: há algumas maquiuetas por lá, uma bandeira e mais algumas coisas... infelizmente também parece que encontramos um cemitério de sondas espatifadas.”

“Pois, o começo da exploração espacial foi difícil!”

“Planetas gigantes, planetas anões, satélites, anãs vermelhas, gigantes azuis... até parece que estão a falar dos tamanhos de roupa! Não vejo a necessidade disso, até porque comparados com a Lua os humanos são pouco mais do que um ponto perdido no pó.”

“Isso é um bocado deprimente.”

“Bem, estou a dispersar. Eu vim aqui para saber de ti e já vi que estás bem, portanto vou andando.”

“Espera! Saber de mim? Porquê?”

“Os cálculos que fizemos para a reentrada não estavam tão precisos como nós pensávamos e criámos alguma perturbação nesta dimensão...”

“Perturbação? Como chuva de camarão... cozido?”

“Pois. Mas garanto que a situação está a ficar controlada! Estamos a avaliar os estragos que provocámos e a corrigir as situações mais graves. Detetámos alguns feridos ligeiros e arranhões mais feios por causa das cabeças de camarão, uma dezena de despistes nas estradas, valetas entupidas e um ou outro animal que pode ter comido em demasia e vai sofrer as

consequências nos próximos dias. Enfim, nada que se aproxime do desastre que foram os rebentos de soja alemães. E eu fiquei de verificar os casos das alergias ao marisco.”

“Como eu.”

“Sim, foste o caso mais grave. Não houve mais ninguém que tivesse tentado comer camarão sabendo que era alérgico.”

“A minha tia bem me diz que eu sou teimoso porque sou Touro.”

“Touro? Como assim?”

“Sim, é o meu signo... Astrologia?”

“Hum, tentei perceber isso uma vez, mas não entendi. Sei que é uma religião com mais de dois mil anos que associa a data em que as pessoas nascem à constelação onde o Sol nasce nessa mesma data.”

“Já sabes mais do que eu.”

“Mas não compreendo. O Sol já não nasce nas constelações onde nascia há dois mil anos.”

“Hum, que não tinha lógica já eu sabia, mas quem sabe daqui a uns trinta mil anos a coisa não acerta?”

“E porque é que não acertam já?”

“Então e o pessoal que ganha a vida com isso? Já viste o que é chegar e dizer: ‘Parece que temos aqui uns cálculos errados e agora anda tudo dois signos para a direita, desculpem lá qualquer coisinha’? Era o fim do mundo em cuecas!”

“Também nunca entendi essa expressão. Mas há mais coisas que não compreendo, como a vossa divisão do tempo. Porque é que escolheram o tempo que a Terra demora a dar uma volta ao Sol?”

“Um ano?”

“Sim, dividir em doze meses onde cada mês tem os dias escolhidos à sorte e depois emendam a contagem errada a cada quatro anos, saltando cada cem a menos que seja múltiplo de quatrocentos. É muito complicado para uma coisa tão simples! Bastava fazer a conta certa e dividir, não? Ou escolher outro sistema qualquer!”

“Assim soa a complicado! Mas eu também não entendo as estações, afinal, as quatro estações só existem realmente nalguns países. E Portugal não tarda é um país tropical! O que é um azar do caraças porque se me dessem a

escolher ficava sempre na Primavera...”

“O vosso dito satélite natural está a atrasar a rotação do planeta, imagino que daqui a uns milhões de anos as coisas sejam diferentes.”

“A Lua parada parece-me bem!”

“Porquê?”

“Aquilo da maré baixa não está com nada! Ter que andar quilómetros para ir tomar banho não é bem! Espero que acabe de rodar quando estiver maré cheia no Algarve. Isso sim era planeamento de valor!”

“Esta é a conversa mais surreal que eu já tive com um ser humano e olha que ao fim de tantos séculos não é dizer pouco!!”

“Posso fazer mais uma pergunta?”

“Se posso dizer-te o futuro? Se posso conceder-te um desejo? Ou levar-te a conhecer o resto do Universo?”

“Não. A tua cara parece mesmo uma rocha! Alguma vez aconteceu acordares com um caranguejo a passear por aí?...”

## Parte IV

A Rita ainda não tinha acabado de engolir o último camarão que lhe tinham dado quando as pessoas à volta dela entraram em debanda.

“Bem, parece que é desta que podemos finalmente ver o que se passa à nossa volta sem incluir o buço de ninguém!”

O ar divertido da Rita contrastava grandemente com o semblante carregado da Madalena. Pensou que se calhar devia ter obrigado a Madalena a comer qualquer coisa para ver se ela se distraía do Rodrigo. Ignorou finalmente a amiga e saiu debaixo do abrigo para espreitar a ponte. A Madalena seguiu-a automaticamente. A Rita caminhou até meio da ponte com cuidado para não escorregar nas várias cabeças de camarão que cobriam o chão e espreitou para o rio por cima do muro.

“Oh, não se vê camarão nenhum! Pensava que o rio ia estar coberto de camarões!”

“Que eu saiba o camarão cozido não flutua.”

“Hoje os peixes vão ter um banquete!” Parou um bocado para pensar no que tinha dito e concluiu. “Este pensamento é um bocado canibal, não é?”

A Madalena encolheu os ombros e voltou a tentar telefonar ao Rodrigo. A Rita desistiu de estar empoleirada no muro e olhou à volta. A esplanada parecia deserta e os empregados entretinham-se a varrer o camarão do chão. De repente a Rita sentiu um ligeiro tremor de terra e a primeira reação que teve foi olhar para cima para ver o que se seguiria no menu. Pão torrado com manteiga seria uma boa opção!

“Sentiste?”

“O quê?”

“O chão tremeu.”

“Não senti nada.”

“Olha, tremeu de novo! Sentiste agora?”

“Hum, é possível... acho que senti qualquer coisa. O que é que será que vem aí? Esta tarde parece saída de um mau episódio dos Ficheiros Secretos!” A Rita fechou os olhos para concentrar-se e assim que sentiu um novo abalo não teve qualquer dúvida.

“Está a passar-se alguma coisa do outro lado da ponte.”

“Como assim?”

“Não é só o chão que estremece, ouve-se qualquer coisa do outro lado e o barulho está a aumentar. Acho que é melhor irmos para casa! Madalena, deixa a porra do telefone em paz e corre, a sério! Vem aí mais qualquer coisa e não é comida com certeza!”

Sem saber porquê, mas como resposta automática à urgência da amiga, a Madalena meteu o telemóvel sem rede no bolso das calças e correu atrás da Rita. Entraram no prédio e em vez de parar no segundo andar, a Rita continuou a subir. A Madalena seguiu-a sem fazer perguntas e só pararam para recuperar o fôlego quando a Rita abriu a porta que dava acesso ao terraço.

“O que é que achas que vamos ver aqui de cima?”

“Nada de muito mau, espero.”

A Rita foi até ao parapeito e espreitou. Lá estavam a esplanada, a ponte e as várias pintinhas cor-de-laranja que cobriam o chão. Parecia tudo calmo e ordenado, portanto olhou para a outra margem com mais cuidado e viu que alguns prédios estavam a abanar.

“Olha ali ao fundo Madalena! Vês? Há uns prédios que estão a abanar!”

“Acho que tens razão... estou a ver qualquer coisa sim. E mais abaixo? Achas que são pessoas?”

“Hum, não consigo ver bem. Se calhar são!... Parece um formigueiro em movimento.”

“Acho que são pessoas a correr e não tarda chegam aqui!”

“Parece-me seguro dizer que não estão a fugir de camarões cozidos.”

“Rita! Isto é a sério, como podes brincar com isto? Está a passar-se

qualquer coisa de muito grave! Olha! Estão quase a chegar à ponte!”

“Eu sei que é a sério, se não fosse eu tu ainda estavas ali!”

E perante o silêncio da Madalena, a Rita permitiu-se a desfrutar de um raro momento de glória. Mas o momento de realização pessoal não durou muito porque foi substituído pela aflição assim que aquela massa de gente invadiu a ponte. As pessoas estavam devidamente aterrorizadas com qualquer coisa e corriam sem rumo certo, esbracejavam muito e gritavam por socorro. Pelo menos ninguém parecia estar ferido. Gritavam também coisas sobre o fim do mundo e muitas outras impossíveis de discernir.

“O que é que eles estão a dizer?”

“Não faço ideia, acho que acaba em ‘sóis’? Será ‘faróis’?”

“Não compreendo nada! Eh lá, assim é muito peso na ponte... Está demasiada gente a atravessar ao mesmo tempo! E se a ponte cai?!”

De facto a ponte vacilava com o peso extra e soltavam-se já vários sedimentos dos arcos de pedra que sustinham a ponte. As pessoas ignoravam os sinais de perigo e continuavam a atravessá-la numa correria desenfreada. Felizmente a ponte aguentou-se estoicamente e decidiu que aquele não era um bom dia para cair. As duas amigas abraçaram-se efusivamente e não evitaram uns pulinhos de alegria quando o último corredor atravessou a ponte e chegou são e salvo. A ponte não tinha caído e estavam todos bem!

“Ah, construções romanas! Toma lá isto Siza Viera: quero ver-te a construir uma assim!”

“He he, estão todos bem! Que alívio! Que grande ponte!! Devia ser considerada Património da Humanidade!”

“E já levava uma demão de pintura como sinal do nosso agradecimento!”

Os elogios continuaram alto e bom som e se a ponte fosse mais modesta até podia ter corado de satisfação. Os pulinhos também se prolongaram até que a Madalena caiu em si.

“Mas afinal as pessoas estão a fugir do quê?”

Num movimento sincronizado, as duas assomaram ao parapeito e olharam para baixo. Ambas deixaram cair o queixo ao mesmo tempo, de novo num movimento perfeito que lhes garantia o ouro olímpico na queda de queixos sincronizada. Incrédulas, não conseguiam desviar o olhar das quatro figuras gigantes que se aproximavam vagarosamente da ponte. A Rita aclarou a garganta e conseguiu fechar o maxilar o suficiente para dizer:

“Lembras-te de eu ter dito que não podia ser outro ataque de comida? Esquece.”

“Podemos mandar a ponte pelos ares?”

## Parte V

O Rodrigo voltou-se para a porta quando sentiu que alguém tinha entrado no quarto. Sorriu para o João e voltou-se de novo para o extraterrestre que já não estava lá. O João nem reparou no desinteresse do amigo e desatou a partilhar o que tinha visto no hospital.

“Bem, acabei de ver umas coisas incríveis!! Sabias que as cabeças de camarão podem ter velocidade suficiente para abrirem buracos na pele? E ficarem presas o suficiente para não conseguires tirar sem ires à faca? Ah e os bigodes a saírem dos narizes dos putos? Isto é incrível! Nunca pensei que um hospital pudesse ser tão educativo!” Os olhos do João brilhavam com as memórias de todo o conhecimento recém adquirido. “Então e tu? Como te sentes? Já acordaste de vez?”

“Não sei. Achas que o subconsciente sabe coisas que nós não sabemos? Assim coisas que lemos e que achamos que esquecemos mas que na verdade ficam guardadas algures no cérebro?”

“Já vi que não! Mas vou dar-te um desconto por causa da medicação que te deram.”

“Estava aqui alguém comigo quando entraste?”

“Não, tens estado sempre sozinho. Mas se continuares assim, eu prometo que digo aos médicos que sofreste uma concussão!”

“Se calhar... sabias que os signos dependem da constelação onde o sol está quando nasce?”

“Não fazia ideia e também não vou perguntar a que propósito vem isso. Vou mas é ligar a televisão para ver o que se passa lá fora.”

A televisão funcionava e apesar da habitual ‘chuva’ de que todas as televisões dos serviços públicos parecem sofrer, era claro que o assunto do dia era a chuva de camarão. Os pescadores estavam muito preocupados com o futuro da profissão e a União Europeia tinha suspenso toda e qualquer pesca de camarão até futuros desenvolvimentos.

“Pergunto-me se é desta que fico enjoado de camarão?...”

“Devias, até porque és alérgico.”

“Pelo menos posso dizer que provei camarão do céu!”

“E que achaste que estava insosso?”

“Acho que Ele devia trocar de serviço de *catering*.” O João não evitou uma gargalhada.

“Bem, estou a ver que estás praticamente de volta! O que é uma ótima notícia porque o médico disse-me que quando te sentisses melhor podias ter alta e sair imediatamente, parece que o hospital está a rebentar pelas costuras.”

“Há assim tantos alérgicos a marisco?”

“Aparentemente sim, mas tirando tu que foste o único idiota que comeu de facto um camarão, nenhum outro caso de alergia precisou de ocupar uma cama! Há muitos ferimentos causados pela queda de camarões a alta velocidade e há gente em macas no corredor à espera de camas.”

“Ok, não batas mais no ceguinho! Eu já me sinto bem e podemos ir embora.”

“E essa tua alergia só se manifesta por ingestão? É que ainda há muito camarão espalhado no chão... Achas que podes andar lá fora sem problema?”

“Se eu sobrevivi ao teu saco de camarão à entrada do quarto, palpita-me que sobrevivo à rua.”

O João sorriu um pouco embaraçado e foi até à beira da cama para ajudar o amigo a levantar-se. Assim que comprovou que o Rodrigo conseguia comportar-se como um perfeito bípede, o João foi buscar o saco de camarão e desligou a televisão sem reparar que estavam a passar novas e bizarras notícias a partir de um helicóptero da ‘Caras’.

“Se calhar era melhor telefonares aos teus pais? Para avisar que está tudo bem?”

“Esqueci-me do telemóvel em casa.”

“Queres que eu telefone por ti?”

“Não sei o número de cor. E falando nisso, por acaso não tens por aí o número da Madalena? É que fiquei de encontrar-me com ela esta tarde e sou capaz de estar ‘ligeiramente’ atrasado.”

“Não tenho o número dela não, mas posso perguntar à Rita.” E tirou o telefone do bolso. “Afinal não, ainda não há rede.”

“A Madalena vai matar-me!”

“E com razão! Mas pronto, vamos lá fazer isto por ordem: primeiro vamos à tua casa para falares com os teus pais e depois telefonas à Madalena. De atrasado já não passas e pode ser que a rede volte entretanto.”

“Parece-me um bom plano, mas queria fazer outra coisa primeiro.”

“O quê?”

“Em que andar é que estão os putos com os bigodes de camarão a sair do nariz?”

“Ah! Boa escolha! Ora segue aqui o ‘João GPS’... Vou mostrar-te imagens inéditas!”

## Parte VI

“Não podemos ficar aqui a olhar para o ar, temos que fazer alguma coisa Madalena!”

“E queres fazer o quê? Picar cebola?!”

“Haha!... Olha o que está a acontecer por onde eles passam! O ranho deles é tóxico ou quê? Está a desfazer a cidade!!”

“Bem, eu tenho que ver se encontro o Rodrigo. E não há maneira de ter rede!”

“É melhor ficarmos aqui em cima, é mais seguro.”

“Então não eras tu que querias um bocadinho de ação?...”

“Sim, mas não era propriamente para ir ter com o Rodrigo, era para destruir aqueles caracóis gigantes antes que eles destruam a minha casa!”

Os caracóis, que como toda a gente sabe são criaturas sensíveis que levam facilmente estas coisas a peito, sentiram a animosidade da Rita e começaram a subir a parede do prédio, devagar. Ou então foi apenas um infeliz encadeamento de acontecimentos vagarosos que levou a que um dos caracóis comesse a subir a parede do prédio.

“Madalena, eles vêm aí!”

“Temos que ir lá para baixo depressa! Cada caracol tem o quê? Dois metros? Não subir isto num instante!”

“Com ou sem contar com os cornos?”

“Antenas!!”

As duas correram para a porta de saída do terraço e desceram apressadamente as escadas do prédio. Havia demasiada coisa estranha a acontecer e elas não tiveram coragem para experimentar o elevador, mais valia não tentar a sorte.

“E o que fazemos assim que chegarmos lá abaixo?”

“Procuramos o Rodrigo!”

A Rita nem conseguiu protestar. Assim que chegaram ao rés-do-chão, a Madalena aproximou-se da porta num movimento muito ‘ninja’ e espreitou para a rua pelo vidro da porta. A costa estava livre, quer de caracóis gigantes quer de pessoas, e ela fez sinal à Rita para avançarem. Sem fazer muito barulho (qual seria o grau de audição de um caracol?), abriram a porta e fugiram em direção à casa do Rodrigo. Ou pelo menos na direção contrária à dos caracóis.

“Tens a certeza que sabes ir ter a casa dele?”

“Sim, é por ali!”

A Rita escusou-se a comentar como aquele ‘sim’ soava a ‘acho que sim ou talvez não’. Aliás, não lhe apetecia comentar nada porque estava a ficar extremamente mal disposta e o melhor era ficar de boca fechada. Passados alguns minutos, a Madalena notou que a amiga estava a ficar para trás. Abrandou o ritmo e, apesar de querer continuar a correr, acabou mesmo por parar e verificar o que se passava.

“Rita, estás bem?”

“Não me sinto nada bem...”

E como se tivesse esgotado as forças todas para dizer aquilo, a Rita deixou-se cair e sentou-se no chão. Ficou encolhida a agarrar a barriga e a balançar-se devagarinho de trás para a frente.

“Rita!! O que é que tens? O que é que estás a sentir?”

“Não sei... estou super mal disposta. Terá sido o camarão? Se calhar estava envenenado!”

“Quantos comeste?”

“Todos os que me deram?”

“Ó Rita!!... Ai ai, é melhor levar-te a um hospital primeiro! Sabes se existe algum aqui perto?” A Rita não estava com muita vontade de ir para o hospital, só queria mesmo que a deixassem ali sozinha a curtir a má disposição.

“Hospital? Não sei se é uma urgência assim tão grande... Se calhar se ficar aqui quietinha isto passa.”

“Duvido! Não estás nada com boa cara e ficar aqui não me soa nada bem!”

“Qual é o mal?”

“Os caracóis do apocalipse e o ranho corrosivo, lembra-te?”

“Apocalipse? Ha ha Bom nome!... Ai, não devia rir-me. Oh, por acaso não tens um saco de plástico à mão?”

“Não, e não quero mesmo saber qual é tua opinião! Vamos procurar-te um hospital e não há mais conversas!”

“Mas eu não quero sair daqui!”

“Eu também não perguntei o que querias. Vá, de pé! Apoia-te em mim e diz-me onde fica o hospital mais próximo.”

A cara da Rita estava a sofrer uma metamorfose cromática e alternava entre o vermelho do esforço, o bege natural da pele e o verde da fermentação dos camarões. Com muito esforço, a Madalena lá conseguiu levantá-la e tentou carregar a maior parte do peso da amiga (e dos camarões) para avançarem o mais depressa possível. Ao fim de uns minutos, a Rita já tinha parado para vomitar três vezes e a cara dela parecia ter finalmente escolhido o verde como cor permanente. Assustada e extremamente cansada, a Madalena deixou a amiga num banco e tentou procurar sozinha o hospital. Apesar de achar que a amiga estava a delirar e que não havia nenhum hospital ali perto, continuou a procurar num raio razoável e ia tropeçando de alegria quando viu o característico sinal retangular azul com o conhecidíssimo ‘H’ branco. Sentiu logo as forças a voltarem e foi a correr buscar a Rita que também se animou ao saber das notícias - pelo menos a cara dela tinha evoluído favoravelmente de um verde-verde para um verde-amarelo. Uma mudança subtil que muito encorajou a Madalena a arrastá-la dali para o hospital.

“Estamos quase lá! Estás a ver? É aquele edifício que faz esquina!”

“Aquele cheio de gente??”

“Não te preocupes, aposto que eles abrem alas assim que te virem!”

“Assim que me virem? Eu estou assim tão mal?!”

“Desculpa, não era isso que eu queria dizer!”

A verdade é que a quantidade absurda de gente à entrada do hospital parecia estar ali mais à espera de notícias do que propriamente a aguardar vez para tratamento. Assim que viram as duas raparigas, e principalmente assim que viram a Rita, as pessoas afastaram-se e abriram um corredor direto à receção do hospital. Conseguiram entrar com relativa facilidade - um milagre mesmo - e uma velha apontou-lhes a máquina de tirar senhas provavelmente com medo que elas lhe passassem à frente. A Madalena sentou a amiga e concentrou-se na dura tarefa que tinha pela frente: descodificar qual era a senha certa a tirar. Enquanto isso, uma enfermeira saiu de trás do balcão e entregou à Rita um balde que ainda trazia a esfregona.

“Acabaram-se as arrastadeiras e só sobram os baldes!” E empurrou o balde para a mão da Rita. “Mas em caso de necessidade, era preferível que conseguisses chegar à casa-de-banho.”

“Err... obrigada. E o que faço com a esfregona?”

“É para limpares o que sujares.”

“Mas o balde não tem água?...”

A enfermeira ainda se deu ao trabalho de encolher os ombros antes de ir-se embora.

## Parte VII

“Eu disse-te que devíamos ter virado à esquerda!”

“Mas o que é que tu sabes? Estavas praticamente inconsciente quando entraste aqui!”

“E mesmo assim parece que estava mais acordado do que tu!”

“Ah sim?”

“Sim, já passámos por este sinal de ‘obstetrícia’ umas três vezes e há mais de dez minutos que não vejo um gajo sem seres tu!”

“Bolas, estamos no rés-do-chão! Quão difícil pode ser encontrar a saída?!”

O Rodrigo estava já definitivamente recuperado da medicação e do camarão mortífero, e portanto agora estava a sentir-se ligeiramente claustrofóbico. Não só o teto do hospital era muito baixo, como haviam ali demasiadas mulheres com graves problemas de retenção de líquidos. Assim, quando viu uma enfermeira ao longe e começou a acreditar que ainda podia sair daquele edifício demoníaco antes de fazer 50 anos, não pensou duas vezes e correu na direção dela. Assim que chegou perto da enfermeira e confirmou que não era uma miragem, não resistiu e deu-lhe um abraço sentido: a salvação tinha chegado!

“Rodrigo?!”

Aparentemente a salvação e a Madalena tinham chegado juntas.

“Madalena?!”

“Nem acredito nisto! Eu super preocupada contigo, a pensar que te tinha acontecido alguma coisa e tu andas a enganar-me com uma enfermeira?!”

“Ora calma lá, não é nada disso!” E virou-se para a enfermeira que ainda tinha nos braços. “Pois não?”

“Garanto que não! Eu nunca tinha visto este pacóvio na minha vida! E se não fizer o favor de largar-me agora mesmo, eu chamo a segurança!!”

Os braços do Rodrigo abriram-se automaticamente e ele colocou as palmas

das mãos para a frente num gesto defensivo. Nem sabia de quem devia sentir mais medo: se do segurança que era capaz de ser grande ou se da cara da Madalena que não augurava um feliz reencontro. Felizmente o João chegou e ele não teve que ser o primeiro a falar.

“Madalena! Que bom ver-te! Andamos aqui às voltas há imenso tempo e não há maneira de conseguirmos encontrar a saída! O Rodrigo hoje não está nada bem e ainda por cima correu a abraçar a enfermeira...” O Rodrigo lançou-lhe um ar assassino. “Err... Acho que ficou demasiado feliz por ver finalmente alguém que podia indicar-nos a saída?...”

“O Rodrigo tem boca, acho que ele não precisa que te desculpes por ele.”

O João encolheu-se num “uiii!” e numa bonita amostra da forte amizade que o unia ao Rodrigo, sorriu-lhe numa clara indicação de “estás por tua conta pá!”, enquanto cruzava os braços para apreciar melhor a cena que estava prestes a acontecer.

“Ó Madalena, tu não te ponhas com coisas! Eu tive uma reação alérgica e o João trouxe-me ao hospital. A sério que eu não conheço aquela enfermeira de lado nenhum, eu só achei que ela ia ajudar-nos a sair daqui!”

“Eu quero saber porque é que me deixaste plantada à tua espera esta tarde sem nunca atender o telefone, isso sim! E a única justificação plausível era estares em coma e não agarrado a uma enfermeira!!”

O João suprimiu outro “ui” em voz alta e decidiu que afinal não queria ver a cena nem ser testemunha dos maus tratos a que o Rodrigo ia ser sujeito. Voltou-se para ver se ainda apanhava a enfermeira, mas como ela não estava no corredor ele resolveu espreitar nos quartos. E, como sempre, esqueceu-se de tudo quando viu a Rita sentada numa cadeira ao canto do primeiro quarto. Só depois de esfregar os olhos três vezes é que decidiu que era mesmo ela e à quarta é que reparou que ela estava a soro.

“Rita! O que é que te aconteceu?”

“João? O que fazes aqui?”

“Vim trazer o Rodrigo, ele teve uma reação alérgica aos camarões.”

“Ah, a Madalena tinha razão em estar preocupada com ele então. Quando a encontrei estava fula à espera dele! Acho que o Rodrigo se esqueceu que tinham um encontro marcado ou qualquer coisa assim.”

“Nah, ele lembrava-se.”

“A sério? Então não apareceu por causa dos camarões?”

“Pois... Então mas deixa lá o Rodrigo, o que se passa contigo? Também és alérgica a marisco?”

“Não, acho que comi demasiados! Estava muito mal disposta e a Madalena resolveu trazer-me até aqui. Ainda bem porque parece que estava a ficar desidratada.”

“Estás a sentir-te melhor?”

O João esqueceu-se completamente do saco de camarões que tinha na mão, deixou-o cair e não resistiu a pegar na mão da Rita. Ela sorriu com o impulso dele e não retirou a mão dela. Continuaram a conversar durante alguns minutos até que foram interrompidos pelo ensurdecedor alarme do hospital. A intensidade das luzes baixou e os sinais de saída ficaram finalmente visíveis. O João apertou a mão da Rita com mais força e perguntou-se se a discussão entre o Rodrigo e da Madalena tinha escalado ao nível de disparar o alarme do hospital. A resposta não tardou porque entraram os dois de rompante no quarto e ambos conservavam a sua integridade física. Seguiu-se uma troca cúmplice de olhares entre os dois elementos do sexo feminino e, sem se aperceber, a Rita disse o que estava a pensar em voz alta.

“Os caracóis!”

“Caracóis?... Não te preocupes com os caracóis, estás linda como sempre!”

A Rita precisou de uns momentos para descodificar a frase do João e a Madalena abafou uma gargalhada. O Rodrigo continuava sem entender nada. No entanto, o momento de diversão não durou muito e o som estridente do alarme trouxe-os de volta à realidade hospitalar.

“Não são os caracóis dela, são os caracóis do apocalipse!”

“Quem?” A ficha caiu primeiro na cabeça do Rodrigo que se apressou a pensar em voz alta.

“Quatro caracóis que vêm destruir a Humanidade? Bolas, já não se pode confiar em ninguém!... E depois nós é que temos a má fama! Como se provocar a destruição de um planeta por falhar uma reentrada fosse comparável a causar um ou outro complexo de Napoleão nalgum planeta! Incrível, mesmo!”

E o Rodrigo continuou a falar sozinho. Os três amigos entreolharam-se sem saber o que dizer ou fazer, mas como a situação pedia medidas urgentes e práticas, eles pura e simplesmente decidiram ignorar o Rodrigo (por unanimidade).

“Se os caracóis estiverem a atacar o hospital pela frente, qual é a melhor saída?”

“Se querem sair daqui, não sigam o João!”

“E ir para o terraço, não?”

Naquele momento, e até porque não há outra explicação racional para o facto, aquela pareceu uma boa ideia. Sendo assim, esperaram mais uns minutos para ver se o nível de pânico diminuía dentro do hospital ou se nem por isso. Talvez os caracóis desistissem de invadir o hospital? Os minutos de espera também davam tempo à Rita para ir recuperando. A Madalena era sem dúvida a pessoa mais nervosa e estava constantemente a sair do quarto para avaliar a situação no corredor.

“Importas-te de ficar quieta?”

“Importo! Tu não mandas em mim!”

“Calma, vocês têm que acalmar-se!! Façam as pazes por agora, ok? Depois podem matar-se quando quiserem, mas de momento quem precisa de atenção aqui sou eu e não vocês!” A Rita respirou fundo e baixou o tom de voz. “Acho que o soro está quase no fim, importavam-se de chamar uma

enfermeira para tirar-me isto do braço?” A Madalena olhou para o corredor vazio de qualquer tipo de vida que vestisse uma bata hospital e suspirou.

“Acho que temos que ser nós a tirar-te isso.”

Ao ouvir isto, a Rita cerrou os dentes com força.

## Parte VIII

“Quem é que foi a mente brilhante que achou que vir para o terraço era boa ideia?!”

“Não te ouvi a sugerir nenhuma alternativa!”

“Na altura eu não sabia que o hospital tinha dezasseis andares! Só andei perdido no rés-do-chão?... E a Rita coitada está ali a retomar o fôlego depois de subir isto tudo. E para quê? Nada! Daqui não chegamos a lado nenhum!”

“Acho que quem tem que retomar o fôlego é o João que carregou com a Rita porque tu não nos deixaste usar o elevador e nem sequer o ajudaste. Mas tens alguma ideia melhor? Ora partilha lá connosco, é o teu momento!”

“Humpf... Os elevadores não devem ser usados durante emergências!”

A Rita e o João observavam o espetáculo, ainda que a uma certa distância do casal, não fosse o diabo tecê-las.

“Achas que eles vão sobreviver ao dia de hoje?”

“Se sim, daqui a uns anos recebemos o convite para o casamento. Afinal, o que mais pode acontecer-lhes?”

“Hum, é melhor não tentar o destino... ele hoje tem sido deveras inventivo!”

“Tens razão.” E afagou-lhe os caracóis. “E tu, como te sentes? Estás com muito melhor aspecto!”

“Pudera, não fiz nada! Tu carregaste comigo até cá acima. Mas sim, sinto-me melhor. Até acho que estou a ficar com fome!”

“Ena, isso soa muito bem e o que não falta aqui é camarão!”

“Oh por favor! Acho que nunca mais na vida vou comer camarão! Sabes o que me apetecia mesmo?”

“O quê?”

“Caracoletas na chapa!”

O João parou por breves momentos a ‘mastigar’ as palavras da Rita, levantou-se e meteu-se no meio da Madalena e do Rodrigo. Aquela parvoíce tinha que acabar.

“A vossa atenção, por favor! Lembram-se de que estamos a fugir de quatro caracóis que ainda que lentos, são gigantes?”

“Ah sim?”

“Sim e eu tenho uma ideia! Aliás, foi a Rita que me deu a ideia. O que sabemos nós sobre caracóis?”

“São saborosos?”

“Têm um corrimento nasal horroroso?”

“São criaturas sensíveis.”

“Bom ponto, Rita! E mais?”

“Não ouvem.” A Madalena e a Rita olharam para o Rodrigo ao mesmo tempo.

“Não ouvem? A sério?”

“Sim, são surdos. São uns bichos herbívoros surdos e, tal como a Rita disse, são muito sensíveis e levam qualquer coisinha a mal.”

“Hum, se eu fosse surdo também era desconfiado...”

“Muito bem e se fosses um caracol, o que é que atacavas em primeiro lugar?”

“Uma horta?”

“Não, a nível de vingança!”

“As tascas e os pires de caracóis?”

“Supermercados que vendem caracóis ao lado de amêijoas de qualidade duvidosa?”

“Vendedores de verduras contaminadas?”

“Acho que já sei!” E viraram-se todos para a Rita. “O Festival do Caracol Saloio de Loures!!”

Uma chama de esperança acendeu-se dentro de todos enquanto o João explicava o plano - agora sabiam qual era provavelmente o alvo dos caracóis. Era arriscado e ia depender de muita gente, mas valia a pena tentar! Entusiasmados com a ideia, mergulharam numa discussão animada onde tentaram limar as arestas do plano e acertar os detalhes mais confusos. Estavam tão embrenhados na conversa que só à terceira abanadela é que repararam que o edifício estava a mexer-se. A Madalena achou que tinha uma

possível explicação para o facto.

“A baba dos caracóis é corrosiva! Deve estar a destruir os pilares do hospital, temos que sair daqui depressa!”

“E se voltássemos a entrar e descêssemos pelo túnel da roupa suja até ao primeiro ou segundo andar? Daí deve ser mais fácil sair ou saltar para algum lado!”

“Não só era um valente milagre que o túnel só tivesse roupa no fundo, como a esta hora a cave deve ser uma pasta líquida composta pelos mais variados materiais babados, vá!” O hospital abanou novamente e desta vez cedeu e inclinou ligeiramente.

“Bem, não há outra hipótese: temos que fugir aqui por cima!”

“E se saltássemos para o edifício do lado? Com esta inclinação... Bem, talvez dê se isto inclinar mais um bocado?”

“Não me parece que vá dar, mas aqui é que eu não fico!”

Infelizmente não podiam fazer nada porque o intervalo entre os dois edifícios era intransponível. De vez em quando sentiam que algo chocava contra o prédio - seria a concha de um dos caracóis? Esperaram e desesperaram por um novo movimento do edifício que finalmente chegou. As fundações voltaram a ceder e o prédio inclinou-se um pouco mais. Os rapazes estavam preparados e já à devida distância para ganhar balanço. Assim que se perceberam que era aquele o momento certo, correram e saltaram para o edifício do lado. Tanto a Rita como a Madalena fecharam os olhos com força e só quando tiveram a certeza que o característico som de ossos a partir não se ia fazer ouvir é que abriram os olhos para espreitar. Assim que os viram do outro lado, ganharam coragem e fizeram a mesma corrida antes do salto final. Os rapazes tentaram ajudá-las tanto quanto possível e proporcionaram dois ótimos colchões de queda. Assim que ficaram os quatro de pé, correram até à porta que dava acesso ao interior do edifício. A porta estava aberta e eles não se fizeram rogados. A Rita ainda não estava totalmente recuperada e precisou da ajuda do João para descer as escadas, o breve momento de adrenalina que tinha sentido ao saltar do terraço do hospital tinha desaparecido assim que ela tinha aterrado em cima do João. Chegaram à rua esbaforidos, mas muito

aliviados por ver o alcatrão e o passeio com as formais habituais e sem qualquer sinal de viscosidade. Depois de uma breve troca de ideias, o João ficou de levar a Rita a casa - apesar dos protestos dela - e de passar pelo posto da polícia onde trabalhava um amigo dele. A Madalena seguiu com o Rodrigo que tentava contactar o tio, um grande amigo do presidente da câmara de Loures.

## Parte IX

A Madalena tinha acabado de subir as escadas que davam acesso à plataforma onde o Rodrigo se encontrava. Estavam ambos no recinto do Festival do Caracol Saloio em Loures.

“Tudo a postos?”

“Penso que sim. Agora só resta esperar, não é?”

“Que remédio!...”

“Sabes que mais? Está a dar-me a fome.”

“Podes crer, só de ler o folheto até fico a salivar: Feijoada de Caracoleta, Dobradinha de Caracoleta, Pataniscas de Caracol, Pimentos Assados com Caracoleta, Espetada de Caracoleta, Cogumelos Salteados com Caracoleta, Massada de Caracol, Quiche de Caracoleta, Caracoleta à Lagareiro, Chili de Caracoleta, Caracóis de Coentrada, Caracoleta à Bulhão Pato...”

“Queres matar-me de fome?”

“Incrível, não falta aqui nada! Achas que vamos poder experimentar isto tudo?”

“Não estou a ver porque não. Se sairmos vivos disto, no mínimo têm que oferecer-nos um bocado do petisco!”

Parou de falar um momento para observar o recinto e ficou impressionado com a quantidade de gente que já se tinha juntado ali. Todos os presentes traziam sacos bem cheios, tal como fora pedido, e pareciam prontos para a ação. A Madalena também não deixou de observar o facto.

“Ena, tanta gente a chegar! Achas que eles sabem todos ao que vêm?”

“Espero que sim, mas quando os artistas principais chegarem logo se vê quem fica.”

Depois de uns longos minutos de espera, ouviu-se finalmente o som característico de um megafone.

“ATENÇÃO! Os caracóis já foram avistados e vêm nesta direção!

Escondam-se agora e afastem-se da zona demarcada! Repito: é proibido transitar na zona demarcada!” O comandante da polícia afastou o megafone dos lábios e falou num tom natural ao colega que tinha acabado de chegar.

“Conseguiram reunir alfaces e couves suficientes? Está tudo a postos?”

“Sim, os vegetais estão num molho naquela zona da feira.” E apontou para indicar o sítio a que se referia. “Já não se encontra ninguém no local.”

“Muito bem! Agora é esperar que tudo corra de acordo com o foi planeado...”

“Os caracóis são mesmo surdos?”

“Os especialistas dizem que sim, mas também é verdade que não temos especialistas desta espécie de caracol em particular.”

“Bem, eu acredito que vai correr tudo bem. Vai ser o melhor festival de sempre, vamos ter imensa gente e uma enorme campanha publicitária gratuita!”

“Pois Zé, esperemos que o presidente se lembre de compensar a polícia depois disto!...”

Como se tivesse ouvido a deixa para entrar, um helicóptero de um conhecido canal de notícias aproximou-se do local onde o comandante Frederico e mais uns membros da polícia se encontravam.

“Bem, parece que a festa vai começar!”

“Será que a lona vai aguentar-se?”

“Estamos prestes a descobrir, mas espero sinceramente que sim. Já agora, quem é que se lembrou de marcar a lona com um enorme ‘X’ a vermelho?”

“Não sei, mas ajuda a chamar a atenção porque as pessoas estão a evitar essa zona como fosse a praga. Por outro lado, também ajuda a marcar o centro do espetáculo e as pessoas podem procurar um lugar com boa visibilidade.”

“Boa visibilidade?! Para ver caracóis de dois metros??” Como ninguém teve coragem para responder, o comandante continuou a falar sozinho em voz baixa. “Devo ficar contente por ser um ‘X’ gigante e não um alvo gigante, ‘tá visto! Ai a minha vida! Espero que os caracóis sejam cegos!...”

Os caracóis gigantes foram precedidos pelo som de metal a torcer e de um ou outro pequeno desmoronamento. E claro, vinham acompanhados da música de fundo que anunciava o apocalipse: o som típico das coisas ‘nhanhosas’ que fazem ‘nheca nheca’ ou ‘shlop shlop’ - o som de um caracol gigante a avançar mergulhado numa espécie de gosma esverdeada. Devagar mas sem nunca dar um passo atrás, o quarteto de elite avançava sem misericórdia e era cada vez mais notória a capacidade destruidora do ranho que os circundava. Não havia uma única infraestrutura que ficasse ileso à sua passagem e as pessoas começaram a perguntar-se se aquele ranho todo não seria radioativo. Antes que o pânico se instalasse e as pessoas começassem a fugir, chegou o primeiro caracol ao recinto do festival e bloqueou qualquer tentativa de fuga pela avenida principal. A primeira coisa que o comandante Frederico viu foram duas antenas coroadas com dois globos que pareciam ser os olhos da criatura.

“Isto parece um filme de terror, mas um daqueles de mau gosto! Já viram bem aqueles olhos?!”

“Não é das coisas mais bonitas que vi, não. Mas não deixa de ser fascinante! Toda aquela gosma a escorrer, há ali pedaços daquela ‘nhanha’ que devem cair da altura de um metro, metro e meio, não?”

“E vista assim ampliada, a pele deles tem qualquer coisa daquele escamado dos dinossauros mas em cinzento, não tem?”

O comandante Frederico nem conseguiu esconder o nojo que aquela conversa estava a provocar-lhe, ele nem gostava de caracóis! Fez uma cara reprovadora que foi rapidamente entendida e calaram-se todos. A enorme concha castanha em espiral não tardou a aparecer e foi prontamente seguida por outras três conchas acompanhadas de mais seis pares de antenas e três pares de olhos. O melhor amigo do comandante - mortinho por meter o bedelho - tentou a sorte e quebrou o silêncio.

“É incrível como se parecem com os caracóis do meu quintal. Pensei fossem diferentes... Mais ameaçadores, talvez?”

“Já viste o estado em que ficam as coisas depois deles passarem? O que é

mais ameaçador do que ter uma cidade destruída?! E não te esqueças: eles estão aqui em busca de vingança!!”

“E de alface também.” Notou um deles ao ver que o primeiro caracol tinha entrado na zona onde eles se encontravam e ia direito ao manjar que lhe estava destinado.

“Já só faltam três... e que a lona aguente até lá!”

Os três caracóis que faltavam acabaram por entrar no recinto e pararam exatamente onde a polícia e toda a gente os queria: em cima do ‘X’ vermelho marcado na lona. Nenhum dos caracóis parecia apreensivo e o burburinho de fundo que tinha acompanhado toda a operação acabou abruptamente para dar lugar ao medo e até algum respeito pelos gastrópodes. Tal como o Rodrigo tinha previsto, algumas pessoas abandonaram os esconderijos e correram para casa, mas a maioria ficou. O único som que se ouviu durante alguns segundos foi o dos talos de alface a partirem ou de folhas de couve a serem arrastadas. Algumas pessoas deixaram de respirar tal era o suspense que pairava no ar. Até que a lona não resistiu mais debaixo daquele banho corrosivo de ranho e cedeu finalmente. Os caracóis nunca chegaram a ter hipótese e caíram pesadamente dentro do depósito de água.

“AGORA!”

Gritou o comandante Frederico através do megafone. Ninguém se fez rogado e apareceram pessoas de todos os cantos e esconderijos possíveis no recinto do festival. Todos eles traziam pesados sacos às costas e uma grande vontade de acabar com aquela ameaça de uma vez por todas. Aproximaram-se com cuidado do ‘precipício’ que tinha engolido os caracóis e, ainda que de vez em quando se vislumbrasse um ou outro olho na extremidade de uma antena, houve um urro de vitória seguido pelo arremesso em catadupa de milhares de condimentos para o buraco negro. As pessoas tinham trazido exatamente o que lhes tinha sido pedido: cebola picada, raminhos de orégãos, alhos pisados (infelizmente numa expressão literal), malaguetas, caldos *Knorr*, louro, sal e azeite. O comandante Frederico continuava a berrar no megafone.

“ATENÇÃO: NADA DE SAL! O SAL SÓ É ATIRADO DEPOIS DOS BICHOS MORREREM, SENÃO ELES RECOLHEM À CONCHA E NINGUÉM COME NADA!”

Os arcos de condimentos que caíam para o buraco acalmaram eventualmente, mas ninguém arredou pé porque a grande maioria também tinha trazido sal. O comandante resolveu descansar o megafone quando viu que toda a gente estava a seguir as instruções que ele gritava e aproveitou o momento para colocar-se a par das novidades.

“José, como está a questão do fogo? Conseguiram acendê-lo? Havia água suficiente no depósito?”

“Sim senhor! Acabaram de informar-me que todas as paredes à volta do depósito de água estão a aquecer rapidamente e a água já atingiu os 40°C. Não temos muita lenha para queimar, mas acho que vamos conseguir!”

“Nem que seja preciso queimar as mesas e os bancos corridos! Ninguém aqui precisa de comer sentado!”

“Sim senhor!”

A água estava a aquecer visivelmente e todo o recinto em redor do buraco que os próprios caracóis tinham ‘cavado’ estava a aquecer também. Os lourenses não desanimavam e não havia um que desviasse os olhos daquela panela gigante... não fosse um deles fugir enquanto o diabo esfrega um olho!

“Será que eles já estão mortos?”

“Não sei, acho que a água ainda não ferve!”

“Já se pode juntar o sal?”

“Se calhar é psicológico, mas já me cheira a qualquer coisa!...”

E não era o único a salivar com a ideia do pitéu que se seguiria pois foi acompanhado de uma sincronizada sinfonia de barulhos estomacais.

## Parte X

A água começou realmente a ferver e algum do *staff* do festival desenrolou uma nova lona bastante menos resistente do que a que tinha estado anteriormente a suportar os caracóis. Esta só tinha que fechar o buraco e servir de tampa ao ‘tacho’.

“Elá, agora cheira mesmo bem!”

“Sim, acho que o comandante é *chef* nos tempos livres. Viste como ele soube exatamente o momento em que se devia juntar o sal?”

“Não tens pena dos caracóis?”

“Eles não pareciam ter remorsos por ter destruído metade da cidade...”

“Mas mesmo assim, atraí-los para uma armadilha e cozê-los? Se calhar havia algum santuário de animais que podia ficar com eles ou assim...”

“Um santuário? Ó Madalena, isto é uma guerra a sério! E se não quiseres, eu fico com o teu prato.”

“Ha ha, que engraçadinho!”

“Escusas de tentar fazer-me sentir mal, eu vi-te a esconder um tupperware na mala!”

“Oh, mas isso é para levar à Rita e ao João! Também merecem provar um bocadinho, não?”

No centro de comando também haviam festejos perfumados pelo cheiro a orégãos que pairava no ar.

“Os meus parabéns meu comandante! Correu tudo lindamente!”

“Sem dúvida! E este cheirinho... só faltam mesmo as minis!”

“Então e qual era o plano B? Uns dardos tranquilizantes ou assim para acalmar os bichos?”

“Hum, não... tivemos receio que os tranquilizantes afetassem o sabor e depois não havia petisco para ninguém. Ó António, o pessoal do *Guinness* sempre veio?”

“Sim, meu comandante. Estão agora mesmo lá em baixo a medir o ‘tacho’ mas já dizem que o recorde é nosso.”

“Então é oficial: esta é a maior ‘tachada’ de caracóis do mundo! O Festival do Caracol Saloio de Loures vai entrar para a História! E para o *Guinness* também.”

“Por acaso estes tipos não têm nada a ver com a cerveja, não?...”

Infelizmente o acontecimento nunca ficaria para a História, mas nessa altura toda a gente achava que sim e os festejos continuaram. O primeiro grande problema com que se depararam foi o de cortar os caracóis: ainda que tivessem encolhido ligeiramente na cozedura, a carne de caracol é ligeiramente elástica e a dimensão absurda dos bichos não facilitou nada a tarefa. Alguns não quiseram esperar e foram molhando as fatias de pão (também ele saloio) no molho acastanhado que ainda fumegava. Até que por fim chegou uma grua que levantou os caracóis à vez e foram servidos como ‘caracol no espeto’ ou ‘snail kebab’ para os turistas. A Madalena esperou pacientemente pela vez dela até conseguir uns bons bocados de caracol e preparou-se para abandonar a festa na companhia do Rodrigo.

“Que dia inacreditável!”

“Podes crer, mas tenho a impressão que o dia ainda não acabou.”

“A sério? Eu espero sinceramente que estejas enganado porque estou tão cansada de tanta correria que só me apetece dormir!...”

Apanharam o autocarro de volta e fizeram o resto do caminho até casa da Rita a pé e de mãos dadas. Caminharam com cuidado porque o alcatrão e as pedras da calçada pareciam ter derretido e adquirido uma forma mais arredondada nas bordas com uma depressão ao meio por onde os caracóis tinham passado.

“Esta estrada parece o mar alto, quanto tempo demorarão a arranjar isto?”

“Ui, vai demorar com certeza! Com a crise então, com sorte nunca mais passam carros por aqui. E vendo pelo lado positivo, ganhámos zonas pedonais!”

“Bem, chegámos.” E olharam ambos para o prédio onde a Rita e o João se encontravam. “Ui, o prédio está mesmo com mau aspecto! Será que está em

perigo de derrocada?”

“Penso que não, mas se eu fosse à Rita mudava a mobília pesada para o outro lado do apartamento.”

“Bem visto. Sobes?”

“Sim, mas sobe tu primeiro. Pareceu-me ver ali uma pessoa conhecida. Eu já subo, dá-me cinco minutos.”

E sem esperar resposta por parte da Madalena, o Rodrigo caminhou em passo apressado até ao banco onde estava alguém sentado que ele pensava reconhecer. E pois sim, parecia que estavam exatamente à espera um do outro.

“Eu sabia que ia voltar a ver-te! Queres explicar-me este ataque de caracóis gigantes? Mais um erro de cálculo?!”

“Não, por acaso eles eram a razão pela qual viemos ao vosso planeta. Na verdade, os caracóis eram quatro fugitivos muito procurados no Universo, há galáxias que oferecem um sistema solar pela captura de apenas um deles!”

“E o que vão fazer agora? Dar-nos quatro sistemas solares?”

“Não... Não podemos anunciar-nos assim aos terrestres. Aliás, nós nem sabíamos que forma eles tinham adotado para se misturarem convosco, mas algo me diz que eles não fizeram uma pesquisa muito aprofundada sobre o assunto...”

“Então e agora o que vão fazer? Ainda que pareça que somos os únicos à margem de tudo o que se passa no Universo, a verdade é que resolvemos o vosso problema num instante!”

“De facto... milénios e milénios atrás destes delinquentes e uma das civilizações mais atrasadas que conhecemos dá cabo deles em duzentos e quarenta e quatro minutos terrestres, sem contar com o tempo de cozedura.”

“Nunca descer à Terra sob a forma de petisco!”

“É uma boa lição a retirar do dia de hoje.” E esboçou o que o Rodrigo tomou por um sorriso. “Bem, parece que temos muito que limpar antes de ir embora!”

“Limpar? Como assim?”

“Temos que reconstruir prédios, pavimentar estradas, limpar as montanhas

de camarão que ainda por aí andam, refazer calçadas... ainda por cima calçadas! Das coisas mais trabalhosas que nos podiam calhar na rifa! Enfim... E claro, apagar as vossas memórias e todos os registos que existem sobre o dia de hoje.”

“Apagar-nos a memória? Porquê?! Nós prestámos um excelente serviço ao Universo!”

“Sem dúvida, mas dias como este não podem ficar gravados na vossa memória. Como explicar a chuva de camarões cozidos ou os caracóis gigantes? Não há nenhuma resposta natural ou que pelo menos faça sentido à vossa ciência.”

“Mas o que é o pior que pode acontecer? Ninguém sabe que o que se passou tem pata extraterrestre. Até podem aparecer umas quantas religiões adoradoras de caracóis por causa disto, mas nós até já temos festivais em honra deles!”

“É mais complicado do que isso. Mas não te preocupes, daqui a uns minutos já não vais ter essa preocupação.”

“Mas tem mesmo que ser assim? Eu não quero ficar com um buraco na memória!”

“Nada de buracos, vais pensar que passaste a tarde toda com os teus amigos no cinema. E que até chegaste a horas de ver o filme!”

“Não é justo! Então nós enfrentamos extraterrestres perigosos, batemos um recorde do *Guinness* e ninguém se vai lembrar de nada disto? Que injustiça!”

E de repente o Rodrigo ficou sozinho no banco. Não tinha gostado nada daquela despedida, mas lá se decidiu a ir até casa da Rita porque o extraterrestre não ia voltar com certeza. Pensou na chuva de camarão, nos caracóis gigantes, no ranho corrosivo e na festa que ainda devia estar decorrer em Loures. Como seria ‘acordar’ e não recordar nada de um dia que tinha tudo para ser recordado? E contado aos netos e bisnetos? Abanou a cabeça ao entrar no edifício e nem reparou que a fachada estava intacta. Subiu as escadas e bateu à porta.

“Olá! Já arejaste tudo?”

“Sim, tudo arejado! E tu Rita, como te sentes? Estás melhor?”

“Melhor? Sim, estou bem, como sempre. Não deveria?...”

O Rodrigo acenou com a cabeça e foi até à janela da sala. Espreitou para a rua e viu que tinha voltado tudo ao normal. Coçou a cabeça sem perceber muito bem o que se tinha passado, será?...

“Então pá? Estás mesmo nas nuvens hoje!”

“Estou um bocado cansado, o dia foi agitado.” E sentou-se ao lado da Madalena com um braço por cima dela.

“Pois, ir ao cinema é sempre cansativo! Cá para mim, o que te cansou foi chegares a horas e não estás habituado a essas coisas!”

E riram-se em conjunto. A noite escura caiu depressa e o Rodrigo ainda não tinha conseguido ordenar as ideias. Quase não falou e os amigos estavam a estranhá-lo, mas ele só voltou a si quando pegou na mala da Madalena antes de acompanhá-la até casa.

“O que tens aqui dentro?” E sem esperar resposta, abriu a mala e tirou um tupperware.

“O que é isso? E como é que isso foi parar à minha mala?”

“É um tupperware com comida! Caracol cozido, para ser mais exato!” Os outros três espreitaram para dentro do recipiente de plástico.

“Ena, que grandes caracoletas essas! Estiveram ontem no festival?”

“Eu não!”

“Eu estive!” E sorriu imenso por ter finalmente a confirmação de que ele ia lembrar-se daquele dia de loucos para sempre!

“Cá para mim estiveste foi a dormir e a sonhar com caracóis, isso sim!”

**FIM**